

# An Image of Our Own

Um jogo de cartas sobre a construção social  
de género

**Mestrado em Design de Comunicação**

Inês Almeida de Lacerda Pereira

Porto, 2021



**esad  
arte+  
design**



# An Image of Our Own

Um jogo de cartas sobre a construção social de género

## **Mestrado em Design de Comunicação**

Inês Almeida de Lacerda Pereira

### **Orientador**

Andrew Howard

### **Co-orientadora**

Ana Raposo

Porto, 2021



**esad**  
**arte+**  
**design**



## **Resumo**

An Image of Our Own é um projeto experimental e interativo que combina ilustração e texto para discutir a construção social de género. O projeto é composto por um jogo com 15 cartas, com ilustrações nas frentes e textos auxiliares nos versos.

Este projeto desafia para uma reflexão sobre género e de como ele é interpretado na sociedade. Com a desigualdade de género como ponto de partida, as ilustrações minimalistas realçam os preconceitos enraizados. No seu conjunto, cria uma imagem coletiva do conceito de género que pretende realçar os efeitos repressivos que a mesma pode ter. O género está presente no nosso dia-a-dia, mesmo que passe, muitas vezes, despercebido, por isso, expô-lo neste jogo confronta-nos com as nossas próprias crenças e comportamentos. Numa linguagem informal e acessível, são dados pontos de partida para iniciar uma conversa sobre a natureza humana. Para jogar só ou acompanhado, e relembrar o que significa, de facto, criar imagens de, com e para pessoas.

Este projeto é relevante para o cenário atual pelo seu carácter social, que valoriza o design por ser multidisciplinar, mas também reacionário e ativista. E se o design pode ser uma ferramenta para a igualdade então os designers carregam essa responsabilidade.

## **Palavras-chave**

Género, design gráfico, ilustração, cultura, sociedade, comunicação visual



## **Abstract**

An Image of Our Own is an experimental and interactive project that combines illustration and text to discuss the social construction of gender. The project consists of a game with 15 cards, with illustrations on the fronts and auxiliary texts on the verses.

This project challenges a reflection on gender and how it is interpreted in society. With gender inequality as a starting point, minimalist illustrations highlight rooted prejudices. Taken as a whole, it creates a collective image of the concept of gender that aims to highlight the repressive effects that it can have. Gender is present in our daily lives, even though it often goes unnoticed, so exposing it in this game confronts us with our own beliefs and behaviors. In an informal and accessible language, starting points are given to start a conversation about human nature. To play alone or with someone, and remember what it really means to create images of, with, and for people.

This project is relevant to the current scenario due to its social character, which values design for being multidisciplinary, but also reactionary and activist. And if design can be a tool for equality then designers carry that responsibility.

## **Key-words**

Gender, graphic design, illustration, culture, society, visual communication

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Andrew Howard e à minha co-orientadora Ana Raposo pelo apoio durante este processo. O vosso espírito crítico permitiu-me chegar a resultados que nunca chegaria sozinha. Obrigada por me desafiarem.

À Cláudia Ferreira, por ouvir sempre uma jovem sonhadora que acredita que pode mudar o mundo. Obrigada por toda a ajuda neste processo.

Agradeço à minha mãe, Isabel Lacerda, por acreditar em mim, até mesmo quando eu não o faço. Por acreditar no meu melhor mesmo conhecendo o meu pior. Por me deixar ser, mesmo que possa não entender. Tem de ser uma das maiores provas de amor que existem e por isso estarei eternamente grata. Obrigada por tudo o que fizeste e continuas a fazer por mim.

À minha irmã Beatriz, por me ajudar a melhorar. És a minha peça de puzzle, aconteça o que acontecer. Mal posso esperar para ver como serão as nossas vidas.

À minha doce Ana Margarida Santos, o meu porto de abrigo. A minha eterna conselheira. A tua crença inabalável em mim faz-me nunca desistir. Que alegria imensa saber que estarás sempre a meu lado.

À Rita Sousa, por me ensinar o verdadeiro significado de coragem. Coragem de mudar e de falhar. E de, mesmo assim, todos os dias tentar. Que continuemos a dançar pela vida fora.

Ao João Duarte, o amigo brilhante que todos deveríamos ter. Inspiras-me. Ensinas-me que a verdadeira força está na empatia.

Ao meu pai, João Rui Lacerda. Obrigada pelas visitas a museus e galerias. Por me mostrares a magia dos livros. Por toda a cultura que me mostraste e que continuamente procuro e consumo.

À minha madrastra, Filomena, e o seu pai, António Serafim, o poeta, e restante família, que fizeram crescer a minha casa.

Um agradecimento às pessoas que o Porto me deu:

À Irem Erdol, a minha irmã turca. Conhecer-te foi uma das melhores coisas na minha vida. Embora eu já tenha uma irmã gémea, encontrei em ti uma verdadeira alma gémea. Estarei sempre grata pela tua amizade. Mesmo que agora estejas a mais de 3000km de distância. Seni seviyorum!

Ao José Filipe Alexandre, eterno pessimista com sentido de humor. Obrigada pelas conversas, fotografias, as melhores sugestões musicais e até pelas discussões! Tens um bom coração que poucas pessoas tem o prazer de verdadeiramente conhecer. Estou feliz por ser uma delas.

À Tessa, a minha holandesa favorita. Obrigada pelos planos sem plano. Pelos jantares inventados e pelas conversas loucas. És a pessoa mais esquisita que conheço e adoo-te exactamente como és! Ik hou van je!

À Catarina Cunha. Porque às vezes a amizade mais improvável nasce entre duas pessoas. Duas pessoas que nas suas diferenças encontram as suas semelhanças. E o que as une.

Aos restantes colegas de mestrado, pelo apoio. Desejo que sejam todos felizes.

Aos meus colegas da Livraria Lello, onde trabalhei em part-time durante o mestrado, por tudo o que me ensinaram. Um agradecimento especial a três das mulheres mais fortes e inspiradoras que conheço: Mariana Martins, Mariana Fraúca e Luísa Couto.

Aos meus companheiros e amigos do karaté, pela vossa amizade e companheirismo. Rita, Zé, Nuno, Vicente e restantes.

À minha família (da parte do pai) por tudo o que me ensinam. Aos meus primos por me mostrarem que a inteligência e o humor são as melhores armas para os desafios da vida. A nova geração que vos terá como pais será brilhante e mal posso esperar para os ver crescer.

À minha família (da parte da mãe), por toda a loucura e carinho sem fim. Por me mostrarem que nunca devo ter vergonha dos meus falhanços, mas aprender sempre com eles. Por me mostrarem que a verdadeira riqueza está no amor e não nos bens materiais. Aos meus primos, por encherem de cor a minha infância e por o continuarem a fazer na vida adulta.

Ao meu Porto, a minha invicta, que não sendo minha se tornou casa.

Obrigada.

**“Human rights are  
women’s rights,**

# and women's rights are human rights.”

“Os direitos humanos são direitos da mulher e direitos da mulher são direitos humanos” é uma frase usada no movimento feminista. Esta ideia remonta às abolicionistas e proto-feministas Sarah Moore Grimké e Angelina Grimké Weld no final da década de 1830. Contudo, a frase ganhou maior reconhecimento nos anos 80 e início dos anos 90 (embora não estas palavras exactas mas o seu significado exacto). O seu uso mais proeminente foi no discurso proferido por Hillary Rodham Clinton, como Primeira Dama dos Estados Unidos, a 5 de Setembro de 1995, na Quarta Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, em Pequim.

|    |                                   |                                |  |
|----|-----------------------------------|--------------------------------|--|
| 1  | <b>Resumo</b>                     |                                |  |
| 3  | <b>Abstract</b>                   |                                |  |
| 4  | <b>Agradecimentos</b>             |                                |  |
| 6  | <b>Epígrafe</b>                   |                                |  |
| 8  | <b>Índice</b>                     |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
| 12 | <b>Introdução</b>                 |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
| 14 | <b>Objectivos da Investigação</b> |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
| 15 | <b>Pertinência do estudo</b>      |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
| 16 | <b>Metodologias</b>               |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
|    |                                   | <b>Parte I: a investigação</b> |  |
|    |                                   | <b>Design social</b>           |  |
| 18 | O papel social do designer        |                                |  |
| 19 | Identidade                        |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
|    |                                   | <b>Género</b>                  |  |
| 20 | Sexo ≠ Género                     |                                |  |
| 20 | Construção social de g+énero      |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
|    |                                   | <b>Imagem</b>                  |  |
| 21 | Representação                     |                                |  |
| 21 | The Default Male                  |                                |  |
|    |                                   |                                |  |
|    |                                   | <b>Ilustração</b>              |  |
| 22 | A imagem aliada ao texto          |                                |  |
| 22 | Ways of Curating                  |                                |  |

|    |  |     |   |
|----|--|-----|---|
|    | <b>Parte II: o projeto</b>             | 88  | <b>Conclusão</b>                                  |
| 26 | <b>Primeira proposta</b>               | 92  | <b>Bibliografia</b>                               |
| 26 | Objetivos                              | 96  | <b>Anexos</b>                                     |
| 26 | Metodologias                           | 96  | Textos completos das cartas em português e inglês |
| 26 | Pontos fortes e pontos fracos          | 106 | Esboços   |
| 32 | <b>Segunda proposta</b>                | 152 | Entrevistas                                       |
| 32 | Referências projetuais                 |     |   |
| 37 | Primeiros testes                       |     |   |
| 42 | Pontos fortes e pontos fracos          | 157 | <b>Cólofon</b>                                    |
| 42 | Metodologias                           |     |   |
| 43 | <b>Projeto final</b>                   |     |   |
| 43 | Ficha técnica do jogo                  |     |   |
| 44 | Versão física completa                 |     |   |
| 52 | Cartas completas: ilustrações e textos |     |   |
| 86 | Versão online gratuita                 |     |   |

**“My dear friend, (...) I feel that I am venturing on nearly untrodden ground, and that I shall advance arguments in opposition to a corrupt public opinion. But I am in search of truth; and no obstacle shall prevent my prosecuting that search. (...) It is impossible that we can answer the purpose of our being, unless we understand that purpose. It is impossible that we should fulfill our duties, unless we comprehend them or live up to our privileges, unless we know what they are.”**

**Sarah Grimké, 1837**

**Letter I: The Original Equality of Woman**

**Amesbury, 7th Mo., 11th, 1837**

**Letters on the Equality of the Sexes Addressed to Mary S. Parker, President of the Boston Female AntiSlavery Society**

# **Introdução**

**Objectivos da Investigação**

**Pertinência do estudo**

**Contextualização**

## Introdução

Após uma análise dos temas atuais identifiquei um problema que gostava de analisar no meu projeto. O que motiva a opressão das mulheres na sociedade? Esta questão não é nova e foi constantemente exposta ao longo da História. Nasceu com as sufragistas, em 1883, na Nova Zelândia. Esta causa espalhou-se por todo o Mundo. Tem sido a questão de muitas pessoas entretanto. Na atualidade, com casos como o da Polónia e as suas leis de aborto, voltou a estar nas bocas do mundo. Eu não sou exceção. Esta questão ressoa em mim como mulher, como designer gráfica e como feminista. Por isso, é o meu objetivo nesta pesquisa. A minha intenção foi analisar o papel do design gráfico nesta causa.

No entanto, a pesquisa surpreendeu, conduzindo para lugares diferentes dos pensados inicialmente. O processo de evolução é um processo difícil e lento, já que questionar as próprias crenças envolve uma autorreflexão e busca de respostas. Envolve ler livros com os quais concordamos, mas principalmente, com os quais não concordamos. É preciso alargar a nossa realidade conhecendo as outras realidades. Só assim, a luta pela igualdade de género pode sê-lo, de facto. Contrariando a vontade inicial de apenas validar as próprias crenças, escolheu-se um tema social, em vez de um tema meramente gráfico. Um desafio, logo desde o início. Não reunir, apenas, os argumentos para validar, mas analisando as diferentes propostas permitiu chegar a um resultado surpreendente. Por isso, o projeto não é só sobre Feminismo. É sobre igualdade e justiça. Sobre hierarquias sociais constantemente repetidas. E, também, sobre a comunicação visual e de como uma imagem pode iniciar mudanças no comportamento. Por isso, analisou-se profundamente o movimento feminista, a sexualidade humana, a construção social de género, a imagem, a semiótica e o poder da ilustração e através do design mostrou-se essas mesmas pontes que interligam estes temas.

O que motiva um humano a oprimir um seu semelhante? É uma questão à qual intelectuais e académicos sempre tentaram responder, quando analisam a natureza humana. Mas não possuindo as qualificações para responder a essa questão, optou-se por explorar o contributo a uma causa, como designer gráfica e estudante de Design de Comunicação. Como feminista e mulher. Mas, principalmente, como ser humano. A única vertente que distingue este trabalho de todos os outros é a sua motivação pessoal, a sua essência.

O movimento feminista tem um impacto considerável neste trabalho, mas lapidou-se metodicamente, retirando a informação excessiva, retirando o extremismo inerente a qualquer movimento popular, retirando os clichés, as cores repetidas ou as falhas no discurso, para chegar ao fim com a matéria-prima em bruto. O género é construído por todos cultural e socialmente por isso pode ser reformulado e adaptado para retratar as pessoas e não as aprisionar em expectativas nocivas. As pessoas não são do género, o género é de cada pessoa. O seu papel não é nem nunca deveria ser predefinir uma inteira identidade, filosofia ou vida.

Neste relatório, será possível acompanhar o desenvolvimento do trabalho, entre esboços, tentativas e erros, já que se considera o processo tão importante como o resultado (uma ideia há muito conhecida, presente na literatura até à filosofia). Esta pesquisa é composta por componentes práticos e teóricos. O meu orientador, Andrew Howard, aconselha muitas vezes a não fugir quando encontramos o primeiro obstáculo e simplesmente, “Learn to stay in the same place and dig deeper”. Ficar no mesmo sítio vai revelar-nos nova informação. Por isso, este relatório acaba é um mapa do caminho feito, desde a investigação das várias temáticas até à concretização do projeto. Na primeira parte, a parte teórica analisa-se a sexualidade humana, o género, a construção social de género, feminismo, representação. Na segunda parte, a parte prática apresenta-se o projeto final mas também os seus precedentes, incluindo os erros e as suas soluções.

Na parte teórica, encontram-se quatro temas centrais: sexo, género, feminismo e imagem. Na primeira, construi-se uma linha cronológica, resumiu-se a história do movimento, seleccionaram-se trabalhos gráficos pertencentes ao movimento feminista num livro, O objetivo era informar, respondendo à crescente hostilidade para com o movimento feminista e as suas vertentes mais tendenciosas ou injustas. Reunindo toda a informação para introduzir o leitor ao movimento e as suas representações gráficas. O resultado final, um livro

extenso, cumpria o seu papel, mas novas necessidades surgiram das novas perguntas que o livro gerou. Em vez de se apresentar o feminismo dividido entre países, etnias e minorias, procurou-se unir todas as vertentes para, de alguma forma, se descobrir o ponto comum. Entendeu-se que todas as pessoas feministas são motivadas pela vontade de reformular certos papéis associados aos géneros.

Por isso, depois do livro surgiu uma grande questão: o Feminismo é apenas sobre mulheres? Descobriu-se que não. Por isso, foi necessário aprender o que significa “homem”, o que significa “mulher”. O que é o sexo e como difere de género. O que é identidade e expressão. O que significa “não binário” Entendeu-se que as mulheres não se sentem corretamente representadas pela imagem de “mulher”, nas suas comunidades, na sua sociedade. As funções que se esperam ser desempenhadas (como filhas, esposas, mães e membros da sua “categoria de género”) são construídas sobre conceitos que não são justos. E forçar um comportamento de aceitação é prejudicial. Para alcançar a igualdade, deve entender-se algo primeiro: “Uma compreensão de como o género é produzido em situações sociais vai permitir esclarecer a interação da estrutura social e os processos de controlo social que a sustentam” (West e Zimmerman, 1987, tradução livre). Mas escolher retratar apenas uma percentagem da população que sobre com estas expectativas seria prejudicial. Porque grande parte desta desigualdade não é só feita contra mulheres. É preciso falar de raças, de orientações sexuais, de classes sociais. Escolher ignorar tudo isto seria, mais uma vez, aumentar as divisões entre as pessoas. Falar de Feminismo não é falar de mulheres que odeiam homens. É falar de pessoas que têm as suas oportunidades e direitos negados baseando-se apenas num ideal de que uma diferença num cromossoma, num genital, numa hormona, numa atração deverá automaticamente criar uma certa pessoa “inferior”. Comprimir a bela e complexa diversidade humana em duas pequenas caixas não é só impossível, mas prejudicial. Culpar os outros pelas nossas falhas não deve ser feito de forma gratuita mas sim com o intuito de mudar para melhor.. É entender onde se pode fazer a diferença.

Portanto, o sexo e o género não são a mesma coisa e são mutáveis. As diferenças biológicas não provam nenhum tipo mais forte ou eficaz que outro. Se um homem não é igual a outro homem, então uma mulher não devia querer ser igual a um homem. Se é impossível definir um ideal, um padrão, porque é que se busca isso? Se uma pessoa, com todas as suas características é em si, ambígua, o que é que isso nos diz sobre toda a construção de género que se enraíza e desenvolve? O que é que isso nos diz da construção da sociedade em si?

Por fim, estudou-se a Imagem e o seu poder de propagar ideias. Procurou entender-se como é que a imagem poderia auxiliar na discussão sobre género, sem cair na armadilha de o fazer pelos mesmos caminhos preconceituosos. Dessa vontade de retratar o género e de como este é tendencioso, fez-se, no início um livro, e no final, um jogo de cartas com ilustrações e textos informativos. As ilustrações jogam com a ideia de “ícone”, de ilustrações tão minimalistas que podem representar um grupo ou um indivíduo, que podem adaptar-se a diferentes comunidades, religiões e países. O resultado atingiu o objetivo de unir as pessoas, de exaltar a empatia, a capacidade de lutar por algo maior. Procurou-se entender a atualidade, e a ideologia que comanda na sociedade onde vivemos. A ilusão do neoliberalismo, de “um-para-todos”, da inclusão que, convenientemente, se esquece de classes sociais, de diferentes etnias, de pobreza, do ambiente, entre outras coisas. Por isso, o resultado tem de ser, verdadeiramente, para todos sim, mas para todos os que possam contribuir para a mudança e usá-lo como uma ferramenta.

Devido à complexidade do tema, busquei respostas em diferentes áreas de estudo para além do design, como a História, a Medicina ou a Sociologia. Após esta recolha, foi preciso mostrá-la. E aí entra a minha abordagem editorial e gráfica. Na segunda parte, a parte prática, encontram-se as respostas práticas a cada temática e termina-se com o resultado final, o jogo de cartas de discussão “An Image of Our Own”.

Por esta altura, o leitor pode estar a interrogar-se do porquê da escolha do tema. Por que não escolher um tema diretamente relacionado com o design gráfico? Falar de grelhas, estruturas, cores e tipografia? Porquê o ativismo? Importa referir que o ativismo é, na sua maioria, feito por cidadãos comuns, e não por designers gráficos. Ou seja, desde os posters feitos em cartão que os manifestantes utilizam ou os livros publicados, os seus resultados

são uma amostra coletiva da cultura popular e das lutas da população. Não seguem uma linha de regras do design gráfico, como uma temática de cores ou símbolos fixos. Partilham um objetivo comum, mas as suas vias de comunicação são variadas. Por isso, preferiu-se fortalecer o conceito para que o design gráfico entrasse como veículo dessa mensagem, e não como a raiz da sua mensagem. Um acontecimento frequente é os designers elaborarem trabalho para outros designers, que pode passar despercebido ao público geral. É preciso estudar, é preciso vontade de entender a sociedade e de tentar melhorá-la. Pretende-se evitar um projeto com um foco meramente estético e vazio de essência, mas sim ligar as duas partes de forma elegante, que pudesse construir um objeto que tornasse uma discussão de género um pouco mais fácil (ou menos difícil). Que pudesse ser usado por crianças ou gerações mais antigas, por oprimidos e opressores (embora estes raramente se reconheçam como tal). Que junte género, relações, cultura, política, hierarquia ou saúde, de uma forma equilibrada, direta e o mais justa possível. Nas palavras de Meredith Davis, em *Building a Culture of Design Research*: “Contemporary design problems are increasingly complex and the goal today is not to simplify things, as we did under modernism, but to manage them.” E como podemos alcançar mudanças num sistema social através do design? Como podemos representar as pessoas, se nem perdemos tempo a entendê-las?

Concluindo, a luta pela igualdade é, muitas vezes, uma luta pela liberdade. Liberdade de escolher o que se quer e não quer. De alcançar algo devido ao mérito. Por isso, o “inimigo” da igualdade pode tomar diferentes formas, manifestando-se através do abuso de poder, de hierarquias injustas, de capitalismo, entre outros. Lutar pela igualdade é, ainda, lutar muitas vezes pelos outros antes de nós. É trabalhar para alcançar soluções em vez de nos limitarmos a “mostrar” o problema. Através das diferentes ferramentas gráficas e visuais, quebrar convenções, questionar padrões, materializar uma alternativa melhor que oriente a mudança. E se o designer tem a possibilidade de fazer melhor então torna-se numa responsabilidade.

## Objetivos da Investigação

Este projecto começou a tomar forma logo a partir do seu título, que foi inspirado no livro “*A Room of One’s Own*” de Virginia Woolf. Numa frase do livro, Woolf resume: “A woman must have money and a room of her own”. Embora estivesse a referir-se à escrita (neste caso ficção), foi uma ideia que este influente ensaio feminista lançou. Woolf sugere que a ausência de ficção feminina é resultado de uma falta de oportunidade, e não de uma nítida ausência de talento. Esta premissa pode-se aplicar a outros fatores e outros tempos. A desigualdade (de género e não só) é motivada pela injusta distribuição de oportunidades, não por falta de mérito mas por motivações egoístas. O que acontece a uma pessoa privada de estímulos, negada de identidade e valor, a quem se corta as oportunidades? A quem não se pergunta a opinião?

Não pode deixar de fazer uma relação com a Bíblia. Embora a autora não seja religiosa e sim atea, entende-se a importância da religião católica na cultura coletiva do mundo onde vivemos. Aquando da criação do homem, refere-se que após a criação do homem, Deus criou a mulher:

“E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.” (Génesis 2:22-24).

Portanto, Deus criou o homem à sua medida e da sua “costela” (que através da tradução do hebraico significa “flanco”, “pedaço”, “lado”, mas também “eixo”) cria a mulher. Sujeito a diversas interpretações, a Bíblia diz-nos que o humano foi criado à medida de um Deus, de um ser puro ao qual se pode desejar alcançar. Proponho algo diferente, proponho uma ima-

gem à nossa medida. Uma imagem mais realista, complexa e verdadeira. Por isso o título deste projeto é “An Image of Our Own”, já que o ideal é alcançar a mudança sim, mas sem antes ter de encarar os problemas. É um processo longo e difícil, porque envolve reconhecer a maldade humana mas também a sua força e luta por mudança.

Através de uma análise às convenções e aos padrões de representação, descobrem-se narrativas socioculturais associadas ao modo de pensar o homem e a mulher e os seus corpos numa sociedade de cariz patriarcal. Recorrendo ao design de comunicação como meio de observação, reflexão e crítica, mostra-se ao observador que, sob o manto de neutralidade, estas imagens constantemente repetidas reproduzem e perpetuam convenções associadas às características de género.

## **Pertinência do estudo**

O interesse desta investigação surgiu da vontade de refletir acerca do modo como qualquer forma de comunicação visual transmite, consciente ou inconscientemente, mensagens, ideias e valores intrinsecamente ligados aos diálogos socioculturais. O foco na ilustração minimalista e iconográfica, surge aliado a dois factores: por um lado, este meio insere-se no campo do design de comunicação, mais especificamente na área do design de informação e sinalética, ao constituir-se de imagens que pretendem comunicar conhecimento de alguma forma gráfica; por outro lado, o seu carácter neutro acaba por nunca o ser, pois carregam convenções de tal forma enraizadas que acabam por condicionar o conteúdo e a leitura. Condicionam, também, o poder de observação e reflexão.

O design gráfico alia-se frequentemente à resolução de problemas e à comunicação de soluções. E, através desta pesquisa, entendeu-se que o maior problema não está nas escolhas gráficas ou formais, mas nos conceitos em que estas se constroem. Percebeu-se que a imagem pode falhar não só por culpa do seu criador, mas por culpa das convenções e diálogos coletivos em que o criador se desenvolveu. Numa tentativa de universalidade (importante em algumas situações já que facilita uma comunicação mais universal e diplomática) escolhe-se representar e alimentar um “tipo” de pessoa, em vez do espectro de possibilidades. Mas, ao sintetizar a realidade visível, a imagem resultante é uma construção irreal, impossível de atingir a partir de um meio de representação automático que prescinde do exercício intencional e consciente de escolha de elementos da representação. Este processo implica, assim, a comunicação de uma mensagem que vai além do conhecimento factual.

O design de comunicação procura produzir suportes visuais que comuniquem e, para isso, é necessário dotá-los de significados que todos entendam. Massironi explica “(a) produção gráfica tal como qualquer outra produção comunicativa, é alimentada e determinada pelos conteúdos que constituem a sociocultura que a gera.”(1982, p.95). Nesses suportes, a imagem adquire um papel preponderante no processo de transmissão de mensagens, ideias e valores culturais. Uma imagem é uma escolha. É, por isso, subjetiva mesmo quando assente na objetividade. O designer de comunicação, ao lidar com a forma gráfica está, até certo ponto, a condicionar o significado que essa forma vai adquirir em quem a observa, já que “o design para uso é design de uso” (Goodall, 1983, p.58)

No âmbito deste projeto, quando falamos de imagem, referimo-nos aos elementos gráficos escolhidos para representar “género” e a sua narrativa coletiva. A percepção do mundo que nos rodeia influencia diretamente o design de comunicação. Partindo do princípio de que comunicar o mundo é agir sobre o mesmo, o designer torna-se um agente responsável pela observação infundável do mundo das imagens. No entanto, este projeto não oferece a resolução do problema desigualdade de género, mas é uma oportunidade de levantar questões aparentemente invisíveis. Portanto, a vertente prática é uma experiência gráfica com o intuito de fazer o observador questionar as ideias associadas ao género e expectativas partilhadas por todos, mesmo que inconscientes. Quando somos confrontados com uma ilustração que, pela sua simplicidade poderia dificultar a compreensão, damos por nós a preencher o espaço em branco. Somos colocados frente-a-frente com questões que não sabemos responder e, principalmente, com os nossos preconceitos.

## **Metodologias**

Estruturou-se este projecto em duas partes: a parte teórica e a parte prática. Na primeira apresenta-se uma revisão acerca das temáticas relacionadas com o projeto: design social, imagem, género e ilustração. Conclui com referências de outros projetos. A segunda parte expõe e detalha o processo de construção do projeto.

# Parte I: a investigação

## **Design social**

O papel social do designer

Identidade

## **Género**

Sexo ≠ Género

Construção social de género

## **Imagem**

Representação

The Default Male

## **Ilustração**

A imagem aliada ao texto

Ways of Curating

## Design Social

### O papel social do designer

Somos todos designer. “All that we do, almost all the time, is design, for design is basic to all human activity” (Papanek, 1984, p.3). O design alia-se à resolução de problemas da vida quotidiana, que por ser comum a todos, carrega uma responsabilidade social. Segundo Papanek (1984), o design deve ser uma ferramenta transdisciplinar, que deve ser inovativa, criativa e sensível às reais necessidades da sociedade. “Design can and must become a way in which young people can participate in changing society”(Papanek, 1984).

Papanek defende, então, um design que sirva o outro e não a ele próprio, ou seja, que sirva uma necessidade humana coletiva e não uma vontade individual. Explica que é responsabilidade do designer as escolhas durante o processo da criação e o impacto na sociedade. Tem de entender como a sua linguagem pode ser universal e adaptável.

Margolin (2014) apoia essa ideia e defende que o papel do designer é dar forma a produtos materiais e imateriais que possam resolver os problemas humanos em larga escala e contribuir para o bem-estar social. Distingue o design social da caridade ou voluntariado, já que é uma contribuição profissional para a sua comunidade, ou seja um trabalho constante e não um passatempo.

Esta visão do design como uma atividade social, reforça a ideia de que todas as mensagens carregam valores sociais, políticos, económicos, ideológicos entre outros. O design influencia direta e indiretamente a sociedade, por isso é uma atividade que carrega a sua responsabilidade.

“First things first”, manifesto publicado por Ken Garland em 1964, assinado por vários designers e depois integrado por mais participantes em 2000, propõe que os designers foquem a sua capacidade criativa para a resolução de problemas ambientais, sociais e culturais pertinentes para a sociedade, em oposição ao trabalho comercial e publicitário:

There are pursuits more worthy of our problem-solving skills. Unprecedented environmental, social and cultural crises demand our attention. Many cultural interventions, social marketing campaigns, books, magazines, exhibitions, educational tools, television programs, films, charitable causes and other information design projects urgently require our expertise and help. We propose a reversal of priorities in favor of more useful, lasting and democratic forms of communication - a mindshift away from product marketing and toward the exploration and production of a new kind of meaning. [...] Consumerism is running uncontested; it must be challenged by other perspectives expressed, in part, through the visual languages and resources of design (Poynor, 2000).

Embora tenham passado 20 anos após a renovação do manifesto First Things First, em 2000., estes aspetos continuam a precisar de ser debatidos.”What makes the manifesto interesting today is the realisation that its premises appear as radical now as they did 30 years ago. And more significantly, the issue it addresses is as unresolved now as it was then”(Howard, 1994). O posicionamento social e político é inerente à atividade do design e por isso é prejudicial se for neutro. Não se trata de uma escolha pessoal mas de uma característica inevitável da prática do design. Conforme Howard (2000), designers não comunicam apenas informações, todo o design incorpora valores sociais e ideológicos. Não se trata de recusar todos os trabalhos comerciais pois são essenciais para a subsistência mas Importa prestar atenção “not just at the content of our work but also the forms it takes, and the extent to which channels of communication and expression are open and accessible”. A forma, tal como o conteúdo tem de ser acessível. O autor,

assinante do manifesto de 2000, e, curiosamente, o meu orientador neste projecto, aconselhou-me numa altura de dúvidas: “Solutions will always vary according to context, interpretation and vision. There are no absolute answers. Learn instead to ask the right questions and allow the nature of the journey to determine the best destination”.

Segundo Margolin (2014), o designer deve preocupar-se com ser acessível. É necessário ter por objetivo beneficiar o maior número de pessoas possível através de práticas socialmente responsáveis. Munari (1981) também reitera essa noção de coletividade: “O designer é um projetista dotado de sentido estético, que trabalha para a comunidade”. É preciso envolvermo-nos na sociedade e sermos ativos na sua mudança. Munari diz que “uma pessoa reativa recebe e dá continuamente cultura à comunidade, cresce com a comunidade; uma pessoa não criativa é frequentemente um individualista (...) mais correto ocuparmo-nos dos problemas sociais do que dos problemas individuais (Munari, 1981, p.20).

Por isso, a motivação deste projeto é a de fazer as perguntas certas e não mostrar as minhas técnicas gráficas ou mesmo as minhas convicções. O conceito fala por si.

## Identidade

O que é uma identidade? Mário Moura explica no seu livro, “O Design que o Design Não Vê”(2018):

Mais do que uma etiqueta, a identidade é uma abreviatura, algo que se diz para não dizer coisas maiores, para as quais talvez nem haja palavras que cheguem. Contudo, sempre que se usa uma destas abreviaturas, ficam menos coisas que podemos ser, menos sítios onde podemos ir, menos o que podemos fazer. Pou-pam trabalho tanto quanto o limitam.

O autor explica, também, que o design é uma prática que valoriza a humildade e o apagamento, exige também uma constante transmissão de histórias e valores. Essa mesma contradição é intrigante e, tal como Moura concluiu, é crucial no próprio processo de design. “Se o design se especializava na produção de identidades, seria de esperar que os seus praticantes também investissem boa parte do esforço nas suas próprias”.

Então, qual o caminho certo a seguir? Em “The Bases of Design” (1898, p.185), Walter Crane explica:

Essas predilecções e idiossincrasias pessoais, que todos possuímos, essas diferenças de temperamento e qualidade de percepção que afectam o nosso sentido da cor e da forma, que explicam as variações de tratamento na representação, no design ou no desenho, dos mesmos objectos por pessoas diferentes. O que são e donde vêm? Elas pertencem à própria constituição das nossas mentes e corpos; ultrapassam o nosso próprio controlo e, muitas vezes, quase a nossa própria consciência. Pertencem aos nossos progenitores e antepassados talvez tanto quanto a nós mesmos, e estão perdidas nos registos fragmentados de histórias familiares passadas; só podemos dizer que certas cores e formas aparecem de tal modo aos nossos olhos, que nos deleitamos mais que outros porque assim estamos preparados. Essas indicações de carácter e preferências são geralmente detectáveis, quando há pistas e registos, na raça ou na mistura de raças donde surgimos.”

Então como encontrar o equilíbrio? Como não limitar o conteúdo pelas nossas crenças mas orientá-lo da melhor maneira? Paul Rand, designer modernista, de-

fendia que “O bom design é boa vontade” (“Good Design is Goodwill”, 1987, em Design, Form and Chaos, New Haven, Yale University Press, 1993).

## **Género**

### **Sexo ≠ Género**

A Organização Mundial de Saúde explica que “Gender describes those characteristics of women and men that are largely socially created, while ‘sex’ encompasses those that are biologically determined. However, these terms are often mistakenly used interchangeably in scientific literature, health policy, and legislation.” As características anatómicas associadas ao sexo são necessárias à compreensão biológica de cada corpo, mas as características de género não são. Se a categoria sexual (e as suas características anatómicas correspondentes) era outrora entendida como condição imutável, como producto de um acaso da natureza, como algo eterno, esta parece ter vindo a perder essa dimensão perene. A Medicina consegue, até certo ponto, condicionar um corpo. No entanto, a determinação sexual veio sempre obrigatoriamente ligada com o género.

O assumir de um género e a sua afirmação através do nosso comportamento (a imagem que passamos aos outros) têm um impacto crucial na forma como nos relacionamos em sociedade. Mas o determinismo biológico choca muitas vezes com o género. As características de género têm-se libertado da sua relação directa com o sexo correspondente, convertendo-se num conjunto de possibilidades, fruto de uma opção individual e contextual (Butler, 1999)

Mas se falar de género é falar de conceitos mutáveis, encontramos nas representações gráficas uma certa rigidez. E essa rigidez está presente na cultura de massas, a comunicar mensagens e ideias constantemente repetidas e reforçadas.

### **Construção social de género**

Judith Lorber, no seu livro “Paradoxes of Gender” (1994) explora a criação de género através das relações e por isso entend-se que o género é socialmente construído, ao contrário do sexo que é determinado pela natureza.

Talking about gender for most people is the equivalent of fish talking about water. Gender is so much the routine ground of everyday activities that questioning its taken-for-granted assumptions and presuppositions is like wondering about whether the sun will come up. Gender is so pervasive that in our society we assume it is bred into our genes. Most people find it hard to believe that gender is constantly created and re-created out of human interaction, out of social life, and is the texture and order of that social life.

Ou seja, as expectativas para cada género são coletivamente conhecidas e partilhadas. São transmitidas através das relações sociais e reforçadas. A sociedade constantemente “faz género”：“(...) gender, like culture, is a human production that depends on everyone constantly ‘doing gender’ (West and Zimmerman, 1987). O género é algo tão familiar na nossa vida quotidiana que, geralmente, só é notado quando existe uma perturbação das nossas expectativas do que significa ser “mulher” ou “homem”. O género é frequentemente mais notado quando é ambíguo, pois há a necessidade de identificar o outro.

## Imagem

### Representação

Representação implica algo registado na realidade visível num suporte. A representação é influenciada pela técnica de representação mas também pelas convenções de representação. Por isso, representar algo visualmente é escolher os elementos formais que vão construir essa imagem. Intencionalmente comunicar-se-á uma mensagem, que conscientemente ou inconscientemente comunicará uma mensagem. Steir e Lightman referem: “Figuration of any kind, and in any medium, is a complex form of cultural storytelling.” (2006).

Então, uma representação visual transporta sentido remetendo para um determinado referente através de uma relação de analogia construída a nível da linguagem. Só conhecemos aquilo que soubermos nomear. “The limits of my language mean the limits of my world.” (Ludwig Wittgenstein Tractatus Logico-Philosophicus, 1922).

É, então, necessária, uma consciência ativa de representar da melhor maneira possível a mensagem. Representar de forma o mais honesta possível, para que esse conhecimento seja partilhado pela sociedade onde vivemos.

### The Default Male

Mas e se a representação é injusta? E se apresenta um grande buraco negro que se escolhe ignorar? Caroline Criado Perez explica, no seu livro “Invisible Women: Exposing Data Bias in a World Designed for Men”(2019):

Most of recorded human history is one big data gap. Starting with the theory of Man the Hunter, the chroniclers of the past have left little space for women’s role in the evolution of humanity, whether cultural or biological. Instead, the lives of men have been taken to represent those of humans overall.

Importa referir que esta ocultação de informação pode não ser premeditada, mas tem, definitivamente, as suas consequências.

One of the most important things to say about the gender data gap is that it is not generally malicious, or even deliberate. Quite the opposite. It is simply the product of a way of thinking that has been around for millennia and is therefore a kind of *not* thinking. A double not thinking, even: men go without saying, and women don’t get said at all. Because when we say human, on the whole, we mean man.

Esta observação de Perez não é nova, Simone de Beauvoir tornou-a famosa quando em 1949 escreveu “humanity is male and man defines woman not in herself, but as relative to him; she is not regarded as an autonomous being [...] He is the Subject, he is the Absolute – she is the Other. (Beauvoir,[1949],The Second Sex, Vintage, 2011).

O que motiva a violência e opressão? Perez esclarece “sex is not the reason women are excluded from data. Gender is.” O mundo em que vivemos foi construído para acomodar as necessidades de um tipo padrão de humano. Com a complexidade da humanidade, não podemos, de todo, forçar um “tamanho-para-todos”. “Homem” não pode ser definição ou padrão. Tem de ser uma possibilidade. E temos de abrir as possibilidades de representar os outros tipos.

## A imagem aliada ao texto

Segundo Nikolajeva e Scott (2011), numa linguagem semiótica, as imagens e as palavras comunicam de forma diferente. Enquanto as imagens são signos icônicos e tem como função representar, as palavras são signos convencionais que têm por função narrar. Os textos são lidos de forma linear. Já as imagens podem ser lidas em qualquer ordem ou direção. Essa relação enriquece uma comunicação. É a partir da relação entre texto e imagem que o leitor atribui significado. A ilustração e o texto aliam-se para colmatar as fraquezas uma da outra. Conforme Nikolajeva e Scott (2011, p.15), “o texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/espectador completar: tanto palavras como imagens podem ser evocativas a seu modo e independentes entre si”. Portanto, se não existirem lacunas entre a imagem e o texto, então não existe espaço para a participação do leitor/observador, por isso a leitura será passiva. Heitor Alvelos explica:

Não há razão óbvia para sermos críticos quando comunicamos com uma audiência, mas da mesma forma, não há razão para não convidar uma audiência para um espaço de conhecimento que tenta ser mais do que um espelho tranquilizador das suas próprias certezas e expectativas

Como refere U. Eco, o signo é “alguma coisa que está em lugar de outra, ou por outra” e, citando C. S. Peirce, “something which stands to somebody for something in some respect or capacity” (2004, p. 70). Por isso, a ilustração não poderá ser realista, pois condiciona a representação. Deverá servir como um estímulo visual, não demasiado abstrata que não sustente o texto, mas não demasiado concreta que o limita.

Neste projeto, o observador é questionado sobre situações com as quais cresceu e que, para o bem e para o mal, fazem parte da vida quotidiana. Desafia-se a uma reflexão. “To experiment is to act in order to see what the action leads to. The most fundamental experimental question is, — What if?” (Donald Schön).

Por isso, o projeto desenrola-se nessa metodologia. Mostrar uma situação e perguntar “E se?”. O que podia mudar? Utilizando o design gráfico e a ilustração de forma a conectar certas ideias e estimular uma resposta. Não se apresenta a solução, pois o design não é a resposta absoluta para acabar com a desigualdade de género, mas é uma das maneiras de agir sobre a mesma. “Design is not a piece of the puzzle, it is a way of putting the puzzle together”. (Howard)

## Ways of Curating

Na decisão das temáticas a representar, foi necessário uma pesquisa aprofundada. Foi preciso uma vontade altruísta de representar muitas situações que não fazem, felizmente, parte da minha realidade. Mas é necessário representar na totalidade, não escolher classes ou ideologias. As situações escolhidas acabam por ser uma coleção de relações sociais e das vidas humanas. Fazer coleções de informações é uma maneira de produzir conhecimento (Obrist, 2014).

Ao mostrar situações que acontecem na nossa vida quotidiana, questiono se poderia existir uma alternativa. Será que uma mudança da ideia coletiva de género seria possível? Ou acabaria com a ordem social como a conhecemos e abrir caminho ao caos? George Perec explora esta ideia de que a ordem implica desordem e vice-versa no seu ensaio “Penser/Classer (Pensar/Classificar). Explica que nada pode ser definitivo e que os sistemas que se constroem nessa falácia estão destinados ao fracasso. A mudança e a evolução estão intrinsecamente ligadas

com a desordem. Com o romper das normas. Se assim não fosse, ainda acharíamos que a terra era plana ou que tomar banho é prejudicial. É necessário questionar e não ter medo de o fazer. É preciso abrir espaço para a diversidade. Um jardim só é equilibrado se várias espécies coexistirem em liberdade e harmonia. “My problem with classifications is, that they don’t last; as soon as I have finished a certain order, it is already lapsed. Like everyone else I sometimes have a mania of ordering things.” (Perec, 1985).

E, tendo em conta o árduo trabalho de classificar, como vivemos as nossas vidas assim? As regras das relações sociais não se alteram se envolvermos toda a gente. Quanto muito, enriquecem-se. É necessário existir espaço para o outro, para que a evolução ocorra. Então, como podemos fazer a nossa parte? Como podemos ser mais justos nas nossas representações. Utilizando as palavras de Caroline Criado Perez, “(...) it turns out that the answer was staring us in the face all along. All ‘people’ needed to do was ask”. (Invisible Women: Exposing Data Bias in a World Designed for Men, 2019)

**“The body is what it is perceived to be; it could be otherwise if perception were different.”**

**David Armstrong 1987**

# Capítulo II: o projeto

## **Primeira proposta**

Objetivo

Conceito

Pontos fortes e pontos fracos

## **Segunda proposta**

Conceito

Referências projectuais

Pontos fortes e pontos fracos

## **Projeto final**

Conceito

Referências projectuais

## **Primeira proposta**

Livro “An Image of Her Own”, um livro que reúne uma história do Feminismo, desde o seu nascimento até aos dias de hoje, cobrindo as “waves”, e apresentando uma coleção de algumas representações gráficas aliadas ao movimento. Enaltece-se os ideais do movimento, as vertentes, as suas produções e a sua ligação com a cultura popular. Comunicação visual e ativismo aliam-se num compêndio de um movimento para a erradicação da desigualdade de género. Numa parte teórica apresenta-se a pesquisa e na parte prática experiências gráficas sobre género.

## **Objetivo**

Durante a pesquisa sobre o movimento feminista percebeu-se que uma das maiores falhas é a falta de informação. Tanto pelas pessoas que interpretam de forma errada os ideais e desenvolvem grupos ou instituições extremistas, quer pelo público em geral que não entende o próprio movimento. A fragmentação enfraquece o movimento e, conseqüentemente, fica cada vez mais difícil perceber o que é o feminismo e onde pode atuar. Por isso, este livro vinha responder à crescente confusão que tem vindo a descredibilizar as pessoas feministas e o movimento em si.

## **Metodologias**

Definiu-se três temáticas de pesquisa: Mulher, Feminismo e Ativismo. Conduziram-se entrevistas (via online por causa do distanciamento social) com três mulheres de cada uma das áreas: Cláudia Ferreira (47 anos, técnica superior e investigadora de Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais), Juliana Bosch (28 anos, fundadora do primeiro grupo feminista em Eindhoven, Holanda) e Inês Mourão (24 anos, ativista e designer gráfica, e fundadora do grupo Nasty Women Portugal). Disponibiliza-se estas entrevistas nos Anexos. Depois uma pesquisa extensa completou cada capítulo. Criaram-se representações gráficas para diferentes estatísticas (desigualdade salarial, violência doméstica, ...) e reuniu-se uma coleção de imagens de diferentes trabalhos.

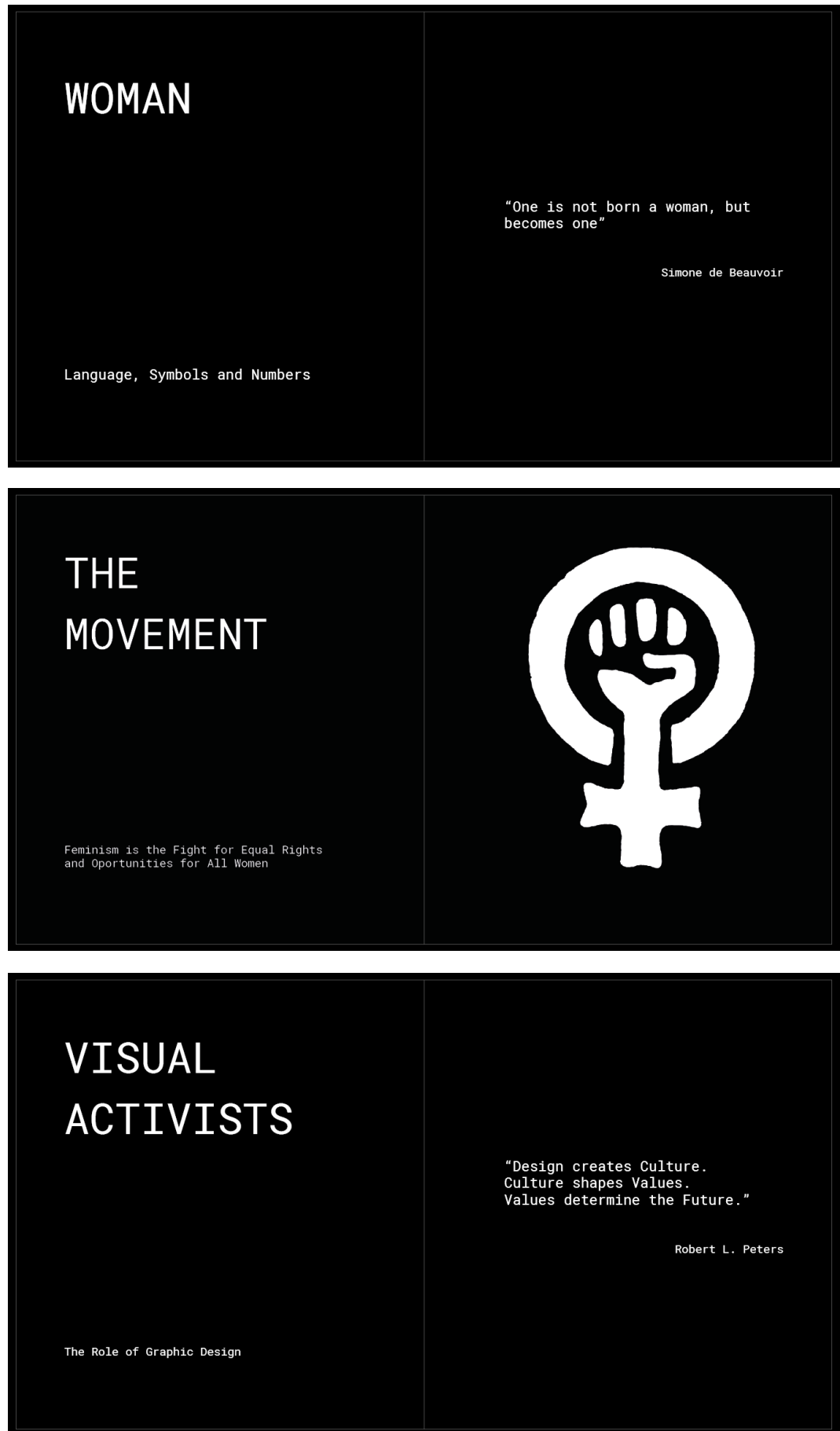
## **Pontes fortes e pontos fracos**

Embora o livro cumprisse na íntegra o objetivo de informar, pela sua extensa pesquisa, discutiu-se com os orientadores possibilidades de melhoramento. Apontaram-se alguns pontos menos bons. O resultado final era um livro puramente académico e formal. Questionou-se em reunião, como poderia ser um projeto mais experimental, onde o design gráfico pudesse contribuir como ferramenta óbvia de comunicação visual. Que o design gráfico fosse central no conceito. Por isso, foi preciso repensar a abordagem. Como fazer o observador refletir sobre género, se muitas vezes, passa despercebido? Como mostrar tudo o que está associado à desigualdade? Como representar certas situações visualmente e de forma clara para que os observadores entendam e, conseqüentemente, participem?

Embora este projeto tenha sido descartado, os exercícios visuais acabaram por introduzir as experiências que conduziram ao resultado final. Entendeu-se que uma abordagem mais completa teria de ser menos específica, ou seja, não ser só sobre feminismo nem só sobre mulheres. Após uma Open Talk da Esad com Jessica Helfand (11/02/2021), um conselho dado pela designer foi “in order to gain territory you have to lose some focus”. Foi, então, filtrado tudo o que era informação em excesso até chegar à essência: desigualdade. Por isso, trabalhou-se para se alcançar um trabalho mais amplo, que pudesse englobar classes sociais, orientações sexuais, hierarquias, entre outros.

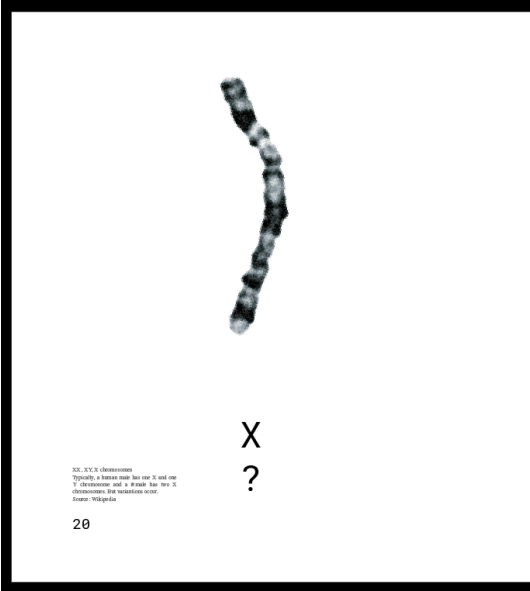


**Fig. 1**  
Livro "An Image of Her Own". Primeira proposta de projeto. Capa e lombada. Um livro com a história do Feminismo e alguns exemplos de trabalhos gráficos aliados ao movimento. A arte da capa é uma colagem, que retrata as diferentes facetas da imagem coletiva de "mulher". É possível ver na íntegra em "Anexos"



**Fig. 2**  
Pormenores dos spreads de cada capítulo: Mulher, Feminismo e Ativismo.





XX, X,Y,X chromosomes  
Typically, a human male has one X and one Y chromosome and a female has two X chromosomes. All humans are diploid.  
Source: Wikipedia

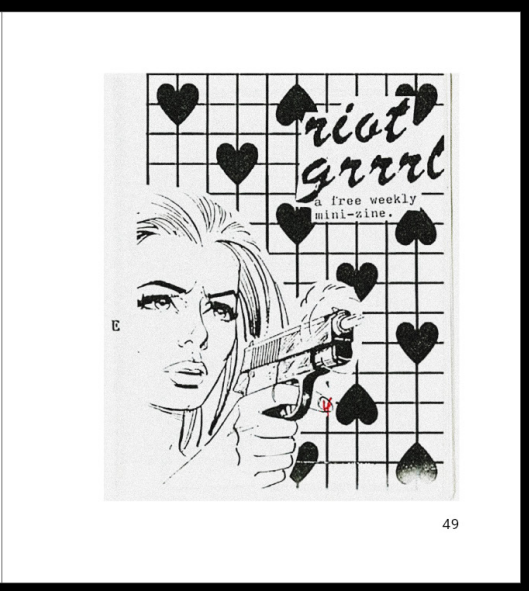
### Disorders of Sex Development

- Congenital Adrenal Hyperplasia
- Androgen Insensitivity Syndrome
- Aromatase Deficiency
- 5-Alpha-Reductase Deficiency
- Klinefelter Syndrome
- Ovotesticular Disorder
- Turner Syndrome
- Pure Gonadal Dysgenesis
- Sayer Syndrome
- Kallmann Syndrome
- Ambiguous Genitalia and Hermaphrodites

**39,641 333 people\***

It's easy to think about this people as the "exception", since comparing to the 7.8 billion people worldwide, it refers to, approximately, 0.5% of the human population. But it's different to see the number. These are people, living alongside us, that constantly feel like they don't belong within the "two gender boxes" that society agreed upon. They are expected to act in one way or the other. And no in between. And even if they are transvestites people still expect them to act like the "preferred gender". How many times have we heard: "If he wants to be a woman, why doesn't he act like one?"

\*This calculation an approximation and were made according to the sources provided by World Bank, in September 2020. These numbers refer to the trans only.



Groups like Ladies\*, Wine\*\* & Design is a global nonprofit initiative with chapters in 20+ cities worldwide. LW&D was founded in 2015 by Jessica Walsh after she happened. Only 1% of creative agencies are founded by women & non-binary people, and the numbers are even smaller for women-of-color-history BIPOC. Our mission is to see excellence in the creative industry, especially within leadership roles. LW&D takes an intersectional approach to this work. We offer free mentorship circles, portfolio reviews, talks & creative meetings for underrepresented creatives.

\*Our space is inclusive of all women, non-binary, genderqueer and gender non-conforming people. Self-identification is at the sole discretion of the individual. If you feel you could benefit from a space meant for people who do not identify as cis men to share ideas and collaborate - you are welcome. \*\*Alcohol is entirely optional, you can drink tea, coffee, or whatever you like!

<https://ladieswineanddesign.com>

Explore the world within you.

I am a woman with thoughts and questions and shit to say. I say it if I'm beautiful. I say it if I'm strong. You will not determine my story — I will.

**RISE UP. SHOW UP. UNITE!**

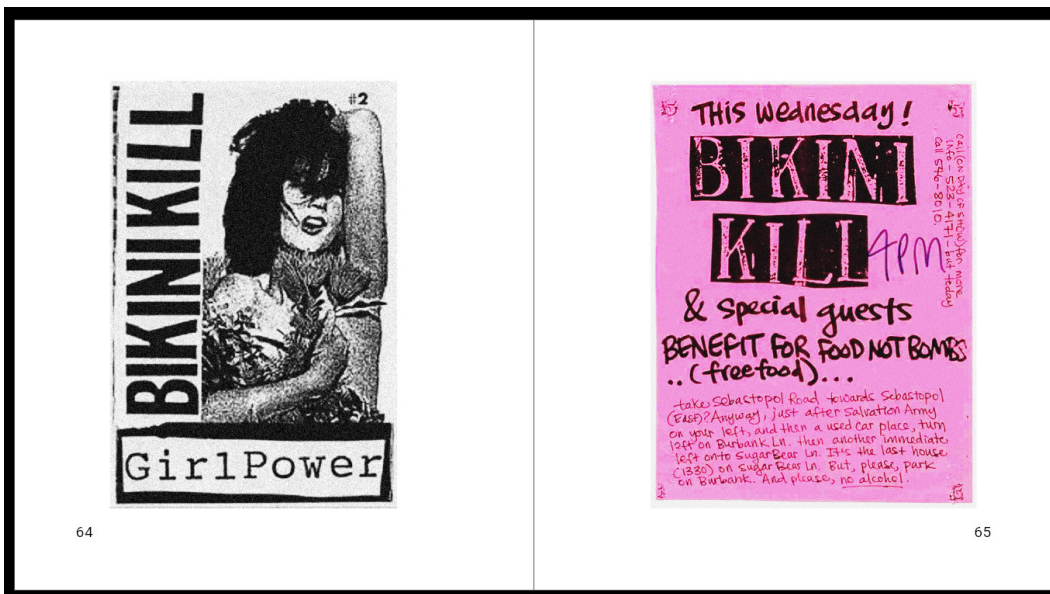
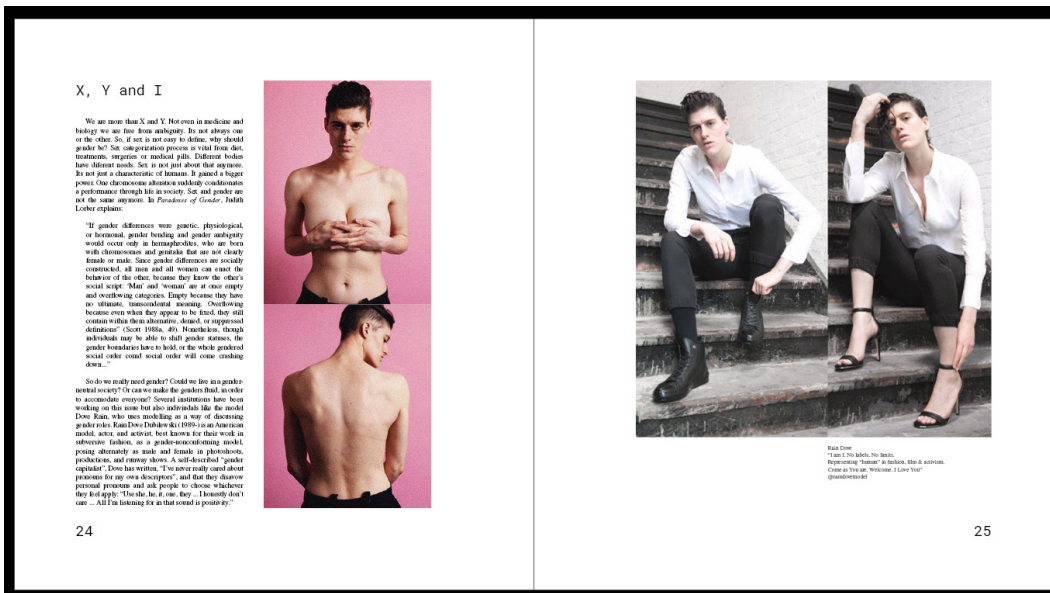
It took me quite a time to develop a voice, and now that I have it, I am not going to be silent.

### Ladies, Wine & Design

Empowering women & non-binary creatives around the world. 🌍



Fig. 4 Pormenores de alguns spreads.



## Segunda Proposta

A segunda proposta veio corrigir as falhas da primeira proposta.

## Referências projetuais

Após uma pesquisa sobre trabalhos que abordassem gênero selecionaram-se alguns projetos que serviram de inspiração. Os próximos projetos aliam-se com o design para retratar problemáticas de gênero.

## Gender Creative Kids Canada

Identidades de gênero explicadas de forma acessível. Gender Creative Kids é uma organização comunitária que apoia jovens trans, não binários, “gender fluid” (fluidos de gênero) na sua afirmação junto das famílias, escolas, e comunidades desde 2013.

Fonte: <https://gendercreativekids.com/>

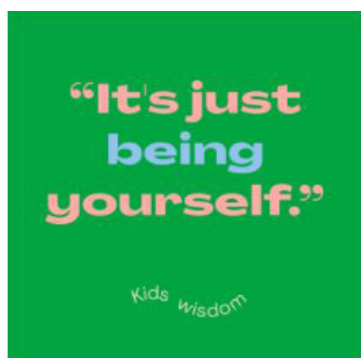
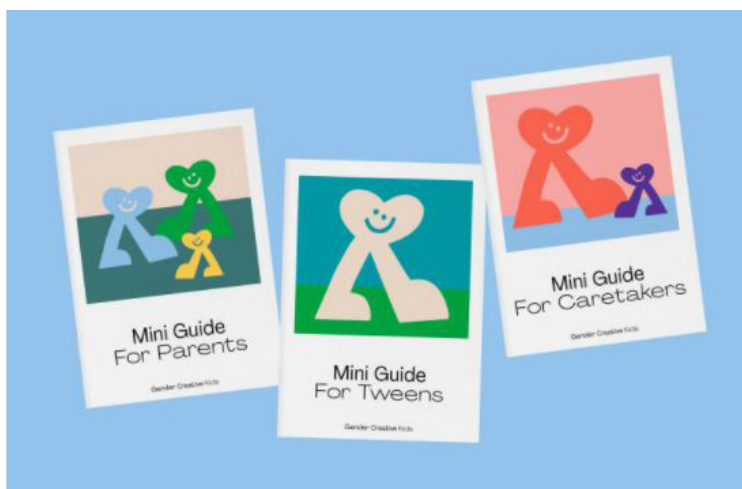
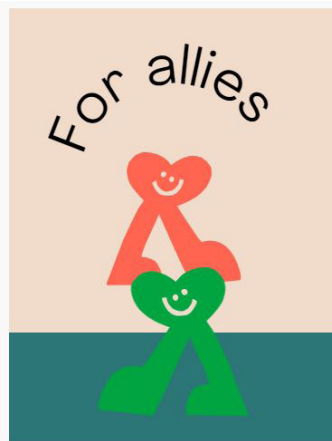
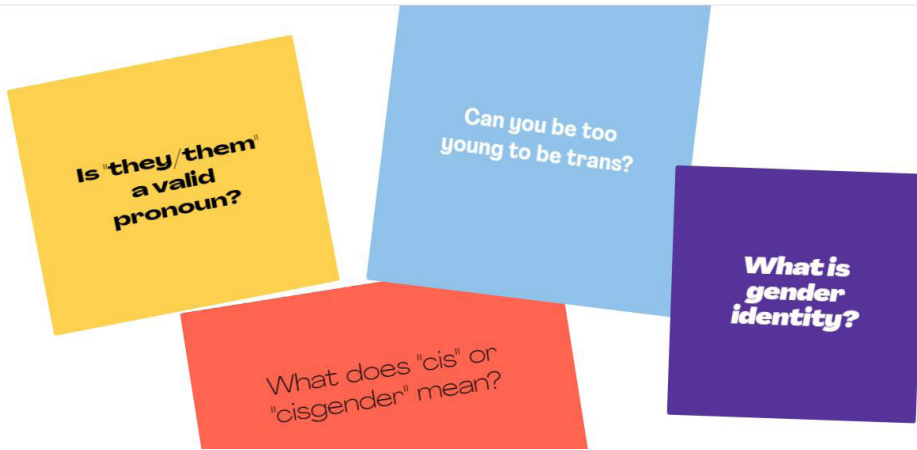
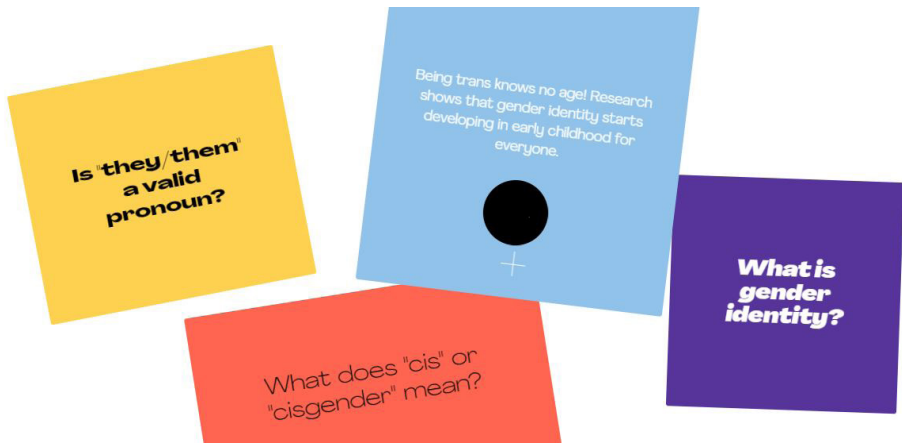


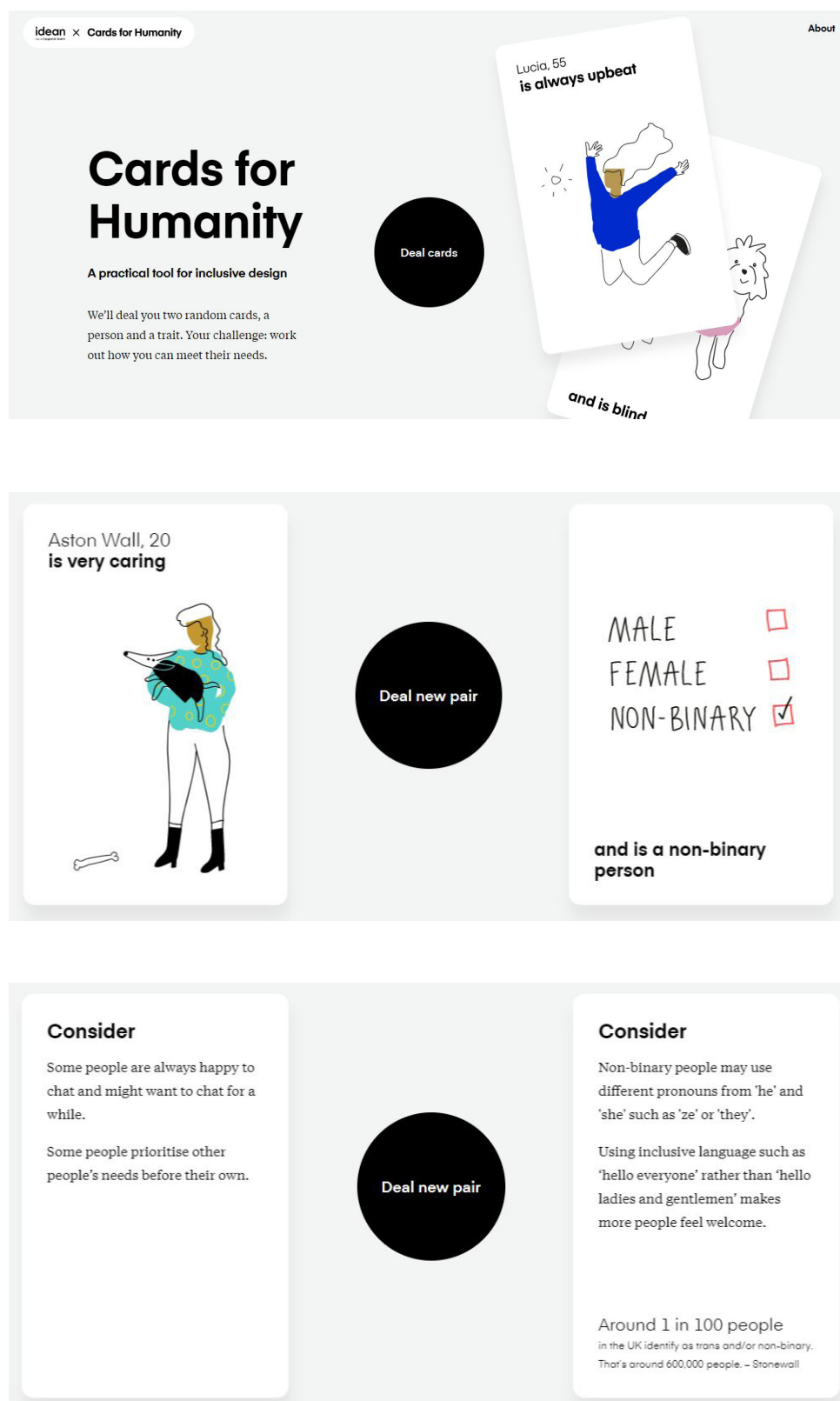
Fig. 5  
Wedge: Gender Creative Kids Canada (Copyright © Wedge, 2021)





## Cards for Humanity

É uma ferramenta prática para ajudar a conceber de forma mais inclusiva. A concepção inclusive permite a todos aceder, utilizar e desfrutar de uma experiência de um serviço. Não importa qual a sua situação ou contexto. Como jogar? Tirar duas cartas: uma pessoa e um traço/característica. Juntas criam um cenário de utilizador aleatório. Utilizando este cenário para testar um produto, serviço ou conceito a partir de uma perspectiva diferente. <https://cardsforhumanity.idean.com/>



**Fig. 6**  
Cards for Humanity.  
Site: <https://cardsforhumanity.idean.com/>

## Win-Win: Diverse Playing Cards

Um jogo de cartas desenvolvido por Tanya Kar, enquanto estudante do Savannah College of Art and Design (SCAD), em 2020.

Happiness shouldn't be limited to only a handful—it should be inclusive of all people, irrespective of their gender, race, sexual orientation, nationality and beliefs. We, as millennials, being a more liberal generation, should be at the forefront of this movement, shunning the traditional ideas and creating a future where everyone belongs. My objective is to create work which is diverse, which celebrates people over everything else and that's where Win-Win comes in. These are a set of diverse playing cards which follow a theme of Gender Identity and Sexual Orientation. Each card is a unique individual with a specific virtue.



Fig. 7  
Win-Win: Diverse Playing Cards  
Tanya Kar

## AnyThink Creative Cards

Este jogo é uma ferramenta para inspirar e ajudar os criativos a agir, a explorar novas abordagens e a encontrar novos caminhos. O baralho é baseado na metodologia do pensamento do design e está dividido em 4 seções: empatizar, definir, idealizar e protótipo. Cada seção tem 10 cartas diferentes que podem ser utilizadas em diferentes fases de design.

Para mais informações: <http://wearecritical.com/anythink>

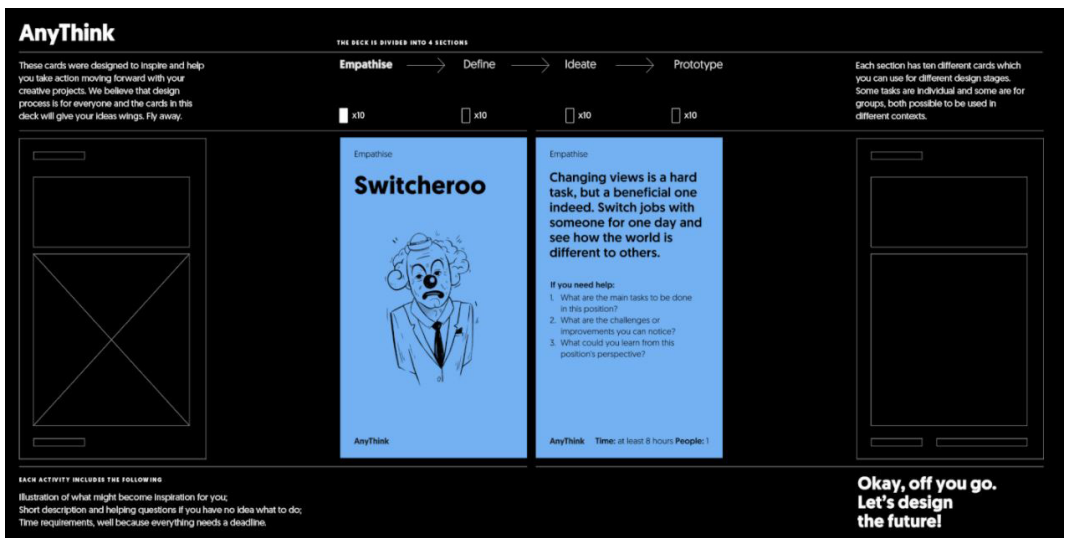
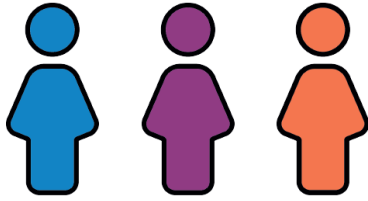


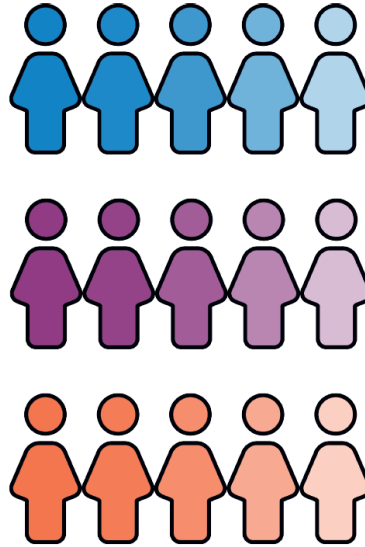
Fig. 8  
AnyThink Creativity Cards

## Primeiros testes

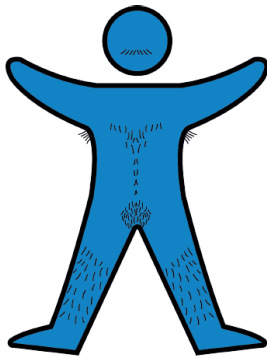
### X, Y and I



Science recognizes, in humans and most mammals, two sex chromosomes: X and Y. Females have XX and males XY. Pretty straight forward, right? But, it matters to know that hermaphrodites may have XX chromosomes, XY chromosomes or both. And that there are 11 disorders of sex development. That people can be X, YY or even XYY. There are 8,324,608 possible combinations of 23 chromosome pairs. And sex is just one of those pairs. We are not just one or the other. So, do we need these boxes? Could we live without them? Could we create more? Could we make them wider?

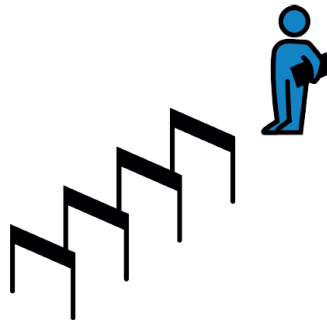


### Body hair



Everybody has hair, all over the body. It's really useful. It isolates, protects from external aggressions, helps in the evaporation of sweat and retains smells. Patterns of growing hair are pretty similar between humans, but alterations in several factors, like hormones, will make small changes. In this cases, they both have the same hair. However, one can have it long and show it and the other is embarrassed. It's even called out for showing it. Why is it natural for some and discussing for others? Isn't it, after all, the same hair?

### Education



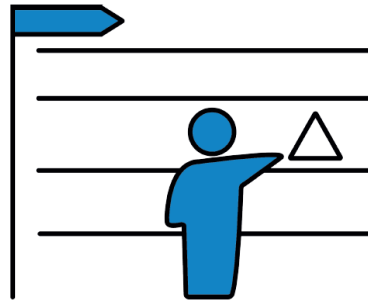
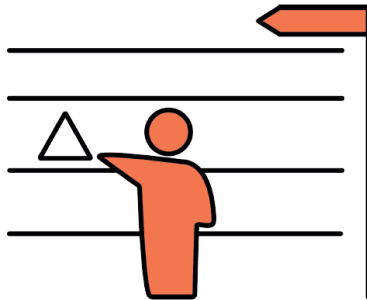
Some people don't like school. But others really want to study. But they can't, because the society they live in says they we're not meant for that. But some study, however can't work on their field because it's not accessive for them. And some struggle with time, also. Because there comes a time where they must choose between family or a career. And they will be judged, no matter the decision they make. Everyone should be able to study what they want and have equal opportunities to work. Could it be easier for them? Could it be easier for everyone?

## House work



After a long day of work, some relax on the couch while others take care of the children, cook meals and do other work. Doesn't sound fair, but it happens. Everybody just does it because that's how things are supposed to be. Maybe, if they all worked together in the house, they could all relax together. I'm sure that would be nice for all. Can we change this?

## Toys



Children love toys. These both want the same toy. However, in the store, one must buy in one section and the other in a different section. Getting a toy from the other section is perceived as breaking the rules. And maybe some will never get the toy they want because of that. Wouldn't it be nice to have all the toys together? Like that, everyone could have what they want. They could discover something new and even play side by side. Could we do it?

## Rearing



Parenting is hard work. It takes two to do the job. However, we expect that one was just born to do it, that it's natural. And when the other one does it, it's amazing. Why? And why do we hold responsible one of the parent for not doing/not knowing how? And reward the other just for learning? Isn't it, after all, a shared responsibility? Parents should take care of their children. Couldn't we all learn together? And help each other?

## Caretaker



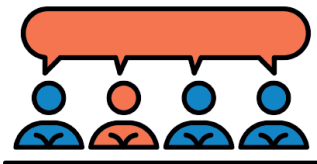
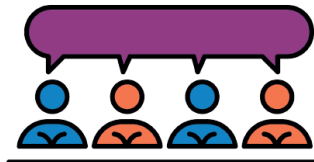
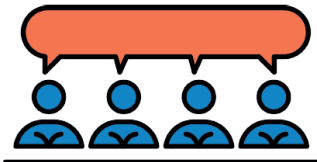
Some people need assistance. Because of a disease or because of old age. We needed as children and we will most likely need when seniors. For that we have a lot of professionals. But some people can't afford that for their families or friends. So someone has to take care of them as an unpaid job adding to the regular work hours. However, this role of caretaker, is expected to be performed by only some. And although it's hard work, it's still not recognized as that. Weird, right? How can there be no support for society's own support?

## Clothes



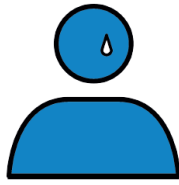
Clothes are a lot of things. Comfort. Protection. Style. Expression. Most of the times we are searching for the same but we are told we're not. So, everyone buys in their own section, and again, breaks the rules if buying on the other. Why? It's not like we only have a limited number of clothes and they will steal our section. I think it would be nice, shopping whatever we want. We could even discover a new style for ourselves, or carry on with our own. You think we could do that?

## Decisions and solutions



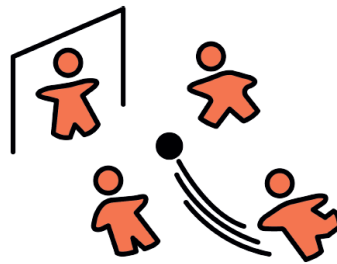
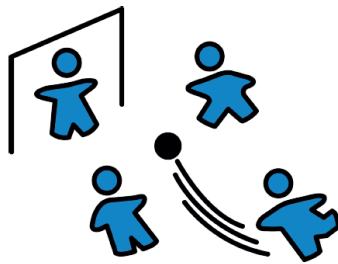
Decisions should be made for the people that will experience them, right? Sometimes, solutions shouldn't be one-for-all. But when they are for everyone, shouldn't we ask everyone? When discussing important matters, it's vital to have everyone at the table. Because, if we don't ask the other, we risk never reaching the answer. Who knows, we may even find a new solution. Have you asked?

## Feelings



Everybody feels. In different ways, but we all do. Emotions are natural. But, somehow, society says it's ok for some to show it and embarrassing for others. But wait, if the ones who can show it, just show to much they are dramatic or hysterical. It's like we are weak if we feel and if we don't feel, it's crazy, you just can't win. We should be in touch with our emotions. That's healthy. And maybe we can also start paying attention to others' emotions. Maybe we will find we share a lot of feelings. Wouldn't it be great, a world where everyone can feel?

## X, Y and I



Sports are really cool. In this case, they are all playing the same one. Like in every modality, there are pros and amateurs. But they all play. Their equipment, practices and materials are the same. They even cost the same. And yes, you guessed it, the ball is the same. However, they are not getting pay the same. Or even getting the same attention and support. Not to mention sponsorships or working statute. Why? Shouldn't we all have a chance? To achieve success based on our talent?

## WC



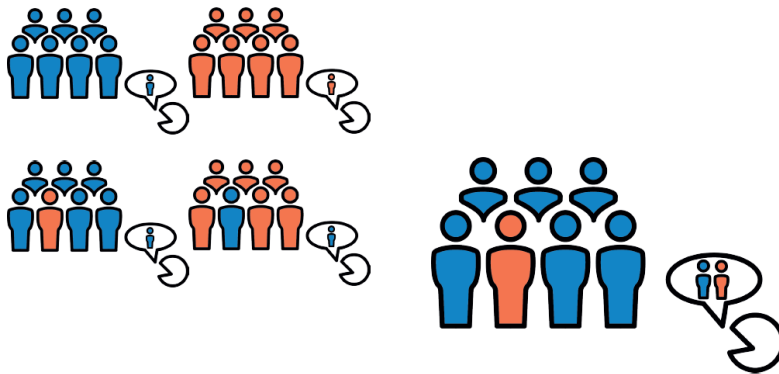
When you gotta go you gotta go. But what if you can't? Bathrooms today are still not properly equipped. Which is odd, considering the number of times we need them during the day. Could we have bathrooms that fit every necessity? And I don't mean n° 1 or n° 2. I mean toilets, urinals, baby changing stations and accessible bathrooms. It sure would be nice. Could we make it easier, for everyone?

## Work



All jobs are important to keep society functioning. It's important to know that some jobs are physically or intellectually harder. And a challenge should be recognized. These workers should be pay more. But a lot of people do the same job. The same responsibilities and same tasks, but they are not pay the same. Why? Could we have a balanced work force? An economy that properly pays workers based on their performances?

## Language



Language is vital in our culture. But has some flaws. Specially in latin-based languages. Sometimes when we address people we don't do it in a fair way, or in the best way we could. And that has an impact. Language is central to our experience of being human, and the languages we speak profoundly shape the way we think, the way we see the world and the way we live our lives. We don't have to change language completely, but maybe we could improve it. Let it evolve. And maybe we would change more than words. Maybe we change actions.

Although we are very similar, somehow we don't mix together.  
Are we afraid to be treated like we treat others?  
Why is so important to have differences? And a separation?  
You see, sometimes ones want to do others' things and vice versa.  
I know I sai there were boxes, in the begining. But I don't think we need them. I think we will be fine without them.  
I know it's hard, because we've been living in a same way for a while. But it's possible to change.  
So we could still be individuals and still belong to a community.

Maybe we can build a different world.  
And a new image.  
True. Complex. Fair. Diverse.  
We can build an image of our own.  
And how beautiful that would be?

## Pontos fortes e pontos fracos

Esta proposta já cumpria o objetivo de alcançar um público e temáticas mais vastas. No entanto, em reunião com os orientadores foi sugerido testar outros estilos de ilustração. Após alcançar um conceito forte, olhou-se para a estética. Como pode ser graficamente mais interessante? Decidiu-se transformar o livro num jogo de cartas, pois não carrega uma ordem fixa e apresenta uma natureza mais didática e interativa. Assim, o utilizador tem de se envolver verdadeiramente na narrativa.

As ilustrações revelaram-se muito minimalistas e, por isso, pouco estimulantes. Adicionaram-se pormenores e um registo mais descontraído. As cores deixaram de ser só três (vermelho, azul e a mistura destas, roxo), evitando assim um discurso “binário”. As cores passaram para o próprio material, trazendo uma componente estética. Após uma revisão dos textos, optou-se por utilizar o inglês por dois motivos. Primeiro, porque é uma língua universal e mais acessível a um público vasto. Segundo, porque permite um discurso neutro, sem determinar o género nas palavras, ao contrário da maioria das línguas originárias do Latim. Sendo assim, nada no texto ou na ilustração, força a uma identificação automática e premeditada, mas uma identificação que ocorrerá no utilizador. Evitando assim uma representação tendenciosa.

## Metodologias

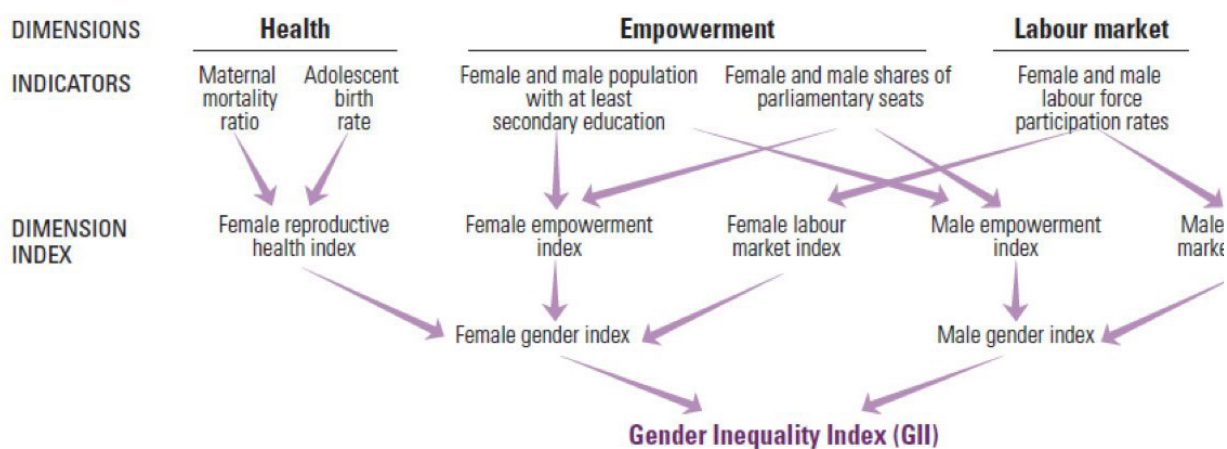
Efetuiu-se uma pesquisa para identificar os problemas mundiais relacionados com o género e as ameaças à igualdade escolheu-se utilizar como ponto de partida o Gender Inequality Index (GII) dos da United Nations Development Programme.

Três aspetos vitais no desenvolvimento onde a desigualdade de género impera: saúde, mercado de trabalho e empoderamento. Dentro de cada categoria, após consultar os Human Development Reports da ONU, identificaram-se sub categorias, que serão os temas das ilustrações:

**Saúde:** Aparência, Expressão, Sentimentos, Identidade

**Trabalho:** Cuidadores, Parentalidade, Trabalho não remunerado, Mão de obra

**Empoderamento:** Decisões, Educação, Eventos, Linguagem, Estruturas, Utensílios



## Projeto final

“An Image of Our Own: a game about gender” (Uma Imagem à Nossa Medida: um jogo sobre género) é a proposta final do projeto. Um jogo de 14 cartas ilustradas, com textos informativos e tópicos de discussão

## Ficha Técnica do jogo

### Cores

A escolha de cores do projeto foi planeada tendo em conta dois fatores importantes: estética e simbologia. O projecto é, na sua essência, um jogo, pelo que deve, também, ser apelativo e chamativo. Mas as cores têm, também, um papel simbólico. Para além das cores primárias (vermelho/magenta, azul/ciano e amarelo) encontramos ainda as cores resultantes das combinações das primeiras (roxo, verde e laranja), simbolizando não só a complexidade da natureza humana mas também as suas relações. Ninguém é de uma só cor. As restrições do Covid-19 impossibilitaram a utilização dos materiais do plano inicial, por isso os tons de papel conseguidos são o mais parecidos possíveis com a paleta apresentada.



### Tipo de letra

Caixa- Montserrat Bold (20pt para o título e 12 pt para texto corrente).

Cartas- Montserrat Bold (12pt)

### Impressão

As restrições do Covid-19 impossibilitaram a utilização da oficina da Esad e por isso, a impossibilidade de utilizar o método de impressão desejado (risografia). No entanto, a impressão a laser serviu o seu propósito, oferecendo, até, uma impressão mais económica.

### Dimensões

As cartas tm a dimensão de 130 x 173 mm.

### Quantidades

Cada caixa oferece no total 30 cartas: 2 cartas iniciais (carta de apresentação e carta guia), 14 cartas ilustradas e com textos de apoio, 1 carta com um desafio proposto e 13 cartas extra em branco para utilizar.

### Outros pormenores

Optou-se por cortar os cantos das cartas (manualmente utilizando um canteador) para que a utilização por crianças fosse mais segura e porque permite manter a qualidade das próprias cartas durante mais tempo, tendo em conta a utilização das mesmas.



**Fig. 9**

Pormenor do padrão da caixa do jogo. A ilustração remete para a ideia de que as pessoas não são só de uma “cor”, podendo ter várias combinações.

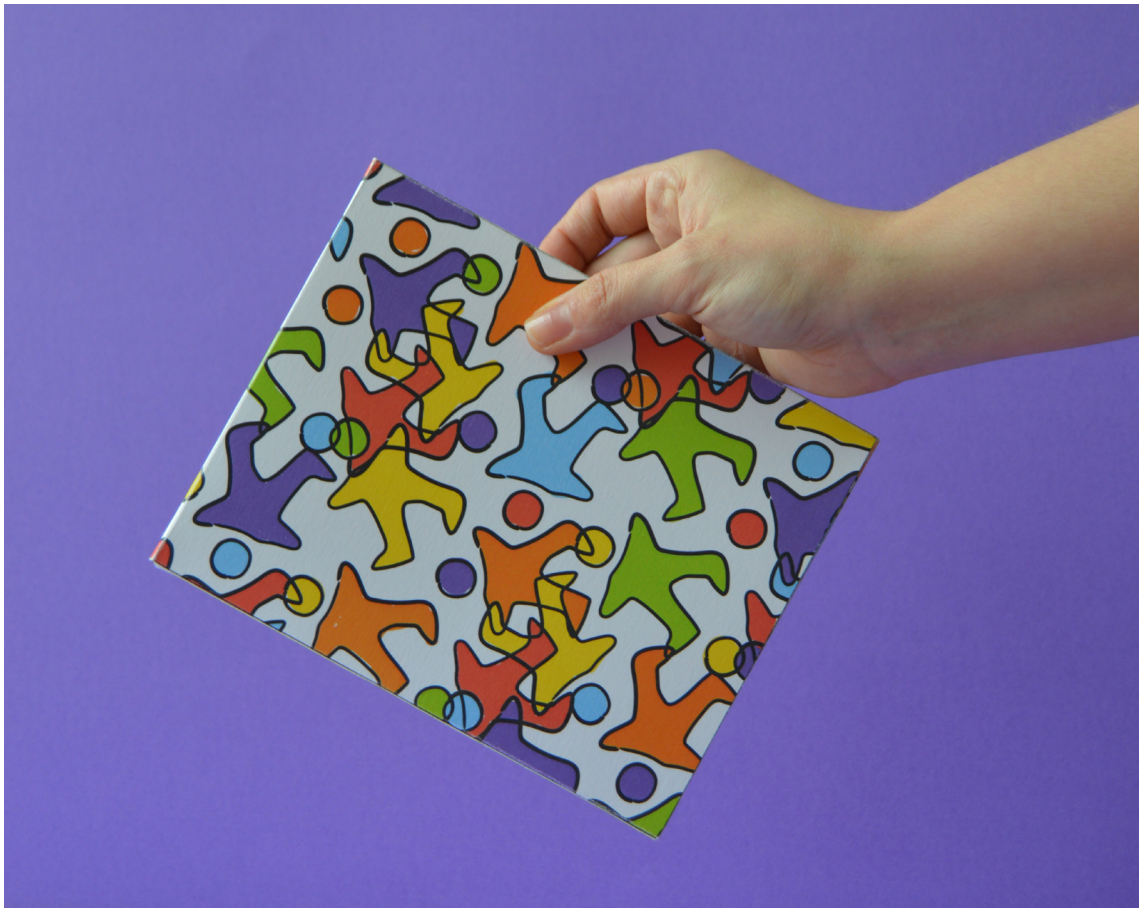
## Versão física completa

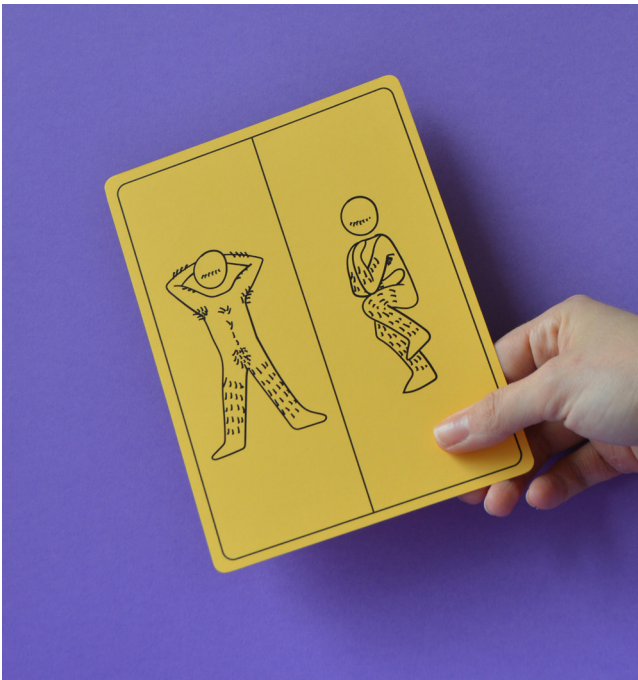


**Fig. 10**  
Versão impressa do jogo de cartas com tópicos de discussão: caixa e cartas.

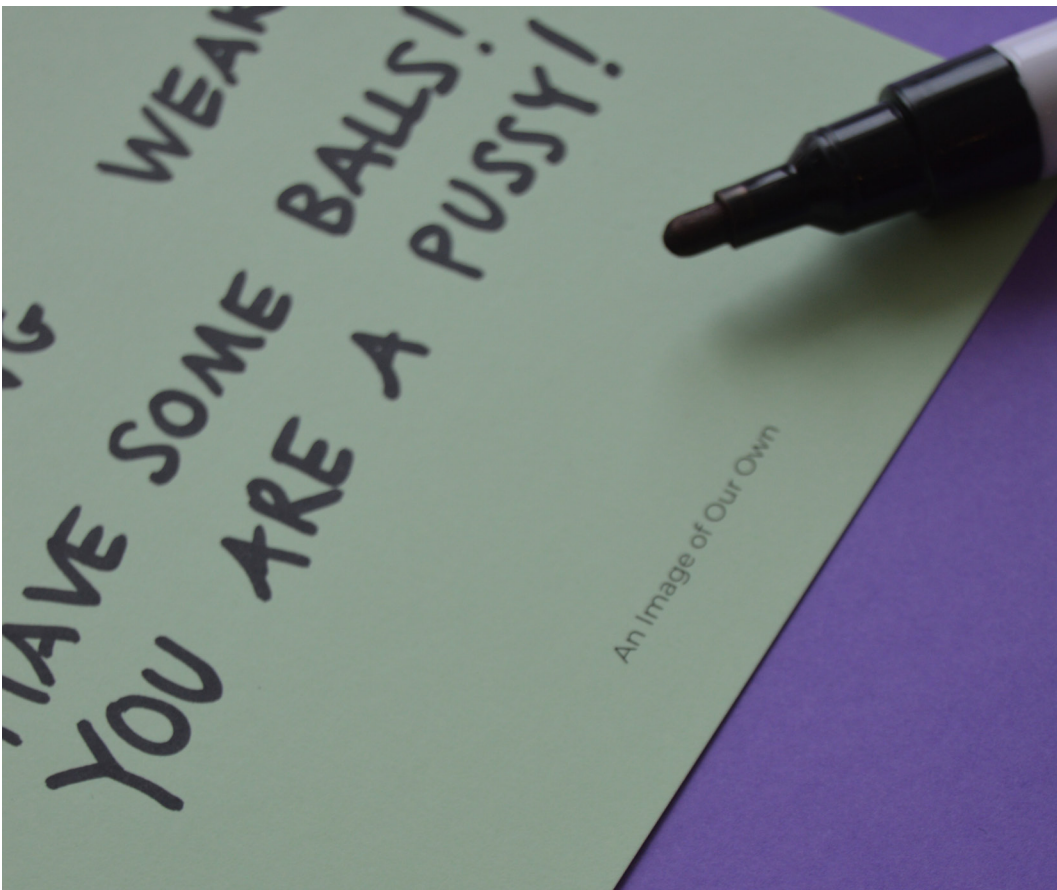












**Fig. 11**  
Pormenor das cartas em branco extra para preenchimento dos utilizadores.

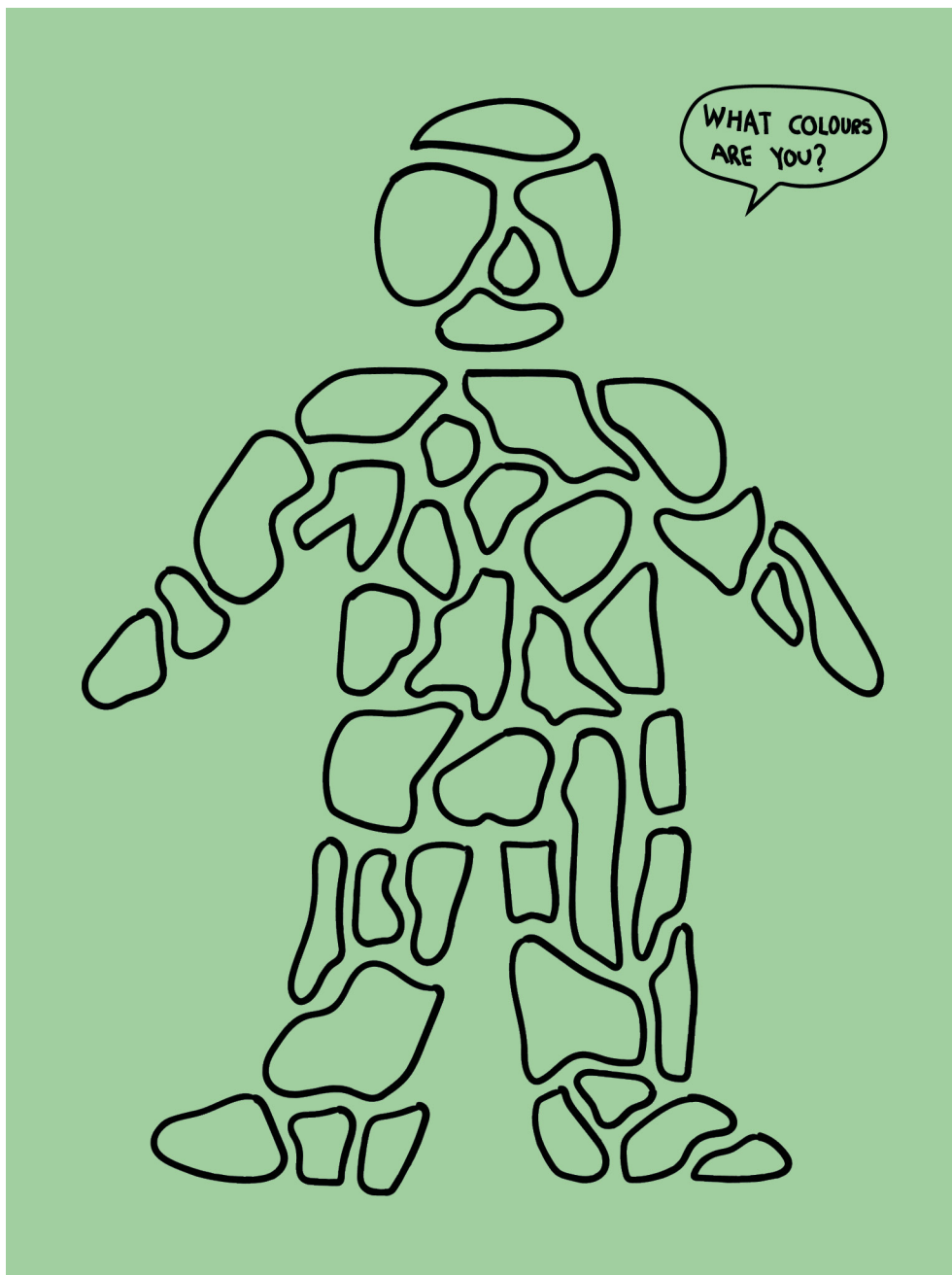


## *An Image of Our Own*

Talking about gender for people is the equivalent of fish talking about water. Gender is so pervasive that in our society we assume it is bred into our genes. Gender, like culture, is a human production that depends on everyone constantly **'doing gender'**.\*

## Cartas Completas: Ilustrações e Textos

É possível consultar uma tradução completa para português do conteúdo das cartas no capítulo “Anexos”.



**Fig. 12**  
1ª Carta  
Nesta carta pode ler-se "De que cores és?" e apresenta uma pessoa que pode ser colorida. Sugere que as pessoas são feitas de pedaços de várias coisas.

## An Image of Our Own

Talking about gender for people is the equivalent of fish talking about water. Gender is so pervasive that in our society we assume it is bred into our genes. Yet gender, like culture, is a human production that depends on everyone constantly **'doing gender'**.\*

\*Excerpt from *Paradoxes of Gender* by Judith Lorber, ©1994 Yale University Press. Judith Lorber (1931-) is a sociologist and a professor and was the founder of the theory of social construction of gender difference. Has also played a vital role in the formation and transformation of gender studies, calling for a de-gendering of the social world.

**Fig. 13**

Verso da 1ª carta. Esta frase da Judith Lorber condensa na perfeição o conceito do jogo, por isso é a sua introdução.

## **Guide card**

A game about gender (and other things)

### **Categories**

Health  
Labour Market  
Empowerment

### **Cards**

Appearance  
Caregiving  
Decisions  
Education  
Events  
Expression  
Feelings  
Identity  
Language  
Parenting  
Structures  
Tools  
Unpaid Work  
Work Force

### **The turning point**

My challenge to you

### **Extra cards**

Make your own cards

**Fig. 14**  
Guide Card/Carta Guia.  
Nesta carta apresenta-se os  
componentes do jogo.

After researching to identify the world problems relating to gender and the threats to equality, from human development reports to UN reports, to several books on the subject, I summarized all the factors of a Gender Inequality Index in three categories: Health, Labour and Empowerment.

Neoliberalism and capitalism increase the inequality while covering themselves with the “progressive and inclusive mask”. Inside each category I selected sub-categories that collect some of the most common situations:

**Health:** Appearance, Expression, Feelings, Identity

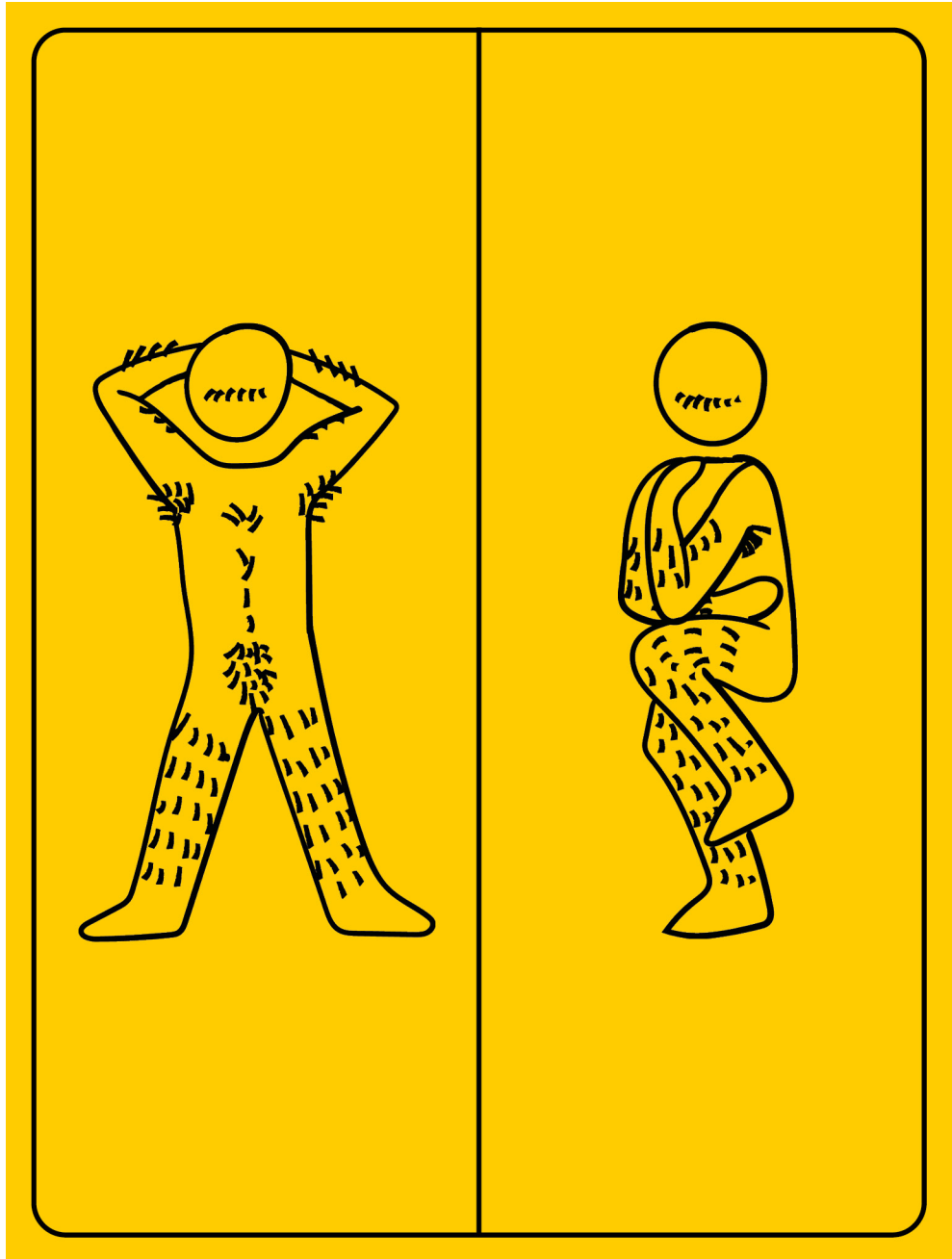
**Labour:** Caregiving, Parenting, Unpaid work, Work Force

**Empowerment:** Decisions, Education, Events, Language, Structures, Tools

By no means, the cards will cover every single aspect, but they will serve as a starting point to analyse the deep roots of inequality in society. There is no mandatory order to use the cards. Rearrange them as you need. In the end there are some extra blank cards, if you want to reflect about other themes, add illustrations or new information to the ones given. Don't be shy and get to work!

**Fig. 15**  
Verso.

Aqui apresenta-se uma explicação do motivação do jogo, tal como o índice de desigualdade de género. As suas categorias e sub-categorias e informação adicional.



**Fig. 16**  
Carta Appearance/Aparên-  
cia

Health

## Appearance

Everybody has hair. Unless you have a condition named Alopecia, your body is covered with hair. It's really useful. It isolates, protects from external aggressions, helps in the evaporation of sweat and retains smell. Patterns of growing hair are pretty similar between humans, but alterations in several factors, like hormones, will cause variations. However, the exact same hair, is perceived different. Some can have it long and show it and others must be embarrassed. This happens with others physical characteristics too. Why is it natural for some and discussing or for others? Isn't it, after all, the same hair?

**The human body is amazing but also changes a lot during life. It's natural. So why would we feel embarrassed? Why can't we accept our bodies? Might as well, since we're going to live our whole lives in them.**

An Image of Our Own



**Fig. 17**  
Carta Caregivings/Cuidadores.

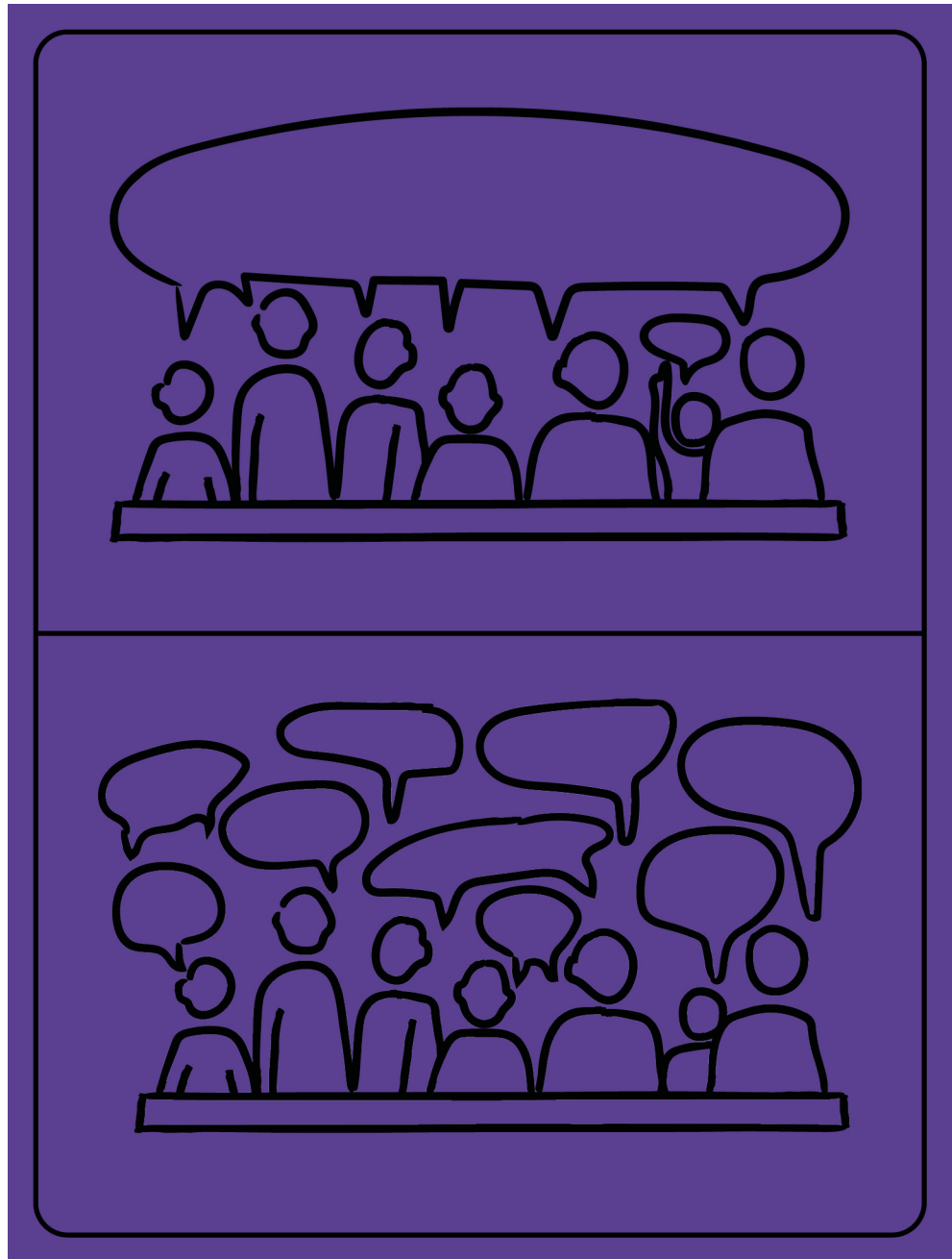
Labour

## Caregiving

Some people need assistance. Because of a disease or because of old age. We needed as children and we will most likely need when seniors. For that job we have a lot of professionals. But what about the people who can't afford that for their loved ones? Someone has to take care of them as an unpaid job adding up to the regular work hours. That isn't fair. And, to make it worse, this role is often expected to be performed by only some. And although it's hard work, it's still not recognized as that. Weird, right?

**How can there be no support for society's own support? How can we provide assistance for everyone, since everyone needs it, sooner or later?**

An Image of Our Own



**Fig. 18**  
Carta Decisions/Decisões.

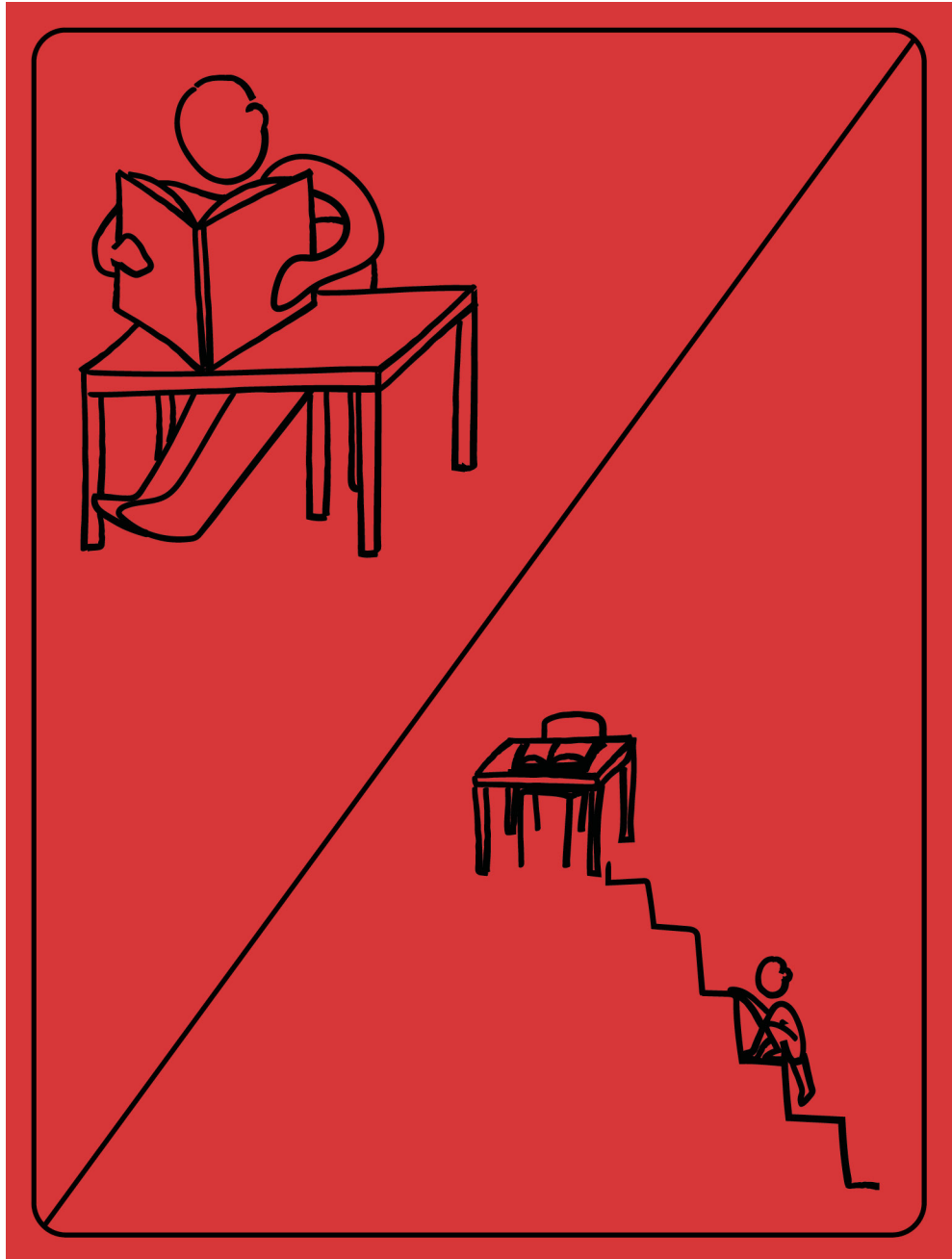
Empowerment

## Decisions

Living means making a lot of decisions. And decisions should be made for the people that will experience them in their lives, right? Sometimes, solutions shouldn't be one-for-all. But if they are, indeed, for everyone, shouldn't we ask everyone? When discussing shared matters, it's vital to have everyone at the table. Because, if we don't ask the others, we risk never reaching the answer. Who knows, we can even find a new solution. Have you asked?

**How can we have everyone at the table? How can we work with the right data, if the data is not representing everyone?**

An Image of Our Own



**Fig. 19**  
Carta Education/Educação.

Empowerment

## Education

Some people don't like school. But others really want to study, but they can't. They can't because the society or community they live in doesn't let them (motivated by several beliefs). Or because they can't afford it. But, sometimes, even if they can study, they can't work on their field because it's not accessible to them. And, to add to this, some struggle with time, also. Because there comes a time where they must choose between family or a career. And they will be judged, no matter the decision they make. They will feel that there is a purpose choose for them they are not fulfilling. Everyone should be able to study what they want. And have equal opportunities to work.

**Could we let people study and succeed according to their own merit? Could we provide the same support, along the way?**

An Image of Our Own

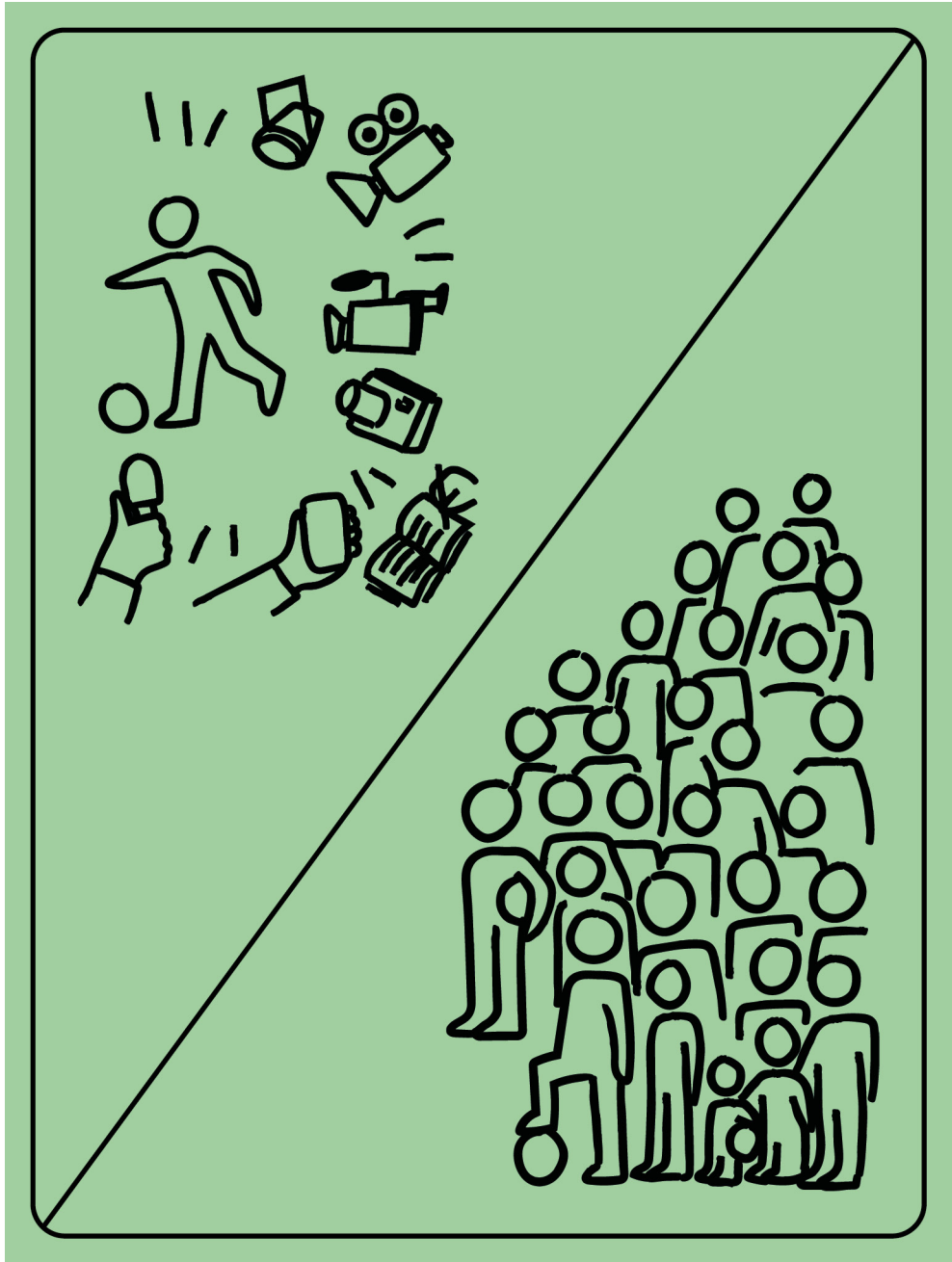


Fig. 20  
Carta Events/Eventos.

Empowerment

## Events

Our culture is filled with social events. Sports are one of those. Sports are really cool. In every modality there are professionals and amateurs. But they all play. Their equipment, practices and materials are the same. They even cost the same. And yes, you guessed it after seeing this card, the ball is the same. However, they are not getting pay the same. Or even getting the same attention and support. Not to mention sponsorships or working statue. Why?

**Shouldn't we all have a chance, to achieve success based on our talent and dedication? Isn't that what sport is all about?**

An Image of Our Own

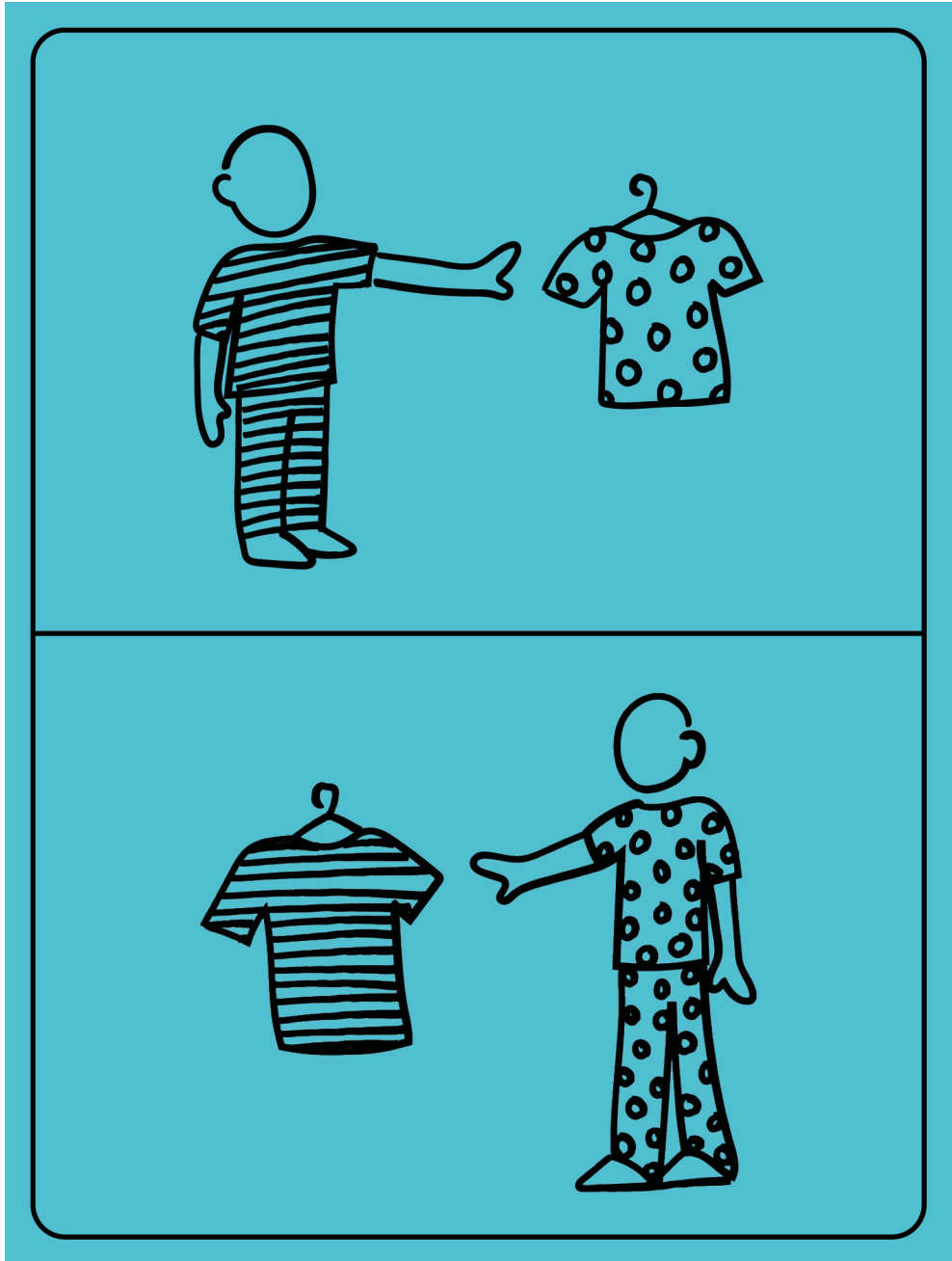


Fig. 21  
Carta Expression/Expressão

Health

## Expression

Self-expression is made of several things. Clothes are part of that. And clothes can be a lot of things: comfort, protection, style. Most of the times we just want to feel good in them, and that's what we search for. We are looking for the same, but we're told that we're not. So, everyone buys in their own section and breaks the rules if buying in the other section. Why? It's not like we have a limited number of clothes and they will be stolen from us. This applies to other products, from health or cosmetic, to footwear and accessories. I think it would be nice, shopping whatever we want. Who knows, we can even discover a new style for ourselves, or carry on with the one we always had. You think we could do that?

**Personal style is personal. People are so complex that saying they must fit in one or the other style is just crazy. People are fluid and constantly changing and if style is an expression of people, then it shouldn't it be the same?**

An Image of Our Own



**Fig. 22**  
Carta Feelings/ Sentimen-  
tos.

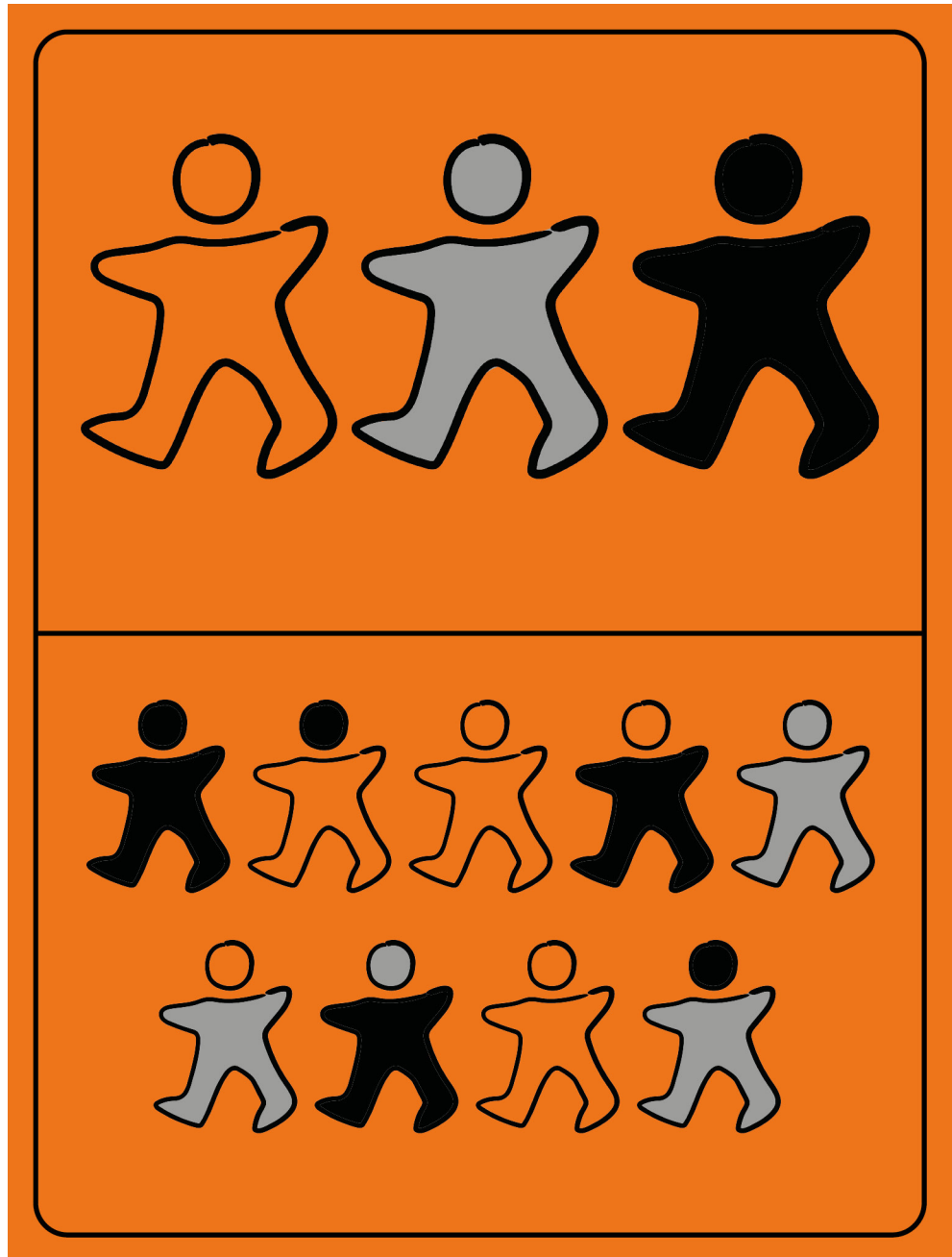
Health

## Feelings

Everybody feels. In different ways, but we all do. Emotions are natural. But, somehow, society says it's OK for some to show it and embarrassing for others. But if the ones who can show it, just show too much they are not taken seriously. It's like we are weak if we feel and weak if we don't feel. It's crazy, you just can't win.

**We should be in touch with our emotions. That's healthy. And maybe we can also start paying attention to other people's emotions. Maybe we will find out we shared a lot of them. Wouldn't it be liberating?**

An Image of Our Own



**Fig. 23**  
Carta Identity/Identidade.

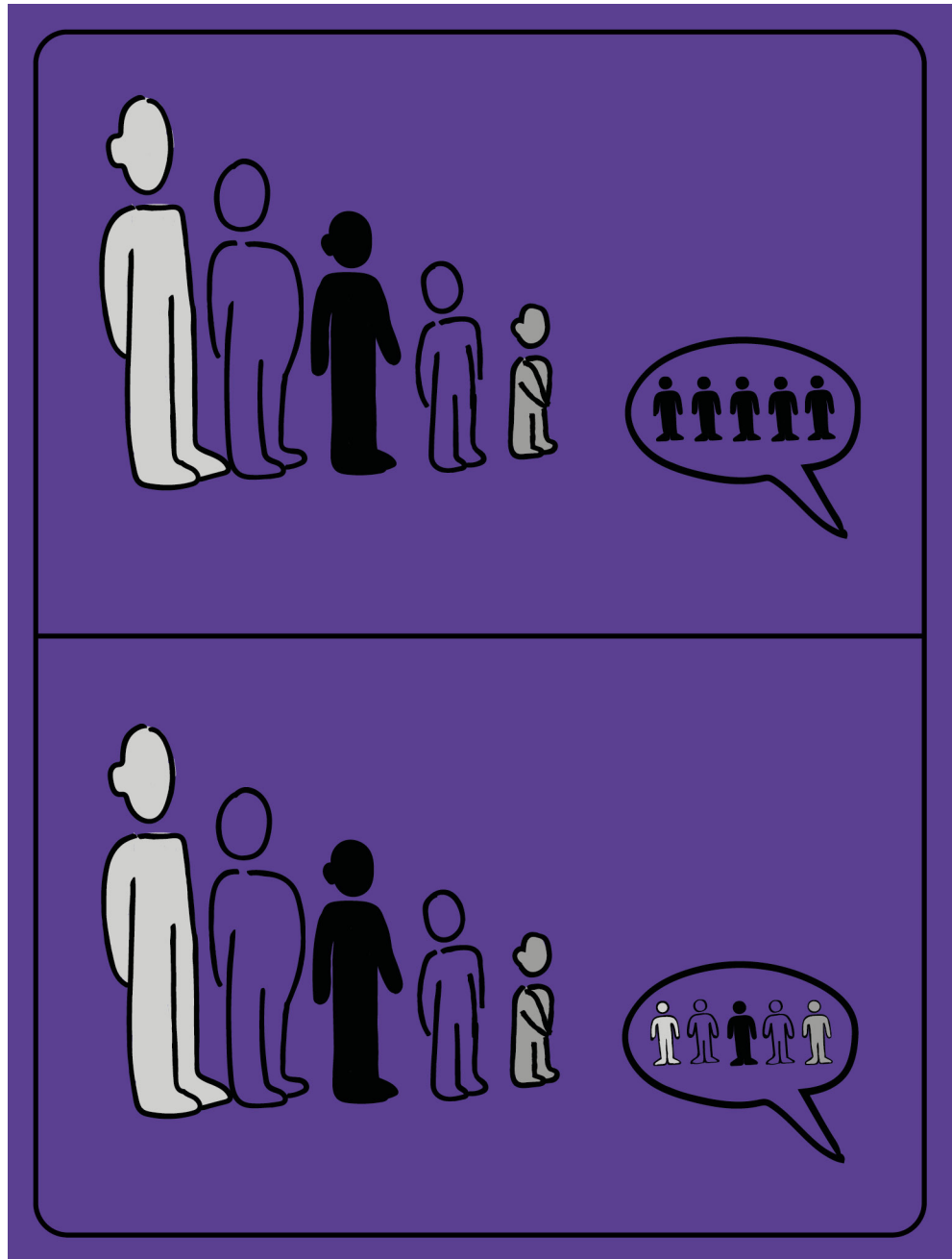
Health

## Identity

X, Y and I. Science recognizes, in humans and most mammals, two sex chromosomes: X and Y. Females have XX and males have XY. Pretty straight forward, right? But it matters to know that hermaphrodites may have XX chromosomes, XY chromosomes or both. And that there are 11 disorders of sex development. That people can be X, YY or even XYY. There are 8,324,608 possible combinations of 23 pairs of DNA chromosomes. And sex is just one of those pairs. We are not just one or the other.

**So, do we need these boxes? What do they mean to us? Could we live without them? Could we create more? Could we make them wider?**

An Image of Our Own



**Fig. 24**  
Carta Language/ Lin-  
guagem

Empowerment

## Language

Language is vital in our culture. But has some flaws. Specially in Latin-based languages. Sometimes when we address people, we don't do it in a fair way, or in the best way we can. And they are not just words. They have an impact. Language is central to our experience of being human, and the languages we speak profoundly shape the way we think, the way we see the world and the way we live our lives.

**We don't have to change language completely or make it so hard that it ruins communication. But we should fight to break the constrains. We could improve it, let it evolve. And maybe we would change more than the words. Knowing that addressing the problem won't make it go away on its own. But maybe it's a good starting point to also change actions. What do you think?**

An Image of Our Own



**Fig. 25**  
Carta Parenting/ Parental-  
idade.

Labour

## Parenting

Parenting is hard work. Everybody agrees. However, we expect that some were just born to do it and that it's a natural instinct. And when the others do it, it's amazing. Why do we hold responsible people who don't know how and reward others just for learning? Isn't it, after all, a shared humankind responsibility?

**Parents should take care of their children. Couldn't we all learn together and try to help each other? Could we teach everybody, no matter the gender or anything else, this valuable skill of nurturing?**

An Image of Our Own

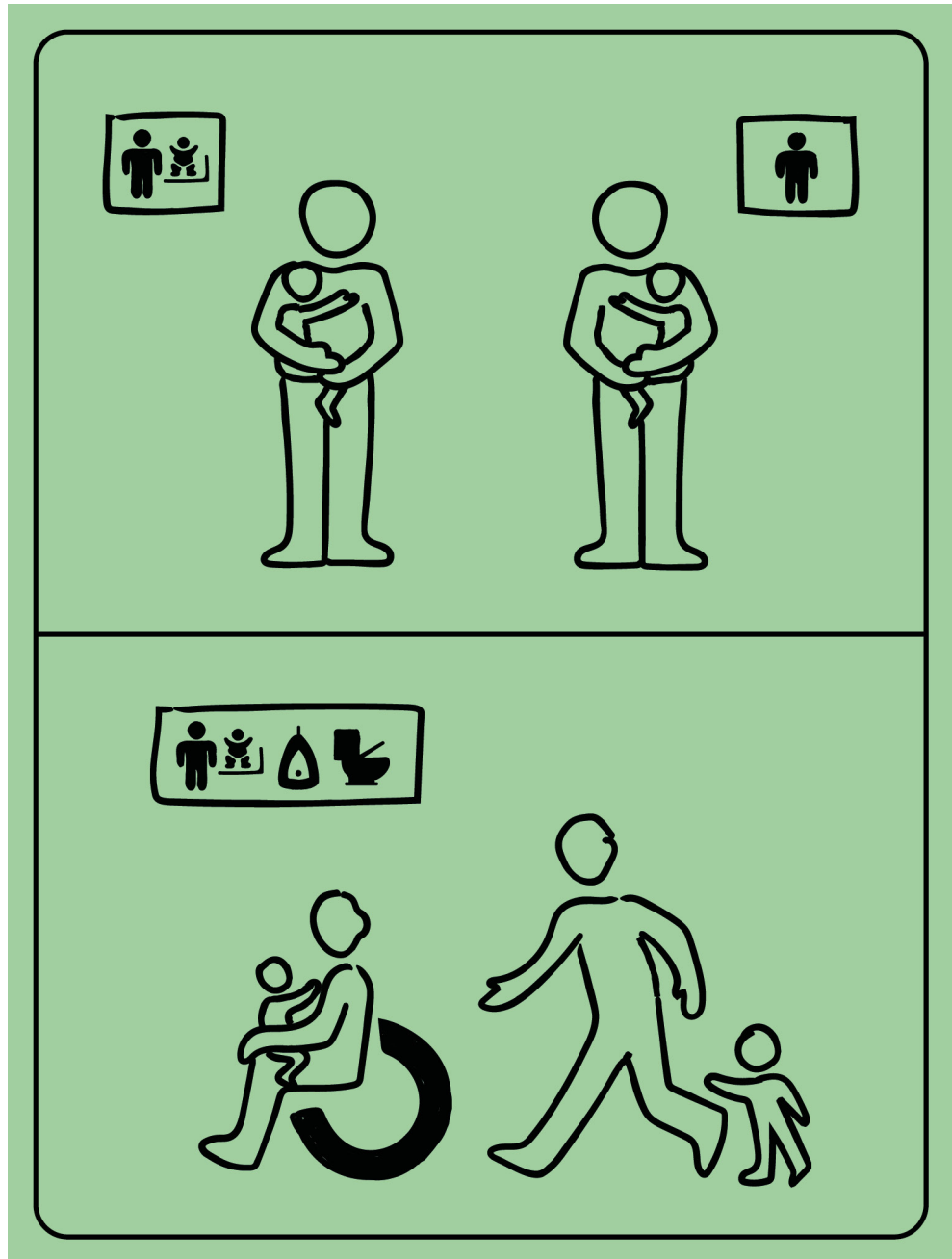


Fig. 26  
Carta Structures/Estruturas.

Empowerment

## Structures

Sometimes the places we live, or work or play in, aren't well prepared. Public bathrooms are an example of that. When you gotta go you gotta go. But what if you can't? Bathrooms today are still not properly equipped. Which is odd, considering the number of times we need them during our lives. Could we have bathrooms that fit every necessity? And I don't mean n° 1 or n° 2.

**Can we have bathrooms with toilets, urinals, diaper changing stations and accessible bathrooms? It's a basic necessity and a basic right. Could we make it easier, for everyone?**

An Image of Our Own

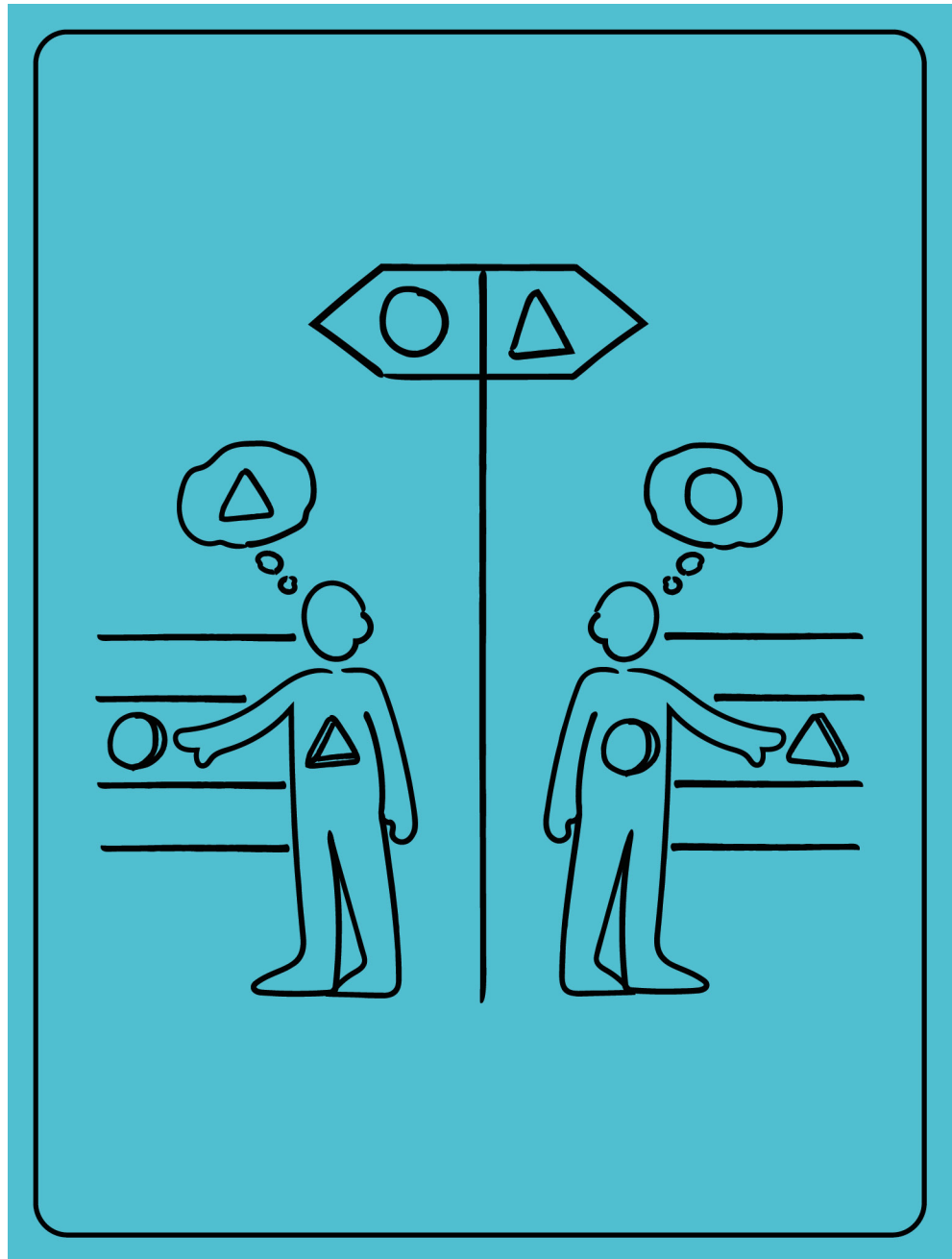


Fig. 27  
Carta Tools/Utensilios.

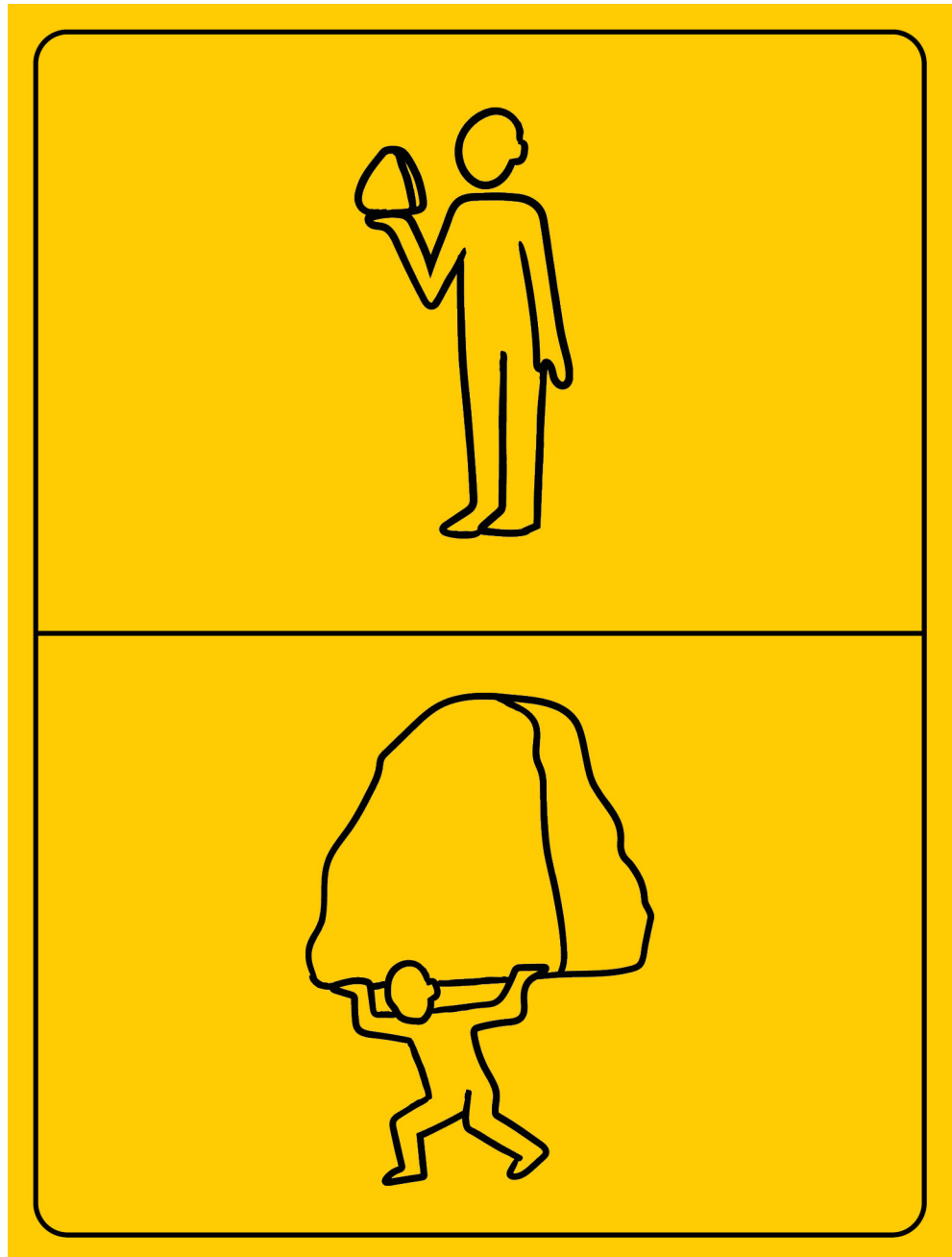
Empowerment

## Tools

In our daily life we need tools. Different products with different purposes. Searching for the same tools will take us to the same stores. However, in the store, some must buy in one section and others in a separated section. Getting something from the other section is perceived as breaking the social rules. And maybe some people will never get what they want and need because of that. Wouldn't it be nice to have all the same things together? Like that, everyone could have what they want. They could even discover something new. With each other. Could we also think like this, when building these tools?

**What motivates these distinctions? Do we need them? Do we need certain colours, or patterns or styles constantly reinforcing that it's for one type or other type of people?**

An Image of Our Own



**Fig. 28**  
Carta Unpaid work /Trabalho não remunerado.

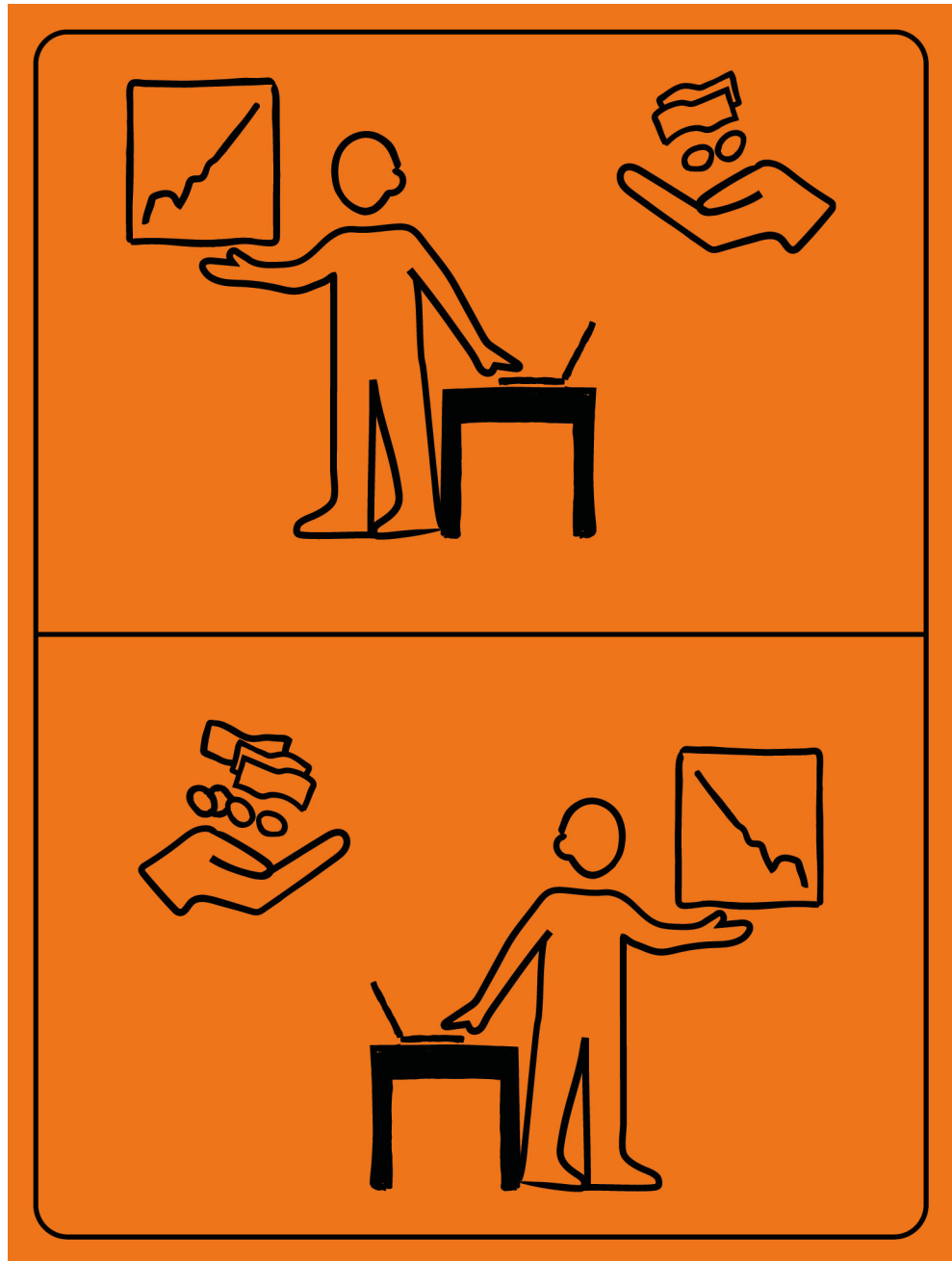
Labour

## Unpaid work

After a long day of work, some people relax on the couch while others take care of the children, cook meals or other house work. Doesn't sound fair, right? But it happens. Everybody just does it because that's how things are supposed to be (something that we're frequently reminded of). So, to the 40 hours weekly work (at least) it adds numerous hours of another work, not paid but equally challenging. The scale is simply off. What could be a solution?

**Maybe, if we all worked our jobs, we could come home and take care of the house work together, and after that, relax together on the couch. I'm sure it would be nice. Can we change this?**

An Image of Our Own



**Fig. 29**  
Carta Work force/Mão de obra.

Labour

## Work Force

All jobs are important to keep the world functioning. It's important to know that some jobs are physically or intellectually harder. And a challenge should be recognized. But a lot of people do the exact same job. The same responsibilities and same tasks, but they are not pay the same. Why?

**Could we have a more balanced work force? Could we build an economy that properly pays workers based on their performances and enough for a dignified life?**

An Image of Our Own

## My challenge to you

Although we are very similar, somehow, we don't quite mix together. Why? Are we afraid to stop being individuals? Or afraid to be treated like we treat others? Afraid the social structure will come crashing down? Why is so important to have differences and a separation? I know I said there are boxes, in the beginning. But I don't think we need them. I think we will be fine without them. I know it's hard, because we've been living the same way for a while. But change is possible. And we can be individuals and still belong to a community. Who knows? Maybe we can build a different world. And a new image. True. Complex. Fair. Diverse. We can build an image of our own. And how beautiful that would be?

An Image of Our Own

**Fig. 30**  
Carta My challenge to  
you/O meu desafio para ti.

You don't agree with me?  
Make your own cards!

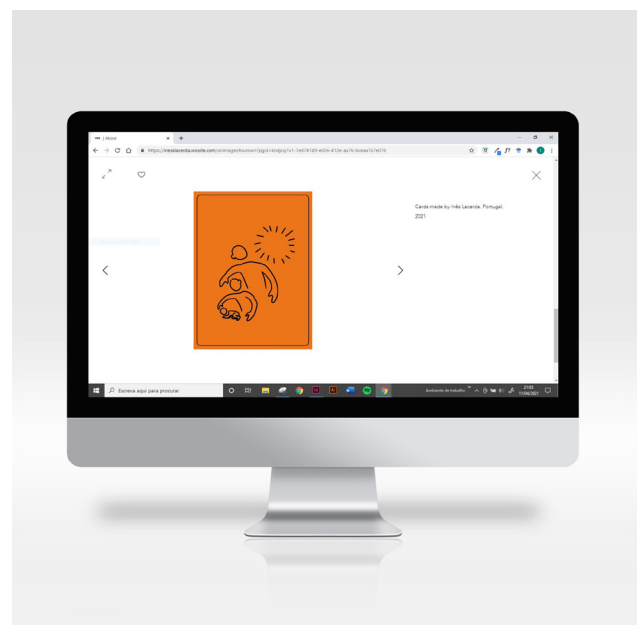
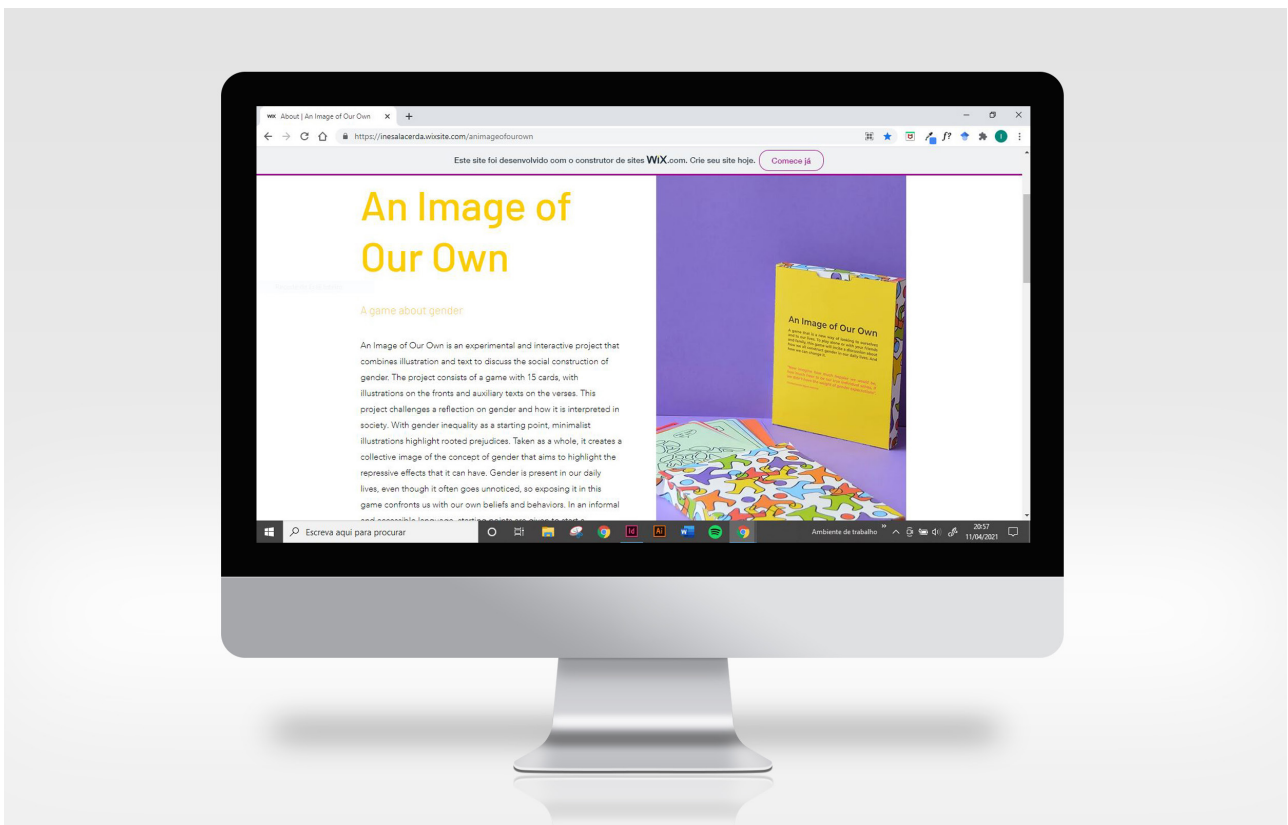
An Image of Our Own

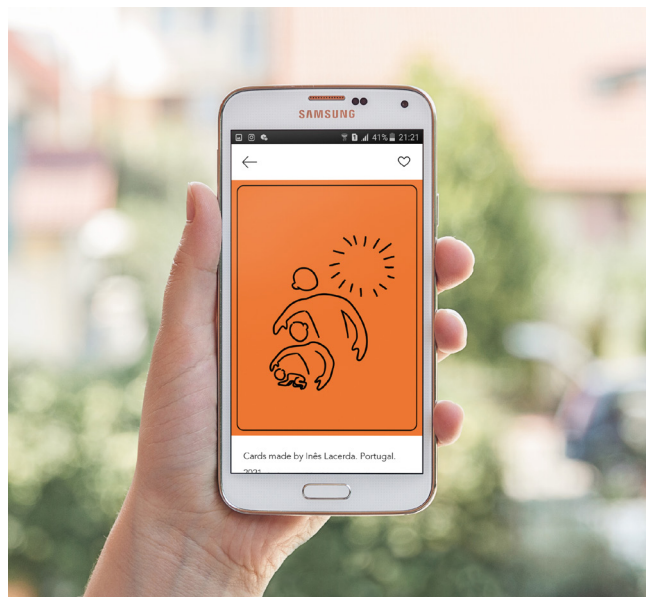
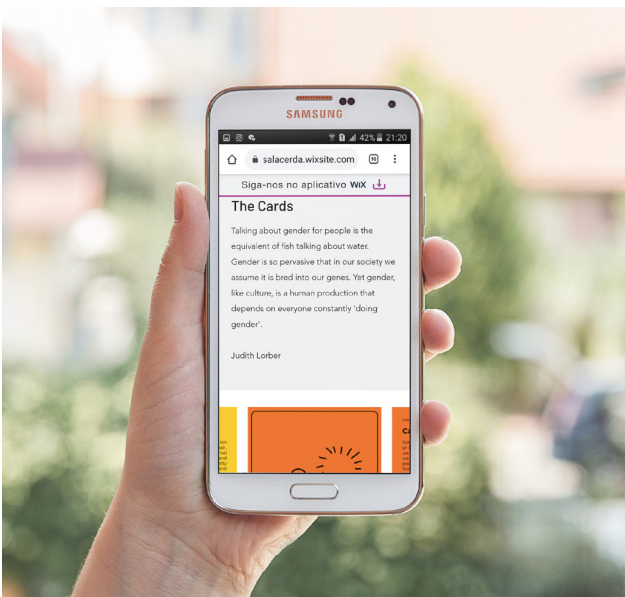
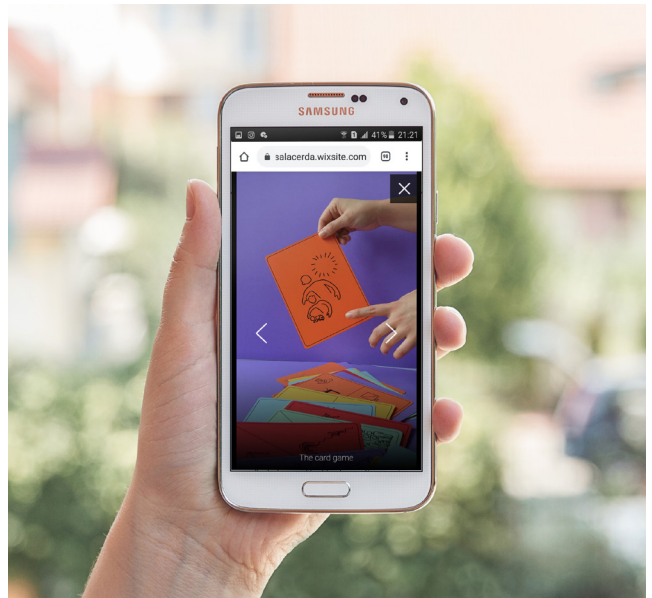
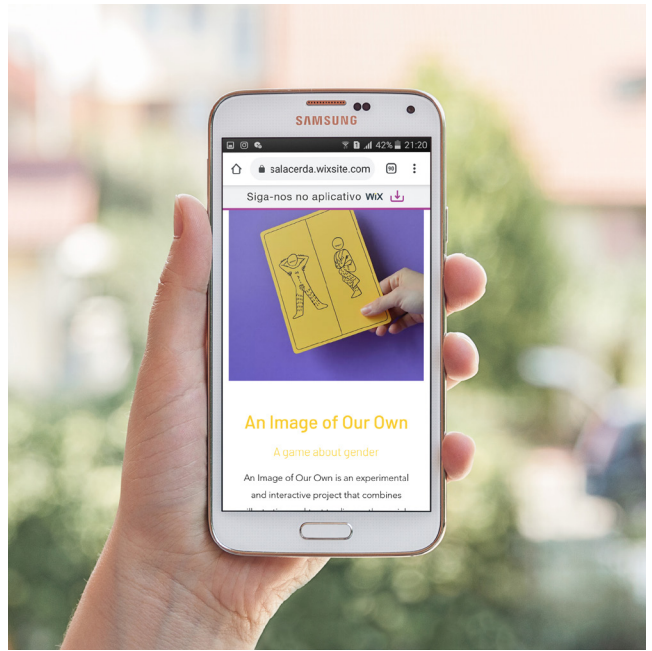
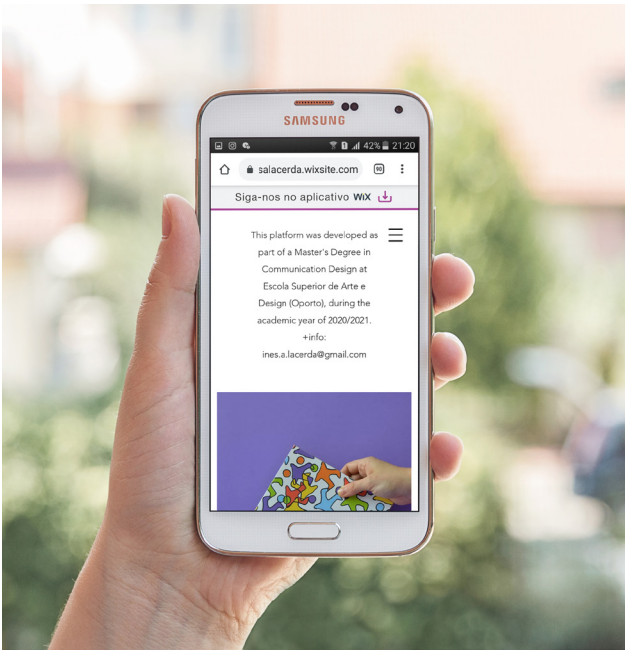
**Fig. 31**  
Carta Extra.

## Versão online gratuita

Disponibilizou-se este projecto para consulta online gratuitamente, com o intuito de alcançar um público mais vasto. Apresenta-se uma curta explicação e as cartas completas (ilustrações e textos), disponíveis para fazer o download e imprimir em casa. Utilizou-se a plataforma Wix.com (fundada em Israel, em 2006, por Avishai Abrahami, Nadav Abrahami e Giora Kaplan), que é uma plataforma online de criação e edição de sites, que permite aos usuários criar sites em HTML5 e sites Mobile sem necessidade de conhecimento de conhecimento prévio em programação. Na plataforma disponibiliza-se, ainda, uma ferramenta de feedback e um contacto pessoal para a críticas e opiniões.

Site: <https://inesalacerda.wixsite.com/animageofourown>





## Conclusão

Este projeto teve como objetivo a criação de uma ferramenta interativa direcionada ao público geral, que ajuda a explorar o conceito de gênero e visualizar padrões e problemas e eventuais rupturas e soluções. An Image of Our Own é o resultado culminante da investigação teórica aliada às práticas experimentais em torno da temática de gênero e ilustração. O conceito e a forma foram combinados sem distinção entre os dois, de forma a criar uma narrativa que alia todos os elementos gráficos e teóricos. Deixando de haver uma distinção entre o design e cultura, mas sim uma relação de estimulação contínuo e troca de ideias.

A criação do jogo seguiu uma metodologia articulada em etapas de forma a planejar e concluir o processo. Nenhuma decisão foi tomada de forma arbitrária, sendo o resultado final o culminar de testes e reflexões. Apesar das etapas do projeto serem apresentadas de uma forma aparentemente sequencial e linear, foram na sua maioria realizadas em alternância com a investigação teórica. Sempre que a investigação teórica desviava o seu rumo era necessário repensar o projecto. E, também, sempre que o projeto apresentava alguma falha conceitual era necessário reflectir novamente na investigação. Entendeu-se que, na natureza projetual do design, o diálogo entre pensar e fazer é essencial. Esta noção de forças complementares e nunca opostas foi, definitivamente, uma grande aprendizagem.

Como se explicou no início, uma das maiores motivações pessoais que guiou esta pesquisa foi a vontade de contribuir para a sociedade enquanto designer. Com isso em mente, há a vontade de continuar este projecto no futuro. Tem-se como perspectiva futura o melhoramento do site para uma distribuição gratuita mais eficaz e a possibilidade de impressão em larga escala para a venda do produto. Como a educação é a mais valia na luta contra a desigualdade, seria interessante uma colaboração com as escolas públicas através de workshops de utilização do jogo.

A respeito da produção, existe a possibilidade de uma colaboração com uma gráfica ou um financiamento coletivo, por iniciativa pessoal. Destaca-se, também, a possibilidade de adaptação do projeto para outros materiais e escalas, com vista a redução de custos e a escolha de materiais e métodos mais ecológicos.

Devido ao período de isolamento social, não foi possível realizar testes de usabilidade com diferentes faixas etárias, e instituições. Esta etapa seria vital para verificar o funcionamento e eficácia do jogo e ajustar detalhes. Seria, então, necessária a realização destes testes antes de avançar com a produção em grande escala.

Os jogos desempenham um papel fundamental na aprendizagem, já que permitem fazer certas ligações não lineares como as que se encontram em livros. Este projeto não acaba nesta conclusão. É um projeto que continuará através dos utilizadores do jogo, que vão adicionar novas informações, depois dos pontos de partida dados. Tal como um espectador que observa uma obra de arte numa galeria. O artista parte de algo que continuará no espectador. Este projecto destina-se a incitar uma reflexão, como uma semente que possa ser plantada.

Como foi dito no início, seria impossível, perigoso até, retirar o cariz pessoal. Até porque, um trabalho desta duração e intensidade só poderia ser motivado por uma profunda conotação emocional. Não poderia escolher um tema que não me apaixonasse. Este projeto foi realizado ao longo de uma pandemia do coronavírus (COVID-19), o que trouxe os seus desafios. A mim e ao resto do Mundo. Local de trabalho fechado e regresso à cidade de origem. Restrições físicas, de não poder utilizar certos serviços e materiais ou de não poder ter reuniões físicas de acompanhamento com os meus orientadores. Noutra situação, iria trabalhar lado-a-lado com os meus colegas, podendo, de vez em quando, encostar-me para trás na cadeira e pedir-lhes as suas opiniões. Mas, como toda a gente, a vida mudou. Por isso, o resultado final apresenta falhas, naturalmente. Talvez 1000 outros designers fizessem 1000 projetos completamente diferentes deste. Mas, a sabedoria

ganha ao longo de todo o processo é o verdadeiro resultado, e só por isso, um sucesso. Durante o processo existiram várias dúvidas e hesitações. Várias vezes me questionei sobre o meu tema, principalmente pela resistência que fui encontrando quando mostrava ou discutia com certas pessoas. Devo dizer que encontrei, também, reações muito positivas. De pessoas que se emocionaram, de pessoas que quiseram aprofundar a discussão ou mesmo de crianças que a rir perceberam a mensagem. O que só me deu mais força para me manter fiel à mensagem que quero transmitir. O problema da desigualdade de género é um problema coletivo. E, por isso, tem de ser resolvido coletivamente. Como referi no início, sou feminista. Esta tese veio questionar as minhas próprias crenças e pôr à prova as minhas ações. Por isso, não me ajudou só a ser melhor designer gráfica, mas melhor pessoa. Fez-me ver que ser designer não é só fazer coisas esteticamente agradáveis ou trabalhos para outros designers. É trabalhar para as pessoas. Não é só pesquisar tipos de letra ou cores, mas estudar, ler e escrever. É construir ligações com as ferramentas visuais que temos. Construir pontes que interligam temas. É fazer perguntas, mesmo que as respostas não sejam iguais às nossas. É ter a coragem de fazer perguntas que nos mostram que podemos ser muito melhores.

### **Impressões pós-defesa, críticas e projectos futuros**

Após a defesa da tese, a professora convidada, Susana Barreto, levantou algumas questões e reparos muito pertinentes. As ilustrações poderiam estar mais ricas e interessantes e o jogo deveria ter mais regras para uma melhor usabilidade. Explicou que era importante definir objectivos mais concretos, bem como recompensas (como se ganha?). Embora tenha concordado com a professora, não creio que todos os jogos devam ser feitos para ganhar ou perder, mas definitivamente, mais regras iriam guiar os jogadores em vez de os deixar num mar imenso de possibilidades. Com um tema tão complexo, é preciso orientador os utilizadores, senão o desinteresse aparecerá. Entendi que o facto de ter dedicado tanto à parte teórica me deixou menos tempo para desenvolver a parte prática. Gostaria, também, que os meus orientadores estivessem mais disponíveis, mas com a situação do Covid a comunicação foi afectada.

Tive uma epifania durante a defesa. As críticas que fiz aos designers que querem tanto ser neutros que deixam pessoas de fora, acabaram por puder ser utilizadas contra mim. Na minha busca pela representação, acabei com ilustrações demasiado minimalistas para abranger a diversidade que tanto defendo. Por isso, como poderia adaptar este jogo ao mundo real?

O júri sugeriu, também, que este projecto poderia ser uma candidatura a um projecto de cariz social, financiado pela UE. Levar o jogo às escolas de Portugal e registar os resultados. Ações de sensibilização que introduzissem a conversa sobre género de uma forma mais divertida e acessível. Amostras de escolas citadinas e da periferia. Será que se descobririam contrastes entre Norte e Sul? Entre escolas públicas e privadas? Seria necessária uma equipa bem estruturada pela dimensão do projecto, entre jogar e registar os testemunhos e informações básicas das crianças, respeitando a privacidade dos dados (idade, local de residência, idades dos pais e os seus empregos, ...).

De momento, tenho conversado com a professora Susana Barreto, que tem sido uma ajuda valiosa neste melhoramento do projecto. Quem sabe, se este projecto não se pode tornar em algo maior?

**“The problem with gender is it prescribes how we should be rather than recognizing how we are”**

**Chimamanda Ngozi Adichie**

# Bibliografia

## Livros e artigos

Afonso, M. (2014) *O corpo feminino na ilustração científica: uma reflexão visual em torno de convenções e padrões de representação*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto.

Aguiar, R. (2003). *Butler e a desconstrução do género: Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira.

Alvelos, H. & Almeida, M. (2013). *Images We Read / Imagens Que Lemos: Sistemas Visuais de Origem de Produção e Comunicação de Conhecimento Científico* (conferência multidisciplinar na Universidade do Porto), acessado a 9 de março, 2021 de <https://imagesweread.wordpress.com>.

Bates, L. (2015). *Everyday Sexism*. London, United Kingdom: Simon & Schuster Ltd.

Beard, M. (2018). *Women & Power: a manifesto*. London, United Kingdom: Profile Books Ltd.

Beauvoir, S., Borde, C., Malovany-Chevallier, S. and Rowbotham, S., (2011). *The Second Sex*. London: Vintage Books.

Braidotti, Rosie (2012). *Nomadic Theory*. Columbia University Press.

Butler, J. (2017) *Problemas de Género: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Nuno Quintas. Orfeu Negro

Butler, J. (2021). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* 2nd edition by Butler, Judith (1999) Paperback. Routledge.

Criado Perez, Caroline (2019). *Invisible Women: Exposing Data Bias in a World Designed for Men*. London, United Kingdom: Vintage Publishing.

D. S. Bosley, *Gender and visual communication: toward a feminist theory of design*, in IEEE Transactions on Professional Communication, vol. 35, no. 4, pp. 222-229, Dec. 1992, doi: 10.1109/47.180283.

Evans, Elizabeth (2015). *The Politics of Third Wave Feminisms: Neoliberalism, Intersectionality, and the State in Britain and the US*. London: Palgrave Macmillan.

Fausto-Sterling, Anne (2000). *Sexing the Body: Gender Politics and The Construction of Sexuality*. New York: Basic Books.

Galani A, Kitsiou-Tzeli S, Sofokleous C, Kanavakis E, Kalpini-Mavrou A (2008). *Androgen insensitivity syndrome: clinical features and molecular defects*. *Hormones (Athens)*. 7 (3): 217–29

Gosling, L., Robinson, H., Tobin, A., Reckitt, H., Balshaw, M., & Arakistain, X. (2019). *The Art of Feminism: Images that Shaped the Fight for Equality*. London: Tate Publishing.

Grimké, S. (1837) *Letters on the Equality of the Sexes*. Addressed to Mary S. Parker, President of the Boston Female Anti-Slavery Society. Boston: Isaac Knapp, 1838. Reprinted by Forgotten Books, 2012.

L. Peters, R.(2010) *Designing the Future*. 25th Anniversary Applied Arts Magazine, Vol.25 N°4, October 2010.

Lorber, Judith (1991). *The Social Construction of Gender*. Thousand Oaks, United States: Sage Publications Inc.

Lorber, Judith (1995). *Paradoxes of Gender*. New Haven, CT, United States: Yale University Press

Macedo, Ana Gabriela (2002). *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Cotovia

Massironi, Manfredo. (1982). *Ver pelo desenho, Aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Lisboa:Edições 70

Moura, M., 2018. *O Design que o Design Não Vê*. 1st ed. Lisboa: Orfeu Negro.

Munari, B. (1971) *Artista e Designer*.

Munari, B. (1981) *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70

Noble, I. and Bestley, R., 2019. *Visual Research: An Introduction to Research*

*Methods*. Londres, Reino Unido: Bloomsbury Publishing PLC.

Norman, D. (2013) *The Design of Everyday Things*. New York: Basic Books.

Papanek, V. (1985). *Design for the real world*. London: Thames & Hudson.

Quigley CA, De Bellis A, Marschke KB, el-Awady MK, Wilson EM, French FS (June 1995). *Androgen receptor defects: historical, clinical, and molecular perspectives*. *Endocr. Rev.* 16 (3): 271–321

Rolim, M. (2020) *Tipobicho: Design gráfico na construção de uma ferramenta lúdica para crianças em processo de alfabetização da língua portuguesa*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto.

Sultan C, Paris F, Terouanne B, Balaguer P, Georget V, Poujol N, Jeandel C, Lumbroso S, Nicolas JC (2001). *Disorders linked to insufficient androgen action in male children*. *Hum. Reprod. Update*.

West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). *Doing gender*. *Gender & society*, 1(2), 125-151.

Woolf, V. and Barrett, M., 1929. *A Room of One's Own*.

## Referências eletrônicas

Garland, K. (s.d.). *First Things First, Design Manifesto*. Retirado em março 14, 2020 de <http://www.designishistory.com/1960/first-things-first/>

Grady, C. (2018) *The waves of feminism, and why people keep fighting over them, explained*. Retirado em março 12, 2020 de <https://www.vox.com/2018/3/20/16955588/feminism-waves-explained-first-second-third-fourth>

Howard, A. (1994) *There is such a thing as society*. In *Eye: International Review of Graphic Design*, 13(4). Retirado em Março de 2020 de [www.eyemagazine.com/feature/article/there-is-such-a-thing-as-society](http://www.eyemagazine.com/feature/article/there-is-such-a-thing-as-society)

Howard, A. (2000) *Design Beyond Commodification*. In *Eye: International Review of Graphic Design*, 38(10). Retirado em Abril de 2020 de [www.eyemagazine.com/reading-writing/design-beyond-commodification-article/](http://www.eyemagazine.com/reading-writing/design-beyond-commodification-article/).

Poynor, R. (2000). *First Things First 2000: a design manifesto*. Retirado em março 14, 2020 de <http://eyemagazine.com/feature/article/first-things-first-manifesto-2000>

Poynor, R. (2010). *The Missing Critical History of Illustration*. Retirado em novembro, 13, 2020 de <https://www.printmag.com/post/the-forgotten-history-of-illustration>

Preziuso, M. (2016) *Human rights by any other name*. In *Eye: International Review of Graphic Design*. Retirado em junho de 2020 de <http://www.eyemagazine.com/blog/post/human-rights-by-any-other-name>

Rampton, M. (2008) *Four Waves of Feminism*. Retirado em março 19 de <https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism>

Shaughnessy, A. (2006). *Graphic Design vs. Illustration*. Retirado em abril 5, 2020 de <https://designobserver.com/feature/graphic-design-vs-illustration/4857>

Tunstall, D. (2018) *Design's Role in Activism Can Go Deeper Than Posters and T-Shirts*. Retirado em novembro, 13, 2020 de <https://eyeondesign.aiga.org/designs-role-in-activism-can-go-deeper-than-posters-and-t-shirts/>

UKEssays. (November 2018). *Roland Barthes and his semiotic theory*. Retrieved from <https://www.ukessays.com/essays/cultural-studies/roland-barthes-and-his-semiotic-theory.php?vref=1>

Joseph, F. (2008). *Becoming A Woman: Simone de Beauvoir on Female Embodiment*. *Philosophy Now*, Issue 69: September/October 2008. Retirado em março, 12, 2021 de [https://philosophynow.org/issues/69/Becoming\\_A\\_Woman\\_Simone\\_de\\_Beauvoir\\_on\\_Female\\_Embodiment](https://philosophynow.org/issues/69/Becoming_A_Woman_Simone_de_Beauvoir_on_Female_Embodiment)

## **Estatísticas e fontes de dados**

Declaração Universal dos Direitos Humanos disponibilizada no site Diário da República Eletrónico <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

Gender Ratio. Our World in Data: <https://ourworldindata.org/gender-ratio#what-share-of-the-population-is-male-and-female> (acedido a 21/09/2020)

<https://everydaysexism.com/>

<https://everydaysexism.com/>

<https://www.statista.com/chart/17290/countries-with-most-equal-rights-for-women/> (acedido a 21/09/2020)

<https://www.statista.com/chart/17290/countries-with-most-equal-rights-for-women/>

<https://www.who.int/genomics/gender/en/> (acedido a 03/07/2020)

Population Sex Ratio (male per 100 females): Retirado em setembro 9, 2020 de [https://origin.searo.who.int/entity/health\\_situation](https://origin.searo.who.int/entity/health_situation)

WHO. Gender: definitions Retirado junho 2020 de <https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-determinants/gender/gender-definitions>

World Population 2020. Country Meters: <https://countrymeters.info/en/world> (acedido a 21/09/2020)

<http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>

# Anexos

## **Textos completos das cartas em inglês**

### **An Image of Our Own**

Talking about gender for people is the equivalent of fish talking about water. Gender is so pervasive that in our society we assume it is bred into our genes. Yet gender, like culture, is a human production that depends on everyone constantly **'doing gender'**.\*

\*Excerpt from *Paradoxes of Gender* by Judith Lorber, ©1994 Yale University Press. Judith Lorber (1931-) is a sociologist and a professor and was the founder of the theory of social construction of gender difference. Has also played a vital role in the formation and transformation of gender studies, calling for a de-gendering of the social world.

### **Guide card**

A game about gender (and other things)

#### **Categories**

Health

Labour Market

Empowerment

#### **Cards**

Appearance

Caregiving

Decisions

Education

Events

Expression

Feelings

Identity

Language

Parenting

Structures

Tools

Unpaid Work

Work Force

#### **The turning point**

My challenge to you

#### **Extra cards**

Make your own cards

After researching to identify the world problems relating to gender and the threats to equality, from human development reports to UN reports, to several books on the subject, I summarized all the factors of a Gender Inequality Index in three categories: Health, Labour and Empowerment.

Neoliberalism and capitalism increase the inequality while covering themselves

with the “progressive and inclusive mask”. Inside each category I selected sub-categories that collect some of the most common situations:

**Health:** Appearance, Expression, Feelings, Identity

**Labour:** Caregiving, Parenting, Unpaid work, Work Force

**Empowerment:** Decisions, Education, Events, Language, Structures, Tools

By no means, the cards will cover every single aspect, but they will serve as a starting point to analyse the deep roots of inequality in society. There is no mandatory order to use the cards. Rearrange them as you need. In the end there are some extra blank cards, if you want to reflect about other themes, add illustrations or new information to the ones given. Don't be shy and get to work!

### **Appearance**

Everybody has hair. Unless you have a condition named Alopecia, your body is covered with hair. It's really useful. It isolates, protects from external aggressions, helps in the evaporation of sweat and retains smell. Patterns of growing hair are pretty similar between humans, but alterations in several factors, like hormones, will cause variations. However, the exact same hair, is perceived different. Some can have it long and show it and others must be embarrassed. This happens with others physical characteristics too. Why is it natural for some and discussing or for others? Isn't it, after all, the same hair?

**The human body is amazing but also changes a lot during life. It's natural. So why would we feel embarrassed? Why can't we accept our bodies? Might as well, since we're going to live our whole lives in them.**

### **Caregiving**

Some people need assistance. Because of a disease or because of old age. We needed as children and we will most likely need when seniors. For that job we have a lot of professionals. But what about the people who can't afford that for their loved ones? Someone has to take care of them as an unpaid job adding up to the regular work hours. That isn't fair. And, to make it worse, this role is often expected to be performed by only some. And although it's hard work, it's still not recognized as that. Weird, right?

**How can there be no support for society's own support? How can we provide assistance for everyone, since everyone needs it, sooner or later?**

### **Decisions**

Living means making a lot of decisions. And decisions should be made for the people that will experience them in their lives, right? Sometimes, solutions shouldn't be one-for-all. But if they are, indeed, for everyone, shouldn't we ask everyone? When discussing shared matters, it's vital to have everyone at the table. Because, if we don't ask the others, we risk never reaching the answer. Who knows, we can even find a new solution. Have you asked?

**How can we have everyone at the table? How can we work with the right data, if the data is not representing everyone?**

### **Education**

Some people don't like school. But others really want to study, but they can't. They can't because the society or community they live in doesn't let them (motivated by several beliefs). Or because they can't afford it. But, sometimes, even if they can study, they can't work on their field because it's not accessible to them.

And, to add to this, some struggle with time, also. Because there comes a time where they must choose between family or a career. And they will be judged, no matter the decision they make. They will feel that there is a purpose choose for them they are not fulfilling. Everyone should be able to study what they want. And have equal opportunities to work.

**Could we let people study and succeed according to their own merit? Could we provide the same support, along the way?**

### Events

Our culture is filled with social events. Sports are one of those. Sports are really cool. In every modality there are professionals and amateurs. But they all play. Their equipment, practices and materials are the same. They even cost the same. And yes, you guessed it after seeing this card, the ball is the same. However, they are not getting pay the same. Or even getting the same attention and support. Not to mention sponsorships or working statue. Why?

**Shouldn't we all have a chance, to achieve success based on our talent and dedication? Isn't that what sport is all about?**

### Expression

Self-expression is made of several things. Clothes are part of that. And clothes can be a lot of things: comfort, protection, style. Most of the times we just want to feel good in them, and that's what we search for. We are looking for the same, but we're told that we're not. So, everyone buys in their own section and breaks the rules if buying in the other section. Why? It's not like we have a limited number of clothes and they will be stolen from us. This applies to other products, from health or cosmetic, to footwear and accessories. I think it would be nice, shopping whatever we want. Who knows, we can even discover a new style for ourselves, or carry on with the one we always had. You think we could do that?

**Personal style is personal. People are so complex that saying they must fit in one or the other style is just crazy. People are fluid and constantly changing and if style is an expression of people, then it shouldn't it be the same?**

### Feelings

Everybody feels. In different ways, but we all do. Emotions are natural. But, somehow, society says it's OK for some to show it and embarrassing for others. But if the ones who can show it, just show too much they are not taken seriously. It's like we are weak if we feel and weak if we don't feel. It's crazy, you just can't win.

**We should be in touch with our emotions. That's healthy. And maybe we can also start paying attention to other people's emotions. Maybe we will find out we shared a lot of them. Wouldn't it be liberating?**

### Identity

X, Y and I. Science recognizes, in humans and most mammals, two sex chromosomes: X and Y. Females have XX and males have XY. Pretty straight forward, right? But it matters to know that hermaphrodites may have XX chromosomes, XY chromosomes or both. And that there are 11 disorders of sex development. That people can be X, YY or even XYY. There are 8,324,608 possible combinations of 23 pairs of DNA chromosomes. And sex is just one of those pairs. We are not just one or the other.

**So, do we need these boxes? What do they mean to us? Could we live without them? Could we create more? Could we make them wider?**

### Language

Language is vital in our culture. But has some flaws. Specially in Latin-based languages. Sometimes when we address people, we don't do it in a fair way, or in the

best way we can. And they are not just words. They have an impact. Language is central to our experience of being human, and the languages we speak profoundly shape the way we think, the way we see the world and the way we live our lives. **We don't have to change language completely or make it so hard that it ruins communication. But we should fight to break the constraints. We could improve it, let it evolve. And maybe we would change more than the words. Knowing that addressing the problem won't make it go away on its own. But maybe it's a good starting point to also change actions. What do you think?**

### **Parenting**

Parenting is hard work. Everybody agrees. However, we expect that some were just born to do it and that it's a natural instinct. And when the others do it, it's amazing. Why do we hold responsible people who don't know how and reward others just for learning? Isn't it, after all, a shared humankind responsibility?

**Parents should take care of their children. Couldn't we all learn together and try to help each other? Could we teach everybody, no matter the gender or anything else, this valuable skill of nurturing?**

### **Structures**

Sometimes the places we live, or work or play in, aren't well prepared. Public bathrooms are an example of that. When you gotta go you gotta go. But what if you can't? Bathrooms today are still not properly equipped. Which is odd, considering the number of times we need them during our lives. Could we have bathrooms that fit every necessity? And I don't mean n° 1 or n° 2.

**Can we have bathrooms with toilets, urinals, diaper changing stations and accessible bathrooms? It's a basic necessity and a basic right. Could we make it easier, for everyone?**

### **Tools**

In our daily life we need tools. Different products with different purposes. Searching for the same tools will take us to the same stores. However, in the store, some must buy in one section and others in a separated section. Getting something from the other section is perceived as breaking the social rules. And maybe some people will never get what they want and need because of that. Wouldn't it be nice to have all the same things together? Like that, everyone could have what they want. They could even discover something new. With each other. Could we also think like this, when building these tools?

**What motivates these distinctions? Do we need them? Do we need certain colours, or patterns or styles constantly reinforcing that it's for one type or other type of people?**

### **Unpaid work**

After a long day of work, some people relax on the couch while others take care of the children, cook meals or other house work. Doesn't sound fair, right? But it happens. Everybody just does it because that's how things are supposed to be (something that we're frequently reminded of). So, to the 40 hours weekly work (at least) it adds numerous hours of another work, not paid but equally challenging. The scale is simply off. What could be a solution?

**Maybe, if we all worked our jobs, we could come home and take care of the house work together, and after that, relax together on the couch. I'm sure it would be nice. Can we change this?**

### **Work Force**

All jobs are important to keep the world functioning. It's important to know that some jobs are physically or intellectually harder. And a challenge should be rec-

ognized. But a lot of people do the exact same job. The same responsibilities and same tasks, but they are not pay the same. Why?

**Could we have a more balanced work force? Could we build an economy that properly pays workers based on their performances and enough for a dignified life?**

### **My challenge to you**

Although we are very similar, somehow, we don't quite mix together. Why? Are we afraid to stop being individuals? Or afraid to be treated like we treat others? Afraid the social structure will come crashing down? Why is so important to have differences and a separation? I know I said there are boxes, in the beginning. But I don't think we need them. I think we will be fine without them. I know it's hard, because we've been living the same way for a while. But change is possible. And we can be individuals and still belong to a community. Who knows? Maybe we can build a different world. And a new image. True. Complex. Fair. Diverse. We can build an image of our own. And how beautiful that would be?

You don't agree with me?  
Make your own cards!

## **Textos completos das cartas em português**

### **Uma Imagem à Nossa Medida**

Falar sobre género, para as pessoas é o equivalente a peixes falarem sobre água. O género é tão difundido que, na nossa sociedade, assumimos que está enraizado nos nossos genes. No entanto, género, como a cultura, é uma produção humana que depende de toda a gente, constantemente, 'fazer género'.\*

\*Excertos de Paradoxes of Gender por Judith Lorber, ©1994 Yale University Press. Judith Lorber (1931-) é sociologista, professora e fundadora da teoria de construção social de diferença de género e teve um papel vital na formação e transformação dos estudos de género., pedindo uma abolição de género no mundo social.

### **Carta guia**

Um jogo sobre o género (e outras coisas)

### **Categorias**

Saúde  
Mercado de trabalho  
Empoderamento

### **Cartas**

Aparência  
Cuidadores  
Decisões  
Educação  
Eventos  
Expressão  
Sentimentos

Identidade  
Linguagem  
Parentalidade  
Estruturas  
Utensílios  
Trabalho não remunerado  
Mão de obra

### **O ponto de viragem**

O meu desafio para ti

### **Cartas extra**

Faz as tuas próprias cartas

Depois de uma investigação para identificar os problemas mundiais relacionados com o género e as ameaças à igualdade, desde relatórios de desenvolvimento humano a relatórios da ONU, até vários livros sobre o assunto, resumi todos os factores de um Índice de Desigualdade de Género em três categorias: Saúde, Trabalho e Empoderamento.

O neoliberalismo e o capitalismo aumentam a desigualdade enquanto se cobrem com a máscara do “progressivo e inclusivo”. Dentro de cada categoria selecionei sub-categorias que recolhem algumas das situações mais comuns:

**Saúde:** Aparência, Expressão, Sentimentos, Identidade

**Trabalho:** Cuidadores, Parentalidade, Trabalho não remunerado, Mão de obra

**Empoderamento:** Decisões, Educação, Eventos, Linguagem, Estruturas, Utensílios

As cartas não cobrirão, de forma alguma, todos os aspectos, mas servirão como ponto de partida para analisar as profundas raízes da desigualdade na sociedade. Não existe uma ordem obrigatória para a utilização das cartas. Reorganiza-as à tua medida. No final há algumas cartas extra em branco, para reflectir sobre outros temas, acrescentar ilustrações ou novas informações às que já são dadas. Não é altura para timidez, mãos à obra!

### **Aparência**

Toda a gente tem cabelo. A menos que tenha uma condição chamada Alopecia, o seu corpo está coberto de pêlos. É realmente útil. Isola, protege de agressões externas, ajuda na evaporação do suor e retém o cheiro. Os padrões de crescimento do pêlo são bastante semelhantes entre os humanos, mas alterações em vários factores, como as hormonas, causam variações. No entanto, o mesmo pêlo, é visto de forma diferente. Algumas pessoas podem tê-lo comprido e mostrá-lo e outras devem sentir-se envergonhadas. Isto também acontece com outras características físicas. Porque é que é natural para uns e nojento para outros? Não é, afinal de contas, o mesmo pêlo?

**O corpo humano é espantoso mas também muda muito durante a vida. É natural. Então porque é que nos sentiríamos embaraçados? Porque é que não podemos aceitar os nossos corpos? Mais valia, uma vez que vamos viver toda a nossa vida neles.**

### **Cuidadores**

Algumas pessoas precisam de assistência. Por causa de uma doença ou por causa da velhice. Precisávamos quando éramos crianças e muito provavelmente precisaremos quando formos idosos. Para esse trabalho, temos muitos profissionais. Mas então e as pessoas que não podem pagar por esse serviço para os seus entes queridos? Alguém tem de cuidar deles como um trabalho não remunerado, somando-se às horas regulares de trabalho. Isso não é justo. E, para piorar a situação, espera-se muitas vezes que este papel seja desempenhado apenas por algumas pessoas. E embora seja um trabalho árduo, ainda não é reconhecido como tal. Estranho, não é?

**Como é que pode não haver apoio para o próprio apoio da sociedade? Como podemos prestar assistência a todos, já que todos precisam dela, mais cedo ou mais tarde?**

### **Decisões**

Viver significa tomar muitas decisões. E as decisões devem ser tomadas tendo em conta as pessoas que as vão experimentar nas suas vidas, certo? Por vezes, as soluções não devem ser “um-para-todos”. Mas se são, de facto, para todos, não deveríamos perguntar a todos? Ao discutir assuntos partilhados, é vital ter todos à mesa. Porque, se não perguntarmos aos outros, arriscamo-nos a nunca chegar à resposta. Quem sabe, podemos até encontrar uma nova solução. Já perguntaste?

**Como podemos ter toda a gente à mesa? Como podemos trabalhar com os dados certos, se os dados não representam toda a gente?**

### **Educação**

Algumas pessoas não gostam da escola. Mas outras querem mesmo estudar, mas não podem. Não podem porque a sociedade ou comunidade em que vivem não os deixa (motivados por várias crenças). Ou porque não têm dinheiro para isso. Mas, por vezes, mesmo que possam estudar, não podem trabalhar no seu campo porque não é acessível. E, para acrescentar, algumas pessoas lutam com o tempo, também. Porque chega uma altura em que têm de escolher entre a família ou a carreira. E serão julgadas, independentemente da decisão que tomarem. Sentirão que existe um propósito escolhido para elas que não estão a cumprir. Todos devem ser capazes de estudar o que querem. E ter igualdade de oportunidades para trabalhar.

**Poderíamos deixar as pessoas estudar e ter sucesso de acordo com o seu próprio mérito? Poderíamos dar o mesmo apoio, ao longo do caminho?**

### **Eventos**

A nossa cultura está repleta de eventos sociais. O desporto é um desses eventos. Os desportos são muito fixos. Em todas as modalidades há profissionais e amadores. Mas todos eles jogam. O seu equipamento, práticas e materiais são os mesmos. Até custam o mesmo. E sim, adivinharam depois de verem esta carta, a bola é a mesma. Contudo, não estão a receber o mesmo. Ou sequer a receber a mesma atenção e apoio. Já para não falar de patrocínios ou estatuto de trabalho. Porquê?

**Não deveríamos todos ter uma oportunidade, para alcançarmos o sucesso com base no nosso talento e dedicação? Não é disso que se trata o desporto?**

### **Expressão**

A auto-expressão é feita de várias coisas. As roupas fazem parte disso. E a roupa pode ser muitas coisas: conforto, protecção, estilo. Na maioria das vezes só nos queremos sentir bem com elas, e é isso que procuramos. Procuramos o mesmo, mas dizem-nos que não. Assim, todos compram na sua própria secção e quebram as regras se comprarem na outra secção. Porquê? Não é como se tivéssemos um número limitado de roupas e que nos irão ser roubadas. Isto aplica-se a outros produtos, de saúde ou cosméticos, a calçado e acessórios. Penso que seria bom, comprar o que quisermos. Quem sabe, podemos até descobrir um novo estilo para

nós próprios, ou continuar com o que sempre tivemos. Achas que conseguíamos fazer isso?

**O estilo pessoal é pessoal. As pessoas são tão complexas que dizer que devem encaixar num ou noutra estilo é simplesmente uma loucura. As pessoas são fluidas e estão em constante mudança e se o estilo é uma expressão das pessoas, então não deveria ser o mesmo?**

### **Sentimentos**

Toda a gente sente. De formas diferentes, mas todos nós sentimos. As emoções são naturais. Mas, de alguma forma, a sociedade diz que não faz mal que uns o mostrem e que é constrangedores para outros. Mas se aqueles que podem mostrar, mostram demasiado, então não são levados a sério. É como se fôssemos fracos se sentirmos e fracos se não sentirmos. É uma loucura, simplesmente não se pode ganhar.

**Deveríamos estar em contacto com as nossas emoções. Isso é saudável. E talvez possamos, também, começar a prestar atenção às emoções de outras pessoas. Talvez descubramos que partilhamos muitas delas. Não seria libertador?**

### **Identidade**

X, Y e Eu. A ciência reconhece, nos humanos e na maioria dos mamíferos, dois cromossomas sexuais: X e Y. As fêmeas têm XX e os machos têm XY. Bastante directo, certo? Mas importa saber que hermafroditas podem ter cromossomas XX, cromossomas XY ou ambos. E que existem 11 perturbações do desenvolvimento sexual. Que as pessoas podem ser X, YY ou mesmo XYY. Existem 8.324.608 combinações possíveis de 23 pares de cromossomas de ADN. E o sexo é apenas um desses pares. Nós não somos só um ou outro.

**Então, será que precisamos destas caixas? O que é que elas significam para nós? Poderíamos viver sem elas? Poderíamos criar mais? Poderíamos torná-las mais vastas?**

### **Linguagem**

A linguagem é vital na nossa cultura. Mas tem algumas falhas. Especialmente em línguas de base latina. Por vezes, quando nos dirigimos às pessoas, não o fazemos de uma forma justa, ou da melhor forma que podemos. E não são apenas palavras. Têm um impacto. A língua é central na nossa experiência como seres humanos, e as línguas que falamos moldam profundamente a forma como pensamos, a forma como vemos o mundo e a forma como vivemos as nossas vidas.

**Não temos de mudar completamente a língua ou torná-la tão difícil que arruine a comunicação. Mas devemos lutar para quebrar os constrangimentos. Poderíamos melhorá-la, deixá-la evoluir. E talvez mudássemos mais do que as palavras. Sabendo que enfrentar o problema não o fará desaparecer por si só. Mas talvez seja um bom ponto de partida para também mudar as acções. O que achas?**

### **Parentalidade**

A parentalidade é um trabalho árduo. Toda a gente concorda. No entanto, esperamos que algumas pessoas tenham nascido para o fazer e que se trate de um instinto natural. E quando outros o fazem, é espantoso. Porque é que condenamos as pessoas que não sabem como fazer e recompensamos os outros apenas por aprenderem? Não será, afinal, uma responsabilidade comum da humanidade?

**Os pais devem tomar conta dos seus filhos. Não poderíamos todos aprender juntos e tentar ajudar-nos uns aos outros? Poderíamos ensinar a todos, independentemente do sexo ou de qualquer outra coisa, esta valiosa capacidade de nutrir?**

### **Estruturas**

Por vezes, os locais onde vivemos, ou onde trabalhamos ou brincamos, não estão bem preparados. As casas de banho públicas são um exemplo disso. Quando se tem de ir, tem mesmo de se ir. Mas e se não for possível? As casas de banho de hoje ainda não estão devidamente equipadas. O que é estranho, tendo em conta o número de vezes que precisamos delas durante as nossas vidas. Será que podemos ter casas de banho que se adaptem a todas as necessidades? E não me refiro a nº 1 ou nº 2.

**Poderemos ter casas de banho com sanitas, urinóis, postos de muda de fraldas e casas de banho acessíveis? É uma necessidade básica e um direito básico. Poderíamos facilitar a vida a todos?**

### **Utensílios**

Na nossa vida diária, precisamos de utensílios. Produtos diferentes com objetivos diferentes. A procura das mesmas coisas levar-nos-á às mesmas lojas. No entanto, na loja, alguns devem comprar numa secção e outros numa secção separada. Obter algo da outra secção é entendido como quebrar as regras sociais. E talvez algumas pessoas nunca consigam o que querem e precisam devido a isso. Não seria bom ter as mesmas coisas todas juntas? Assim, todos poderiam ter o que querem. Poderiam até descobrir algo de novo. Um com o outro. Poderíamos também pensar assim, ao construir estas utensílios?

**O que é que motiva estas distinções? Será que precisamos delas? Será que precisamos de certas cores, ou padrões ou estilos constantemente a reforçar que é para um ou outro tipo de pessoas?**

### **Trabalho não remunerado**

Após um longo dia de trabalho, algumas pessoas relaxam no sofá enquanto outras tomam conta das crianças, cozinham as refeições ou outras tarefas domésticas. Não parece justo, certo? Mas acontece. Todos o fazem porque é assim que as coisas devem ser (algo que nos lembram frequentemente). Assim, às 40 horas de trabalho semanal (pelo menos) acrescentam-se inúmeras horas de outro trabalho, não remunerado mas igualmente desafiante. A balança está, simplesmente, desequilibrada. O que poderia ser uma solução?

**Talvez, se todos trabalhássemos os nossos empregos, pudéssemos voltar para casa e tratar da casa juntos, e depois disso, relaxar juntos no sofá. Tenho a certeza que seria bom. Será que podemos mudar isto?**

### **Mão de Obra**

Todos os trabalhos são importantes para manter o mundo a funcionar. É importante saber que alguns trabalhos são física ou intelectualmente mais difíceis. E um desafio deve ser reconhecido. Mas muitas pessoas fazem exactamente o mesmo trabalho. As mesmas responsabilidades e as mesmas tarefas, mas não recebem a mesma coisa. Porquê?

**Poderíamos ter um mercado de trabalho mais equilibrado? Poderíamos construir uma economia que pagasse adequadamente aos trabalhadores com base nos seus desempenhos e o suficiente para uma vida digna?**

### **O meu desafio para ti**

Embora sejamos muito semelhantes, de alguma forma, não nos misturamos. Porquê? Será que temos medo de deixar de ser indivíduos? Ou temos medo de ser tratados como tratamos os outros? Medo de que a estrutura social venha a desmoronar-se? Por que é tão importante ter diferenças e uma separação? Eu sei que disse que há caixas, no início. Mas penso que não precisamos delas. Penso que estaremos bem sem elas. Sei que é difícil, porque já há algum tempo que vivemos da mesma maneira. Mas a mudança é possível. E podemos ser indivíduos e ainda

pertencer a uma comunidade. Quem sabe? Talvez possamos construir um mundo diferente. E uma nova imagem. Verdadeira. Complexa. Justa. Diversa. Podemos construir uma imagem à nossa medida. E quão belo isso seria?

Não concordas comigo?  
Faz as tuas próprias cartas!

## Esboços

No decorrer deste projeto foram, naturalmente, concebidos vários esboços. Embora muitos tenham sido descartados do resultado final, considerou-se importante partilhá-los. Retratam diferentes vertentes do conceito de “género”, desde as suas manifestações às suas desigualdades ou concepções erradas. Porque falar sobre género é uma tarefa difícil, é preciso falar um pouco de tudo o resto. Estes esboços são uma mais valia, tal como todo o processo de pesquisa, pois foram adquiridos conhecimentos que poderão ser usados noutros projetos futuros. Todos esboços, fotografias e imagens presentes foram elaborados pela autora.

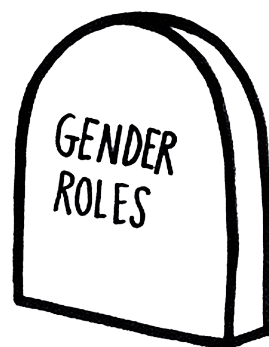


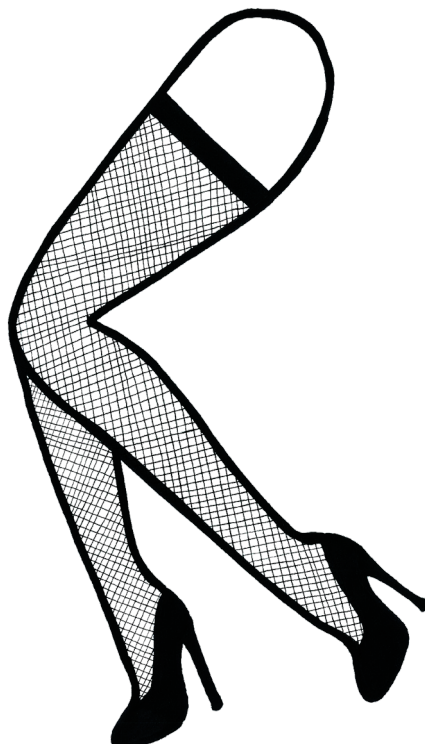
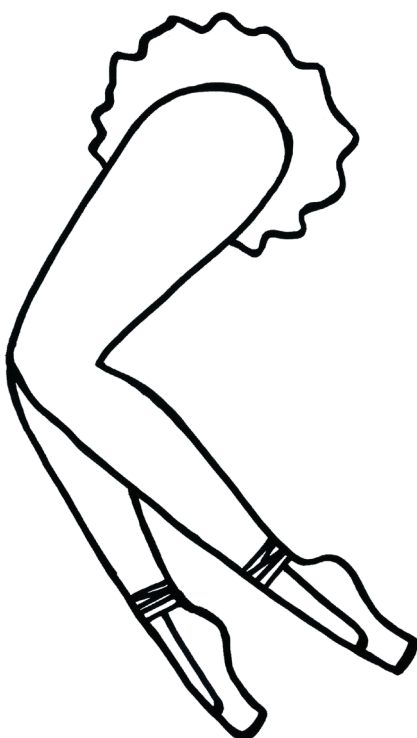
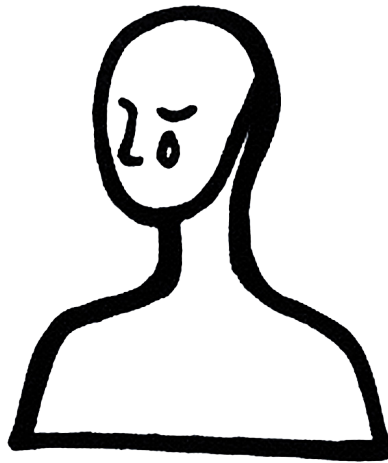
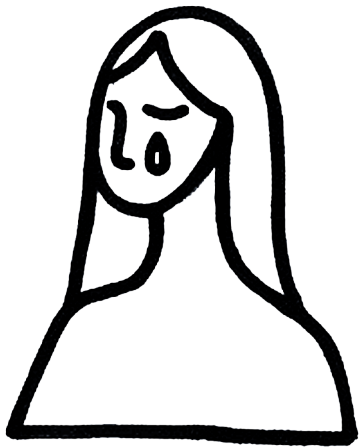
YOU'RE SUCH A PUSSY!

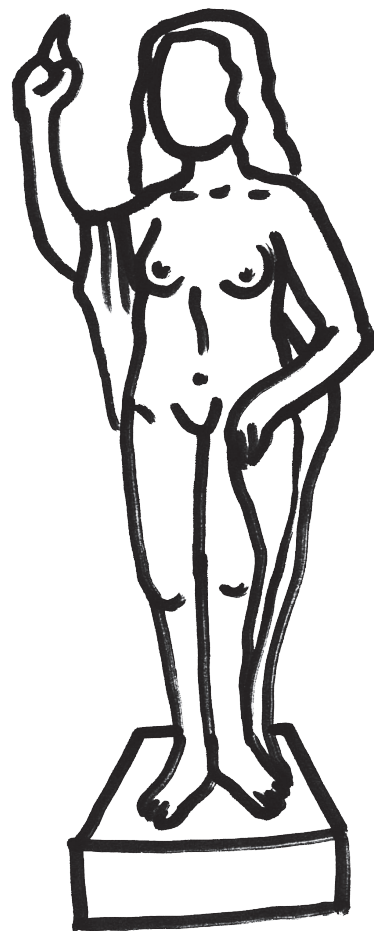
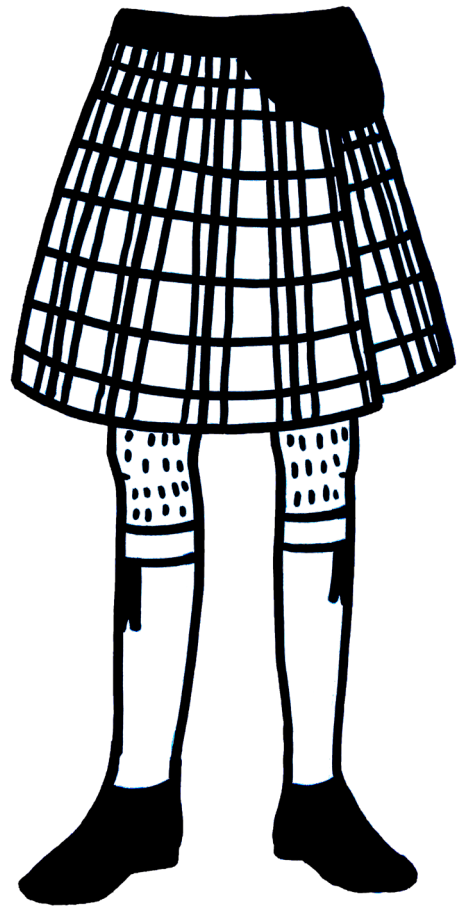
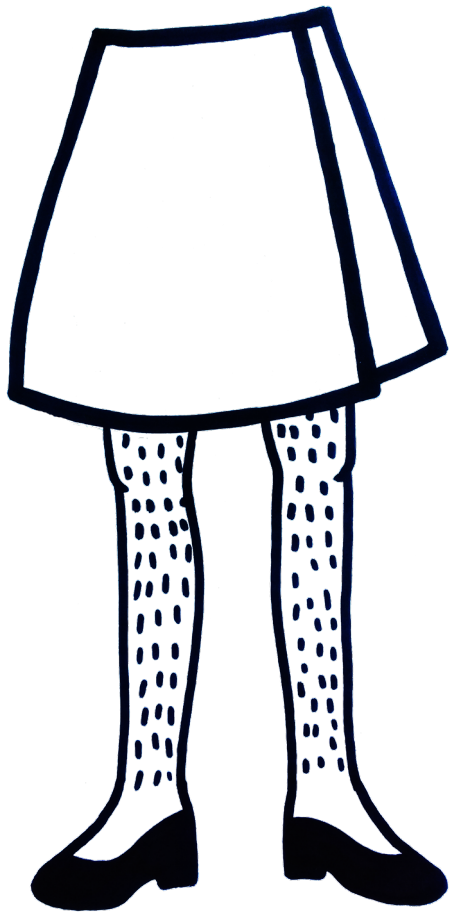
HAVE SOME BALLS!

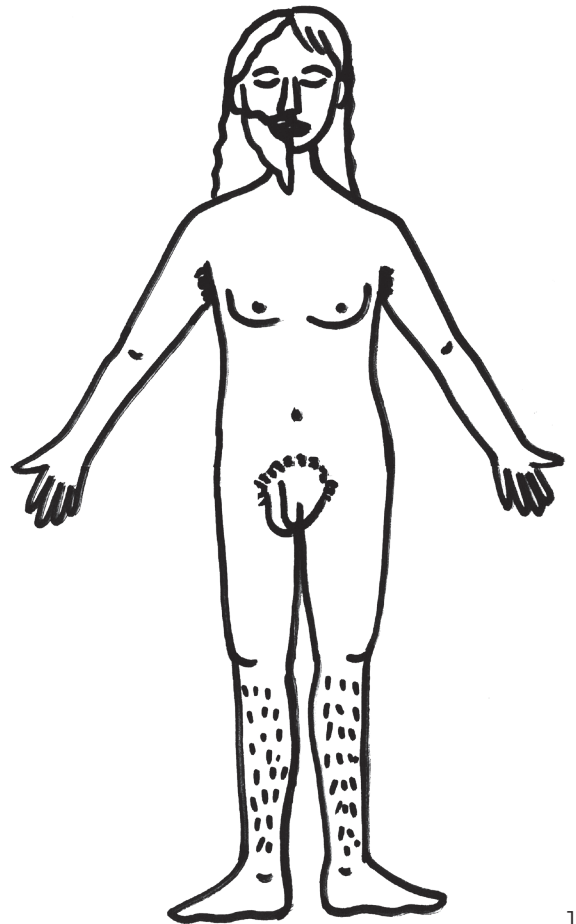
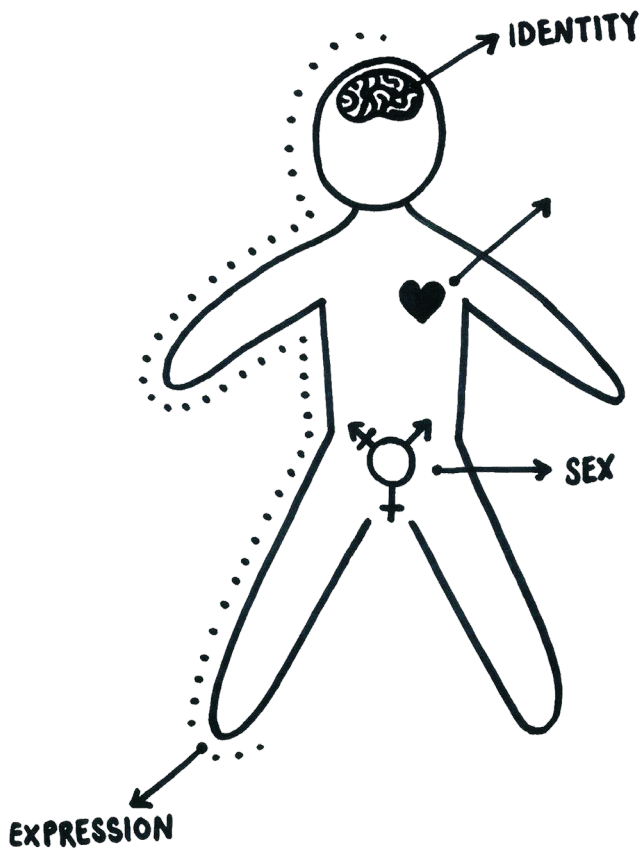
BE A LADY!

MAN UP!



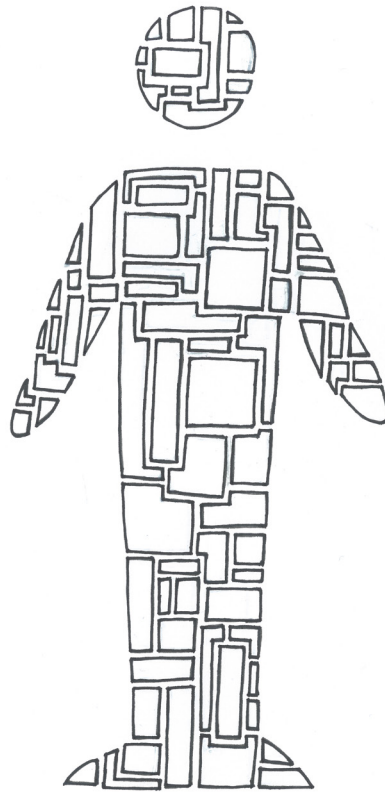




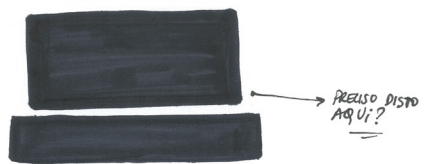
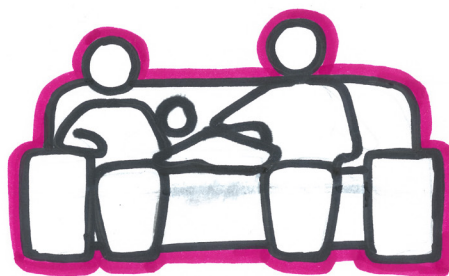
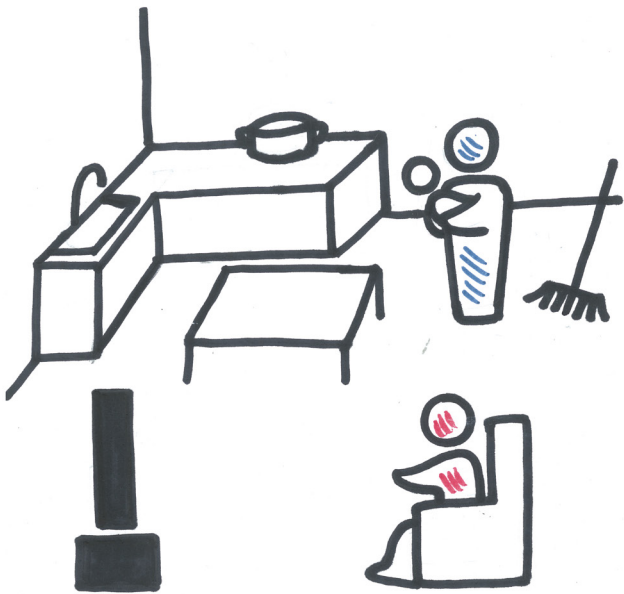








## Housework

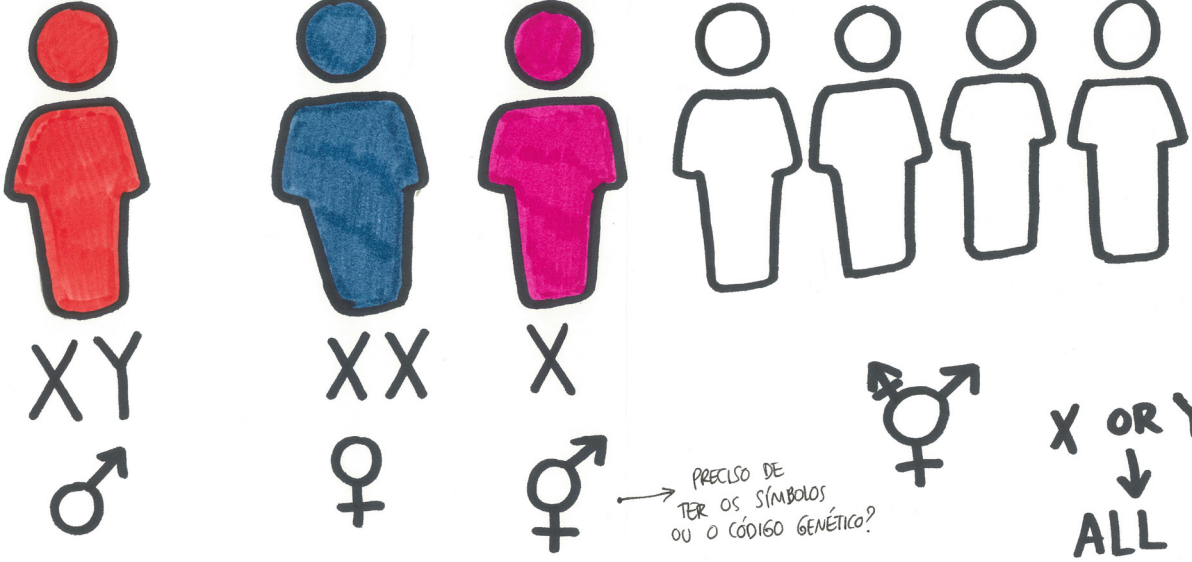


After a long day of work, some relax on the couch while others take care of the kids, meals and other work. Maybe, if they all worked together, they would relax together. I'm sure that would be nice for all

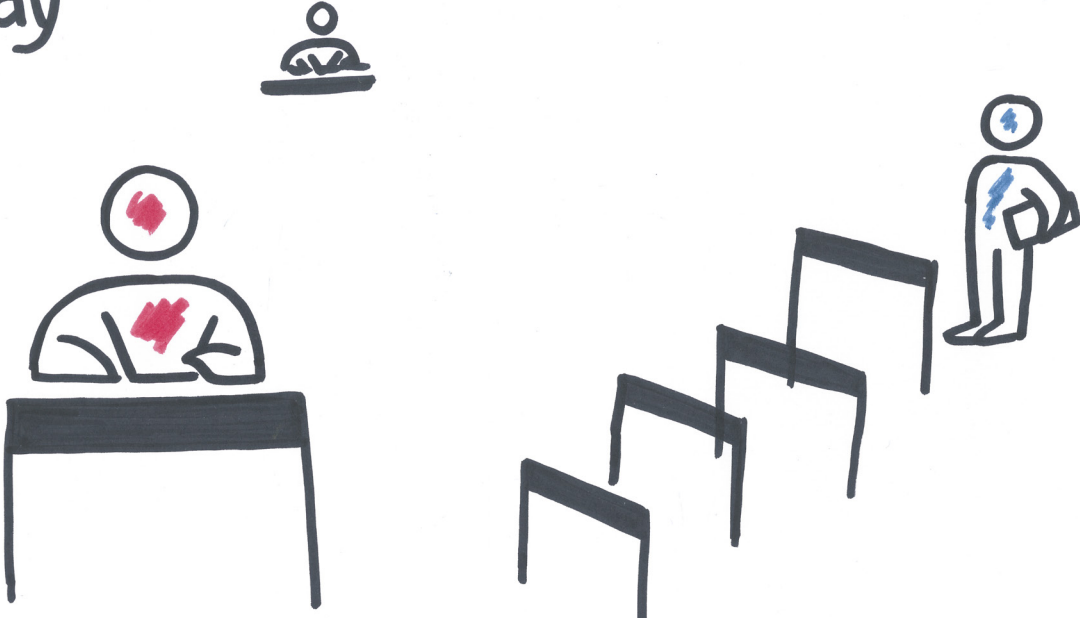
We don't belong into boxes.  
 Not one or the other.  
 Not (just) one or the other.

VÁRIAS TONALIDADES  
 DE ROXO  
 MISTURAS DAS  
 DUAS CORES

Do we need this boxes?  
 Could we live without them?  
 Could we create more?  
 Or could the ones already existing be wider?



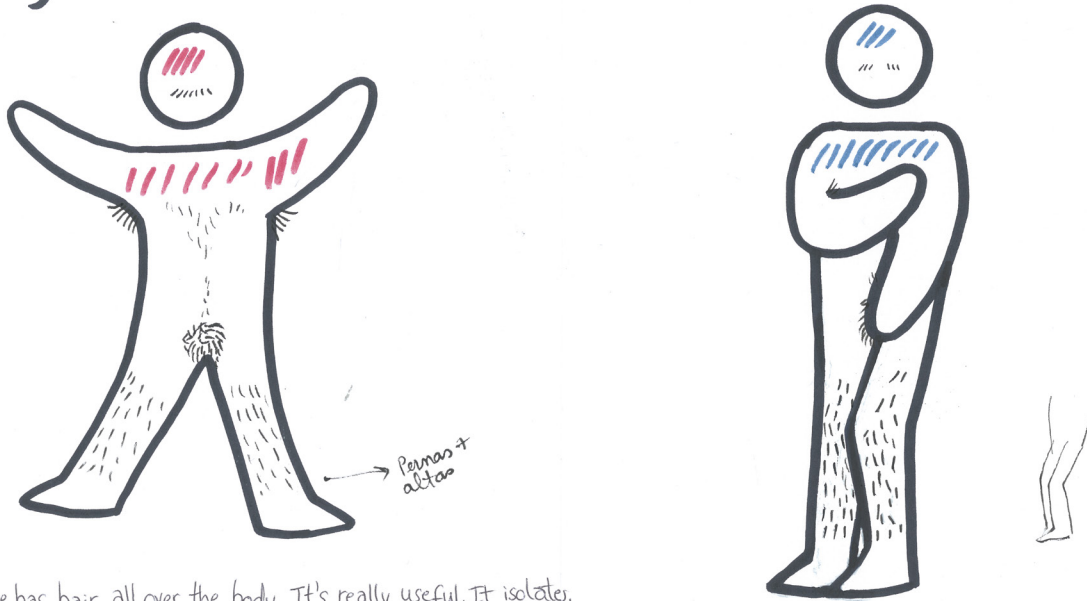
study



Some people don't want to study. That's ok.  
 But some do. Really do. But they can't.  
 And some can. And they do. But they can't  
 work on their field. And the ones who can,  
 sometimes have to choose between their career and  
 their family. Maybe it could be easier for them?

xx And they will be judged, if they no matter  
 what they chose.

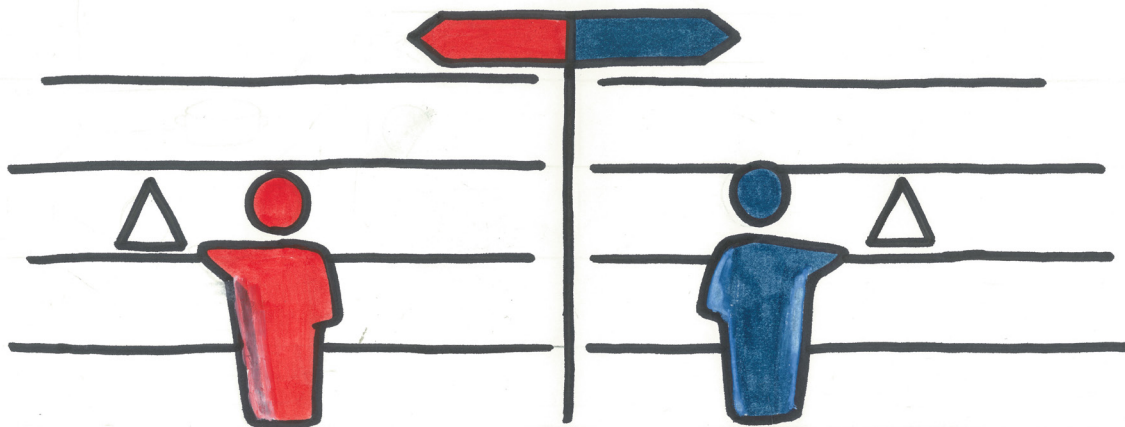
# Body hair



Everyone has hair, all over the body. It's really useful. It isolates, ~~one ha~~ protects, helps in the evaporation of sweat, retains smells.

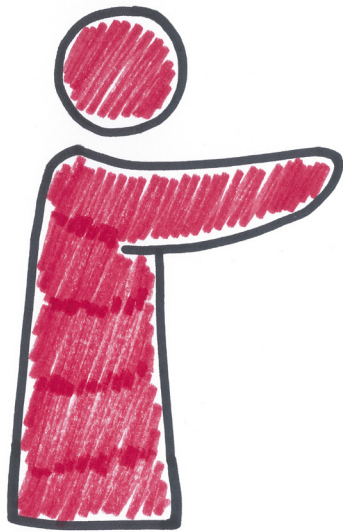
They both have the same body hair, however one can have it long and show it and the other is called out for doing the same. Isn't it the exact same hair? Why it's <sup>natural</sup> for some and discussing for others?

# Toys

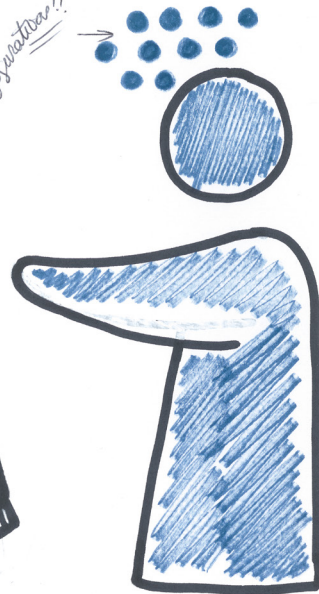


They both want the same toy. However, in the store, one must buy in one section and the other in a different section. Wouldn't it be nice to have all the toys together? For every one? Like that, anyone could have what they want.

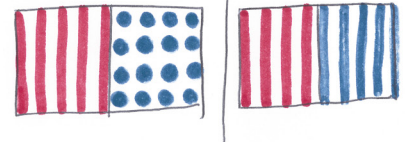
# Clothes



→ *temo sig  
demorado  
vitais, figuritas!!*



↓ *linha demorado  
a bandeira EVA*



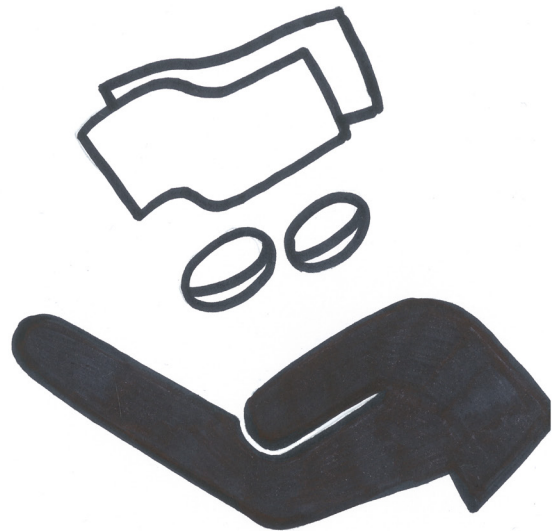
Clothes are a lot of things. Comfort. Style. Expression.  
Sometimes we are searching for the same but we are told we're not.  
It would be nice, shopping whatever we want.  
You think we could do that?



# Work salary



All jobs are important and keep society ~~from~~ functioning.  
A lot of people do the same job. The same tasks and responsibilities. \*\*  
However, they are not pay the same. Why?  
\*It's important to know, that some jobs are <sup>more</sup> physically, harder, intellectual, ...  
and those people are pay more. But



# Rearing



It takes two to do the job. However we expect that one was born to do it. And if the other does it it's awesome. Why do we hold responsible one parent for not doing/not knowing and ~~reward~~ reward the other for learning it! Isn't, after all, a shared responsibility? Couldn't we all learn from each other? And help each other?



# Nursing

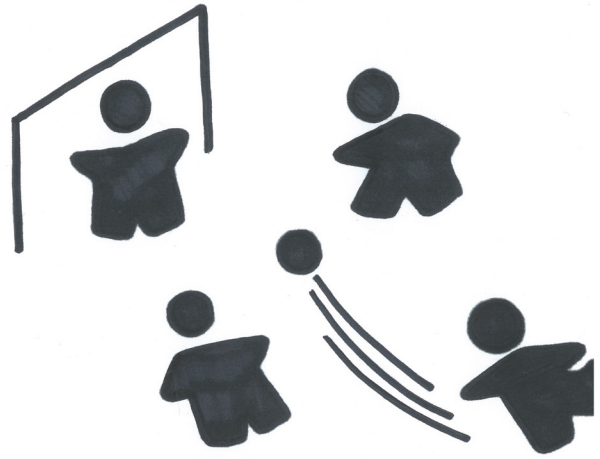
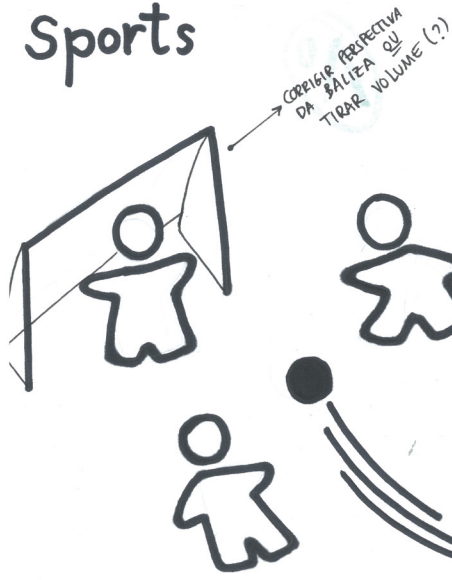


Some people need assistance. Because of a disease or age.  
 The role of a caretaker, however, is expected to be performed by only some. How can there be no support for society's support? \*x  
 And although it is hard work, it's still not considered work & weird right?

→ Preciso da  
 cor aqui?



# Sports

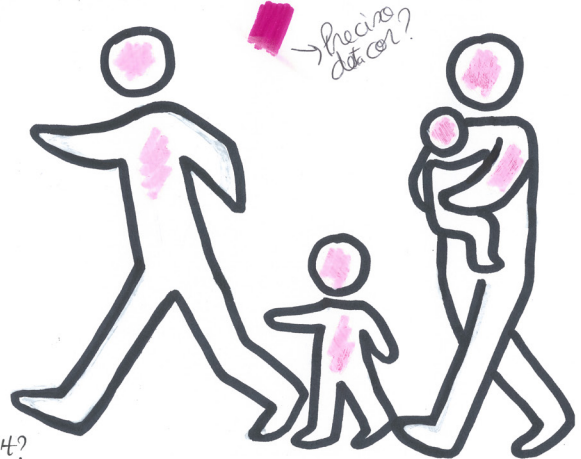
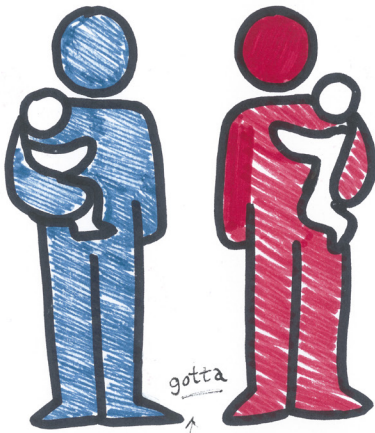
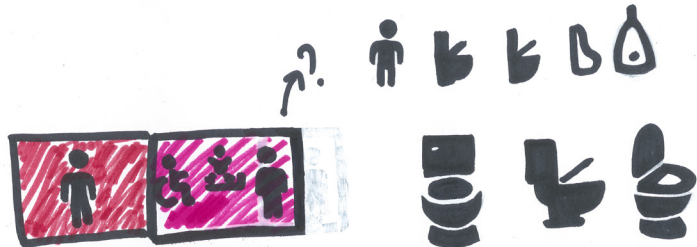


They play the same sport. Some play very well. Others not so much. But they all play. Their equipment and materials are the same. They even cost the same. Why aren't they getting pay the same?

PRETO E BRANCO?  
VERMELHO E AZUL?

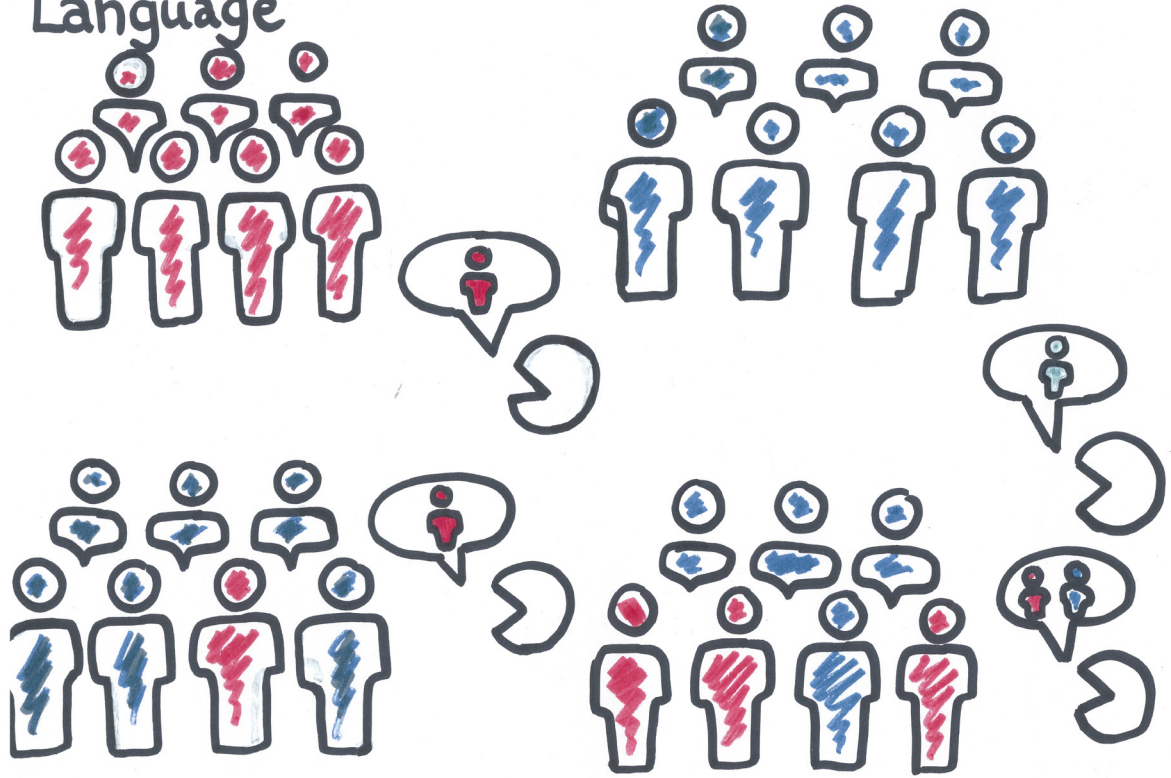


# ~~WC~~ WC

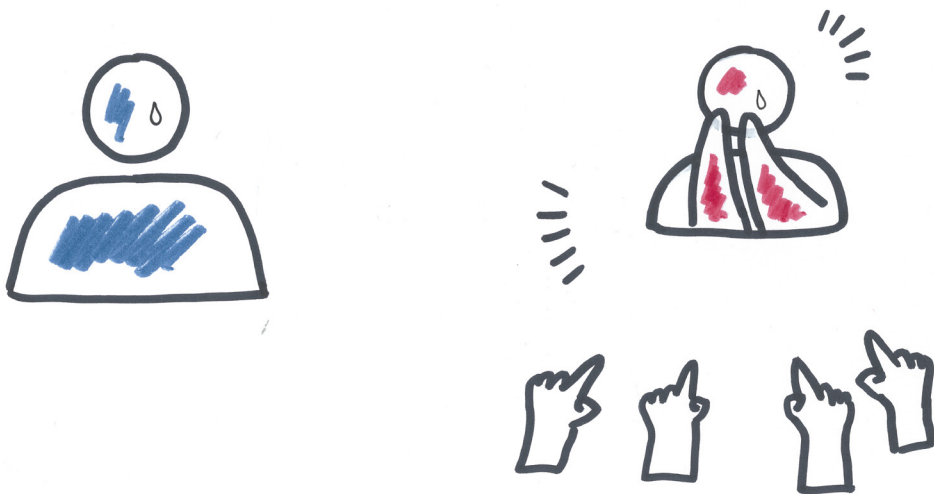


When you got to go, you got to go. But what if you can't?  
Could we have ~~restrooms~~ <sup>bathrooms</sup> that fit every necessity? And I don't mean no 1 or no 2 (if you know, you know)  
I mean toilets, urinals, baby changing stations, ~~adapted bathrooms~~ and accessible bathrooms.  
It sure would be nice.

# Language



# Emotions



Everybody feels. In different ways, but we all do. Somehow, we say it's OK for some to show it and embarrassing for others. We even called them weak for having the strenght to feel. Maybe we can start paying attention to others and let them share their feelings. Would be amazing, a world free for everyone to cry and laugh.

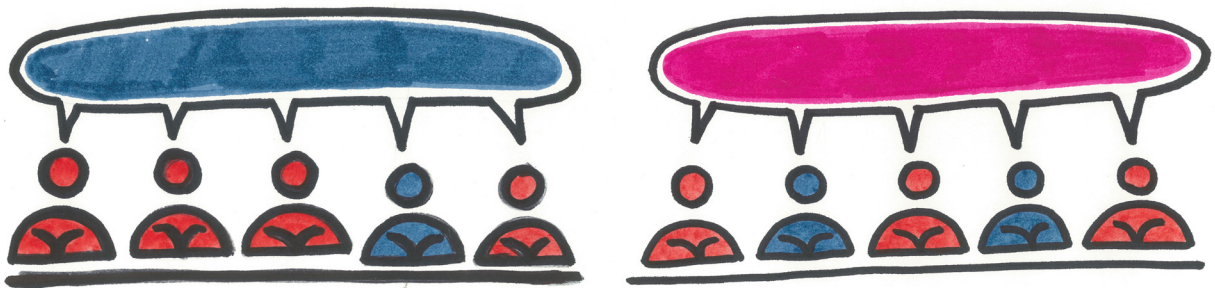
But if others do it, we call them dramatic. Stay in touch with our own feelings.

Estadísticas de número de suicidios nos hombres vs mujeres?

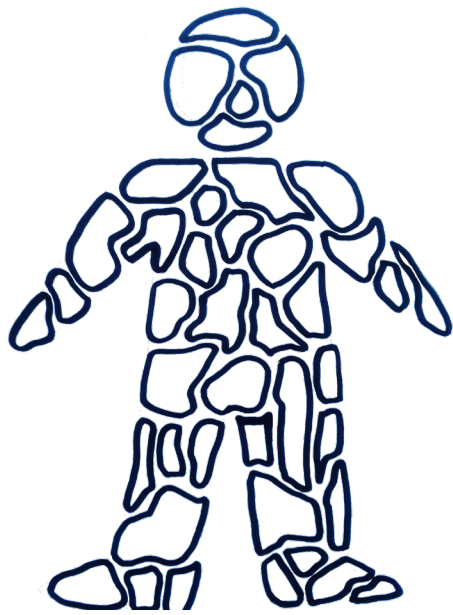


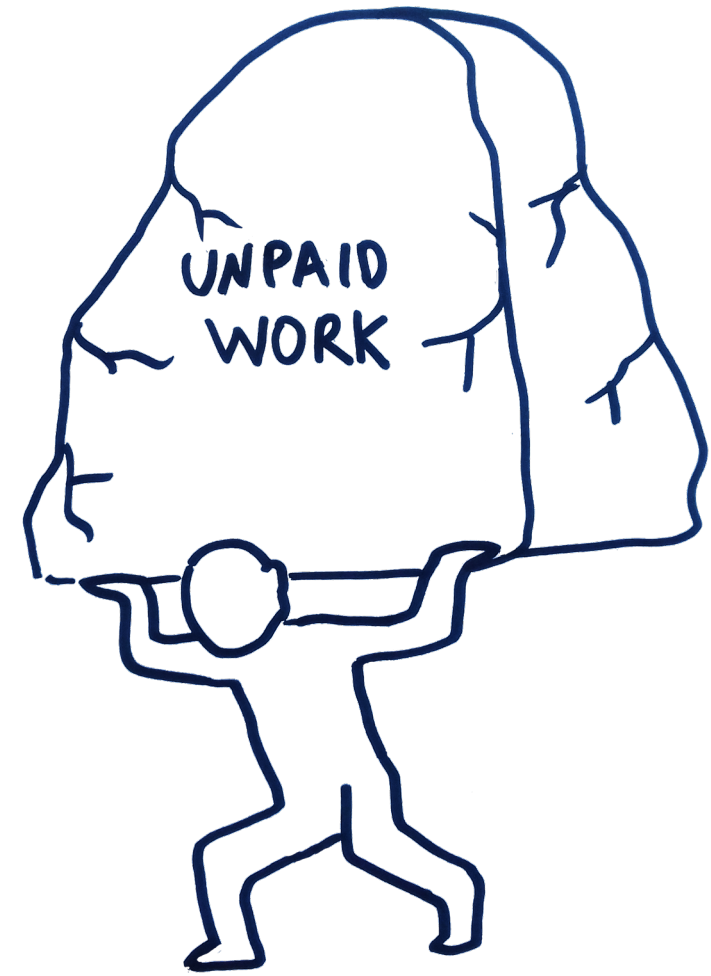
In a meeting room,  
discussing issues and making decisions.

In a meeting room, making decisions.

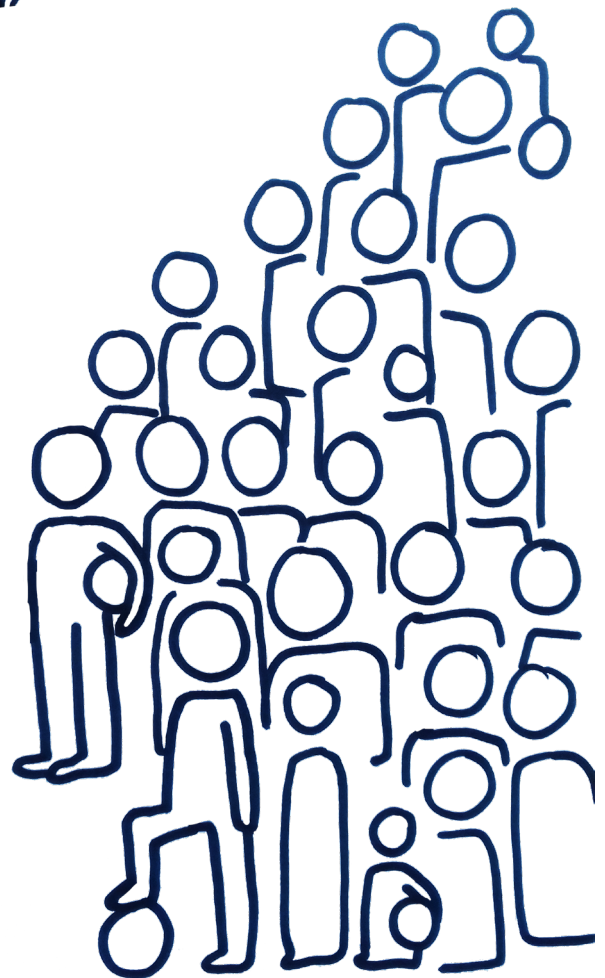


When discussing important matters, it's important to  
have everyone in the room.  
If we don't ask the other, we risk never reaching the answer.  
Have you asked? ~~think~~



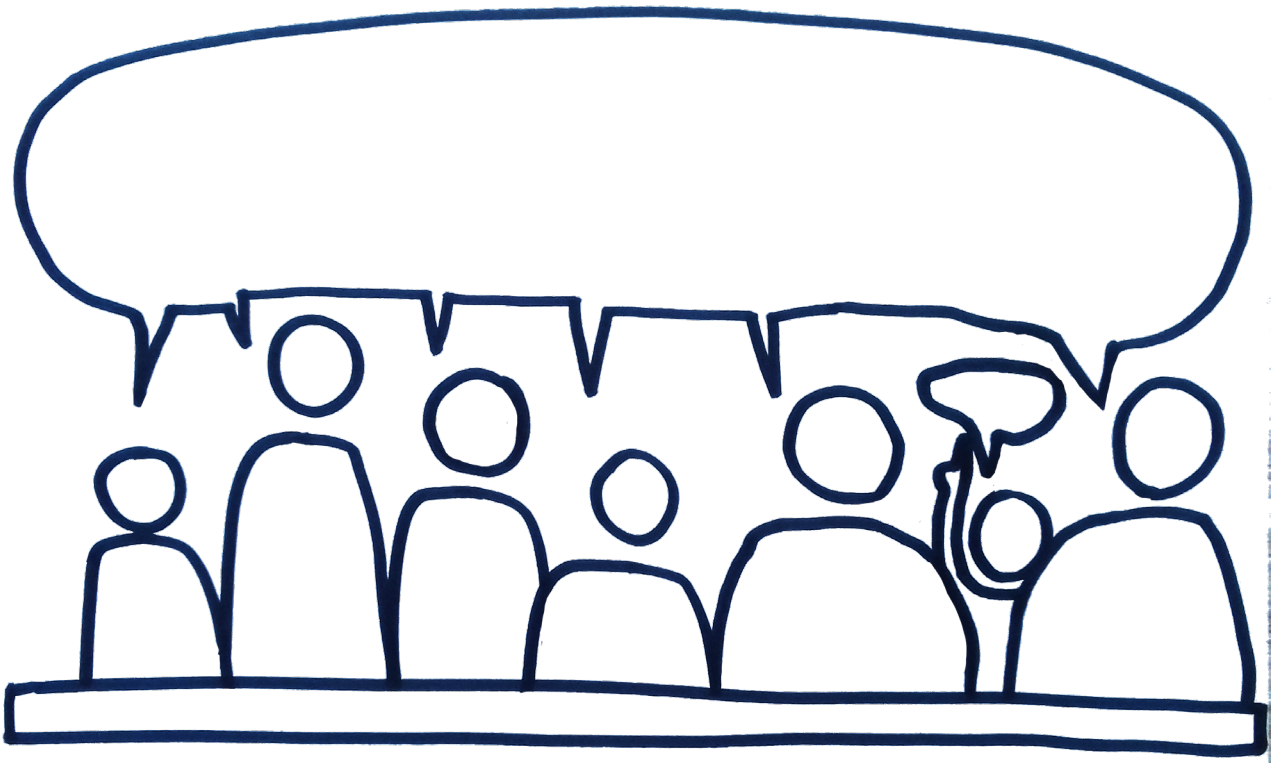








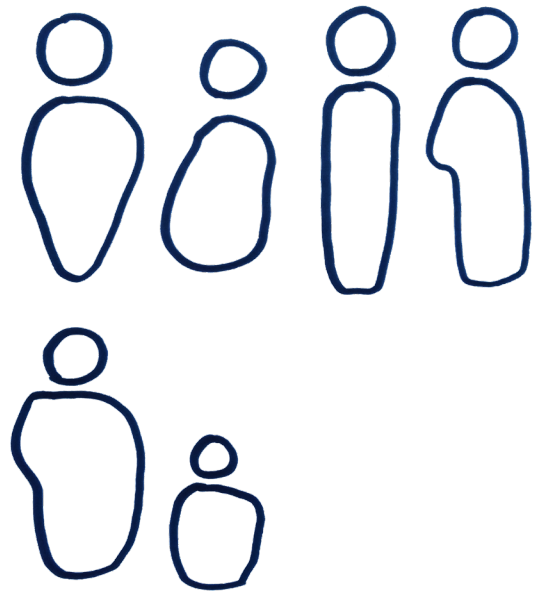
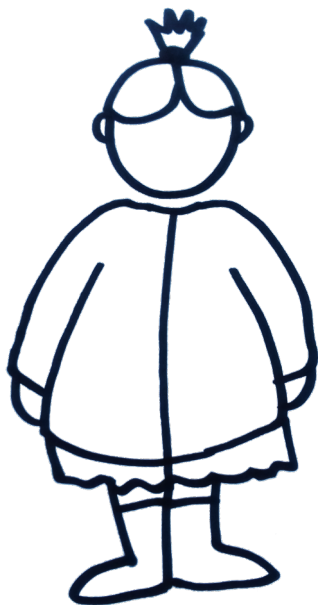
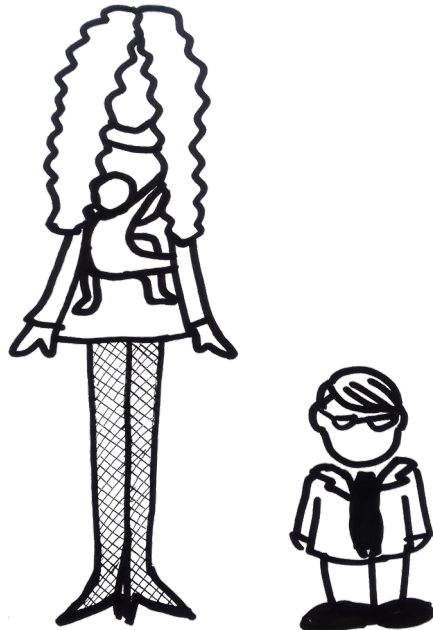
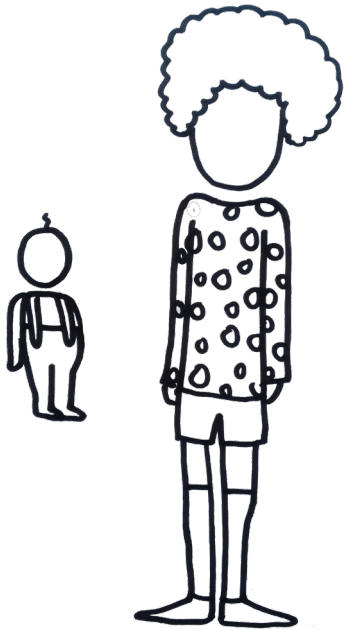














**Transcrição completa da palestra “We should all be feminists” (Todos devemos ser feministas) dada por Chimamanda Ngozi Adichie, na TEDxEuston, em Dezembro de 2012.**

Apresenta-se a palestra original bem como a sua tradução para português. Pela sua pertinência neste relatório e no discurso sobre género, recomenda-se a sua leitura aqui apresentada. É possível assistir à palestra online, no site da TED (<https://www.ted.com>).

00:03 So I would like to start by telling you about one of my greatest friends, Okoloma Maduewesi. Okoloma lived on my street and looked after me like a big brother. If I liked a boy, I would ask Okoloma’s opinion. Okoloma died in the notorious Sosoliso plane crash in Nigeria in December of 2005. Almost exactly seven years ago. Okoloma was a person I could argue with, laugh with and truly talk to. He was also the first person to call me a feminist.

00:39 I was about fourteen, we were at his house, arguing. Both of us bristling with half bit knowledge from books that we had read. I don’t remember what this particular argument was about, but I remember that as I argued and argued, Okoloma looked at me and said, “You know, you’re a feminist.” It was not a compliment.

00:58 (Laughter)

01:00 I could tell from his tone, the same tone that you would use to say something like, “You’re a supporter of terrorism.”

01:05 (Laughter)

01:08 I did not know exactly what this word “feminist” meant, and I did not want Okoloma to know that I did not know. So I brushed it aside, and I continued to argue. And the first thing I planned to do when I got home was to look up the word “feminist” in the dictionary.

01:23 Now fast forward to some years later, I wrote a novel about a man who among other things beats his wife and whose story doesn’t end very well. While I was promoting the novel in Nigeria, a journalist, a nice, well-meaning man, told me he wanted to advise me. And for the Nigerians here, I’m sure we’re all familiar with how quick our people are to give unsolicited advice. He told me that people were saying that my novel was feminist and his advice to me -- and he was shaking his head sadly as he spoke -- was that I should never call myself a feminist because feminists are women who are unhappy because they cannot find husbands.

02:08 (Laughter)

02:12 So I decided to call myself “a happy feminist.” Then an academic, a Nigerian woman told me that feminism was not our culture and that feminism wasn’t African, and that I was calling myself a feminist because I had been corrupted by “Western books.” Which amused me, because a lot of my early readings were decidedly unfeminist. I think I must have read every single Mills & Boon romance published before I was sixteen. And each time I tried to read those books called “the feminist classics,” I’d get bored, and I really struggled to finish them. But anyway, since feminism was un-African, I decided that I would now call myself “a happy African feminist.” At some point I was a happy African feminist who does not hate men and who likes lip gloss and who wears high heels for her-

self but not for men.

02:59 (Laughter)

03:01 Of course a lot of this was tongue-in-cheek, but that word feminist is so heavy with baggage, negative baggage. You hate men, you hate bras, you hate African culture, that sort of thing.

03:13 Now here's a story from my childhood. When I was in primary school, my teacher said at the beginning of term that she would give the class a test and whoever got the highest score would be the class monitor. Now, class monitor was a big deal. If you were a class monitor, you got to write down the names of noisemakers --

03:32 (Laughter)

03:34 which was having enough power of its own. But my teacher would also give you a cane to hold in your hand while you walk around and patrol the class for noisemakers. Now, of course you were not actually allowed to use the cane. But it was an exciting prospect for the nine-year-old me. I very much wanted to be the class monitor. And I got the highest score on the test. Then, to my surprise, my teacher said that the monitor had to be a boy. She had forgotten to make that clear earlier because she assumed it was ... obvious.

04:07 (Laughter)

04:09 A boy had the second highest score on the test, and he would be monitor. Now, what was even more interesting about this is that the boy was a sweet, gentle soul who had no interest in patrolling the class with the cane, while I was full of ambition to do so. But I was female and he was male, and so he became the class monitor. And I've never forgotten that incident.

04:37 I often make the mistake of thinking that something that is obvious to me is just as obvious to everyone else. Now, take my dear friend Louis for example. Louis is a brilliant, progressive man, and we would have conversations and he would tell me, "I don't know what you mean by things being different or harder for women. Maybe in the past, but not now." And I didn't understand how Louis could not see what seems so self-evident. Then one evening, in Lagos, Louis and I went out with friends. And for people here who are not familiar with Lagos, there's that wonderful Lagos' fixture, the sprinkling of energetic men who hang around outside establishments and very dramatically "help" you park your car. I was impressed with the particular theatrics of the man who found us a parking spot that evening. And so as we were leaving, I decided to leave him a tip. I opened my bag, put my hand inside my bag, brought out my money that I had earned from doing my work, and I gave it to the man. And he, this man who was very grateful and very happy, took the money from me, looked across at Louis and said, "Thank you, sir!"

05:48 (Laughter)

05:54 Louis looked at me, surprised, and asked, "Why is he thanking me? I didn't give him the money." Then I saw realization dawn on Louis' face. The man believed that whatever money I had had ultimately come from Louis. Because Louis is a man.

06:16 Men and women are different. We have different hormones, we have different sexual organs, we have different biological abilities. Women can have babies, men can't. At least not yet.

06:27 (Laughter)

06:28 Men have testosterone and are in general physically stronger than women. There's slightly more women than men in the world, about 52 percent of the world's population is female. But most of the positions of power and prestige are occupied by men. The late Kenyan Nobel Peace laureate, Wangari Maathai, put it simply and well when she said: "The higher you go, the fewer women there are." In the recent US elections we kept hearing of the Lilly Ledbetter law, and if we go beyond the nicely alliterative name of that law, it was really about a man and a woman doing the same job, being equally qualified, and the man being paid more because he's a man.

07:11 So in the literal way, men rule the world, and this made sense a thousand years ago because human beings lived then in a world in which physical strength was the most important attribute for survival. The physically stronger person was more likely to lead, and men, in general, are physically stronger. Of course there are many exceptions.

07:35 (Laughter)

07:36 But today we live in a vastly different world. The person more likely to lead is not the physically stronger person; it is the more creative person, the more intelligent person, the more innovative person, and there are no hormones for those attributes. A man is as likely as a woman to be intelligent, to be creative, to be innovative. We have evolved; but it seems to me that our ideas of gender had not evolved.

08:05 Some weeks ago, I walked into a lobby of one of the best Nigerian hotels. I thought about naming the hotel, but I thought I probably shouldn't. And a guard at the entrance stopped me and asked me annoying questions, because their automatic assumption is that a Nigerian female walking into a hotel alone is a sex worker. And by the way, why do these hotels focus on the ostensible supply rather than the demand for sex workers? In Lagos I cannot go alone into many "reputable" bars and clubs. They just don't let you in if you're a woman alone, you have to be accompanied by a man. Each time I walk into a Nigerian restaurant with a man, the waiter greets the man and ignores me. The waiters are products --

08:51 (Laughter)

08:52 At this some women felt like, "Yes! I thought that!" The waiters are products of a society that has taught them that men are more important than women. And I know that waiters don't intend any harm. But it's one thing to know intellectually and quite another to feel it emotionally. Each time they ignore me, I feel invisible. I feel upset. I want to tell them that I am just as human as the man, that I'm just as worthy of acknowledgment. These are little things, but sometimes it's the little things that sting the most.

09:24 And not long ago, I wrote an article about what it means to be young and female in Lagos, and the printers told me, "It was so angry." Of course it was angry!

09:35 (Laughter)

09:40 I am angry. Gender as it functions today is a grave injustice. We should all be angry. Anger has a long history of bringing about positive change; but, in addition to being angry, I'm also hopeful. Because I believe deeply in the ability of human beings to make and remake themselves for the better.

10:00 Gender matters everywhere in the world, but I want to focus on Nigeria and on Africa in general, because it is where I know, and because it is where my heart is. And I would like today to ask that we begin to dream about and plan for a different world, a fairer world, a world of happier men and happier women who are truer to themselves. And this is how to start: we must raise our daughters differently. We must also raise our sons differently. We do a great disservice to boys on how we raise them; we stifle the humanity of boys. We define masculinity in a very narrow way, masculinity becomes this hard, small cage and we put boys inside the cage. We teach boys to be afraid of fear. We teach boys to be afraid of weakness, of vulnerability. We teach them to mask their true selves, because they have to be, in Nigerian speak, "hard man!" In secondary school, a boy and a girl, both of them teenagers, both of them with the same amount of pocket money, would go out and then the boy would be expected always to pay, to prove his masculinity. And yet we wonder why boys are more likely to steal money from their parents.

11:20 What if both boys and girls were raised not to link masculinity with money? What if the attitude was not "the boy has to pay" but rather "whoever has more should pay?" Now, of course because of that historical advantage, it is mostly men who will have more today, but if we start raising children differently, then in fifty years, in a hundred years, boys will no longer have the pressure of having to prove this masculinity. But by far the worst thing we do to males, by making them feel that they have to be hard, is that we leave them with very fragile egos. The more "hard man" the man feels compelled to be, the weaker his ego is. And then we do a much greater disservice to girls because we raise them to cater to the fragile egos of men. We teach girls to shrink themselves, to make themselves smaller, we say to girls, "You can have ambition, but not too much."

12:21 (Laughter)

12:22 "You should aim to be successful, but not too successful, otherwise you would threaten the man." If you are the breadwinner in your relationship with a man, you have to pretend that you're not, especially in public, otherwise you will emasculate him.

12:38 But what if we question the premise itself? Why should a woman's success be a threat to a man? What if we decide to simply dispose of that word, and I don't think there's an English word I dislike more than "emasculatation." A Nigerian acquaintance once asked me if I was worried that men would be intimidated by me. I was not worried at all. In fact, it had not occurred to me to be worried because a man who would be intimidated by me is exactly the kind of man I would have no interest in.

13:08 (Laughter)

13:10 (Applause)

13:17 But still I was really struck by this. Because I'm female, I'm expected to

aspire to marriage; I'm expected to make my life choices always keeping in mind that marriage is the most important. A marriage can be a good thing; it can be a source of joy and love and mutual support. But why do we teach girls to aspire to marriage and we don't teach boys the same?

13:44 I know a woman who decided to sell her house because she didn't want to intimidate a man who might marry her. I know an unmarried woman in Nigeria who, when she goes to conferences, wears a wedding ring because according to her, she wants the other participants in the conference to "give her respect." I know young women who are under so much pressure from family, from friends, even from work to get married, and they're pushed to make terrible choices. A woman at a certain age who is unmarried, our society teaches her to see it as a deep, personal failure. And a man at a certain age who is unmarried, we just think he hasn't come around to making his pick.

14:25 (Laughter)

14:27 It's easy for us to say, "Oh, but women can just say no to all of this." But the reality is more difficult and more complex. We're all social beings. We internalize ideas from our socialization. Even the language we use in talking about marriage and relationships illustrates this. The language of marriage is often the language of ownership rather than the language of partnership. We use the word "respect" to mean something a woman shows a man but often not something a man shows a woman.

14:59 Both men and women in Nigeria will say -- this is an expression I'm very amused by -- "I did it for peace in my marriage." Now, when men say it, it is usually about something that they should not be doing anyway.

15:12 (Laughter)

15:14 Sometimes they say it to their friends, it's something to say to their friends in a kind of fondly exasperated way, you know, something that ultimately proves how masculine they are, how needed, how loved. "Oh, my wife said I can't go to the club every night, so for peace in my marriage, I do it only on weekends."

15:31 (Laughter)

15:33 Now, when a woman says, "I did it for peace in my marriage," she's usually talking about giving up a job, a dream, a career. We teach females that in relationships, compromise is what women do. We raise girls to see each other as competitors -- not for jobs or for accomplishments, which I think can be a good thing, but for attention of men. We teach girls that they cannot be sexual beings in the way that boys are. If we have sons, we don't mind knowing about our sons' girlfriends. But our daughters' boyfriends? God forbid.

16:10 (Laughter)

16:11 But of course when the time is right, we expect those girls to bring back the perfect man to be their husbands. We police girls, we praise girls for virginity, but we don't praise boys for virginity, and it's always made me wonder how exactly this is supposed to work out because ...

16:27 (Laughter)

16:29 (Applause)

16:37 I mean, the loss of virginity is usually a process that involves ...

16:42 Recently a young woman was gang raped in a university in Nigeria, I think some of us know about that. And the response of many young Nigerians, both male and female, was something along the lines of this: "Yes, rape is wrong. But what is a girl doing in a room with four boys?" Now, if we can forget the horrible inhumanity of that response, these Nigerians have been raised to think of women as inherently guilty, and they have been raised to expect so little of men that the idea of men as savage beings without any control is somehow acceptable. We teach girls shame. "Close your legs." "Cover yourself." We make them feel as though by being born female they're already guilty of something. And so, girls grow up to be women who cannot see they have desire. They grow up to be women who silence themselves. They grow up to be women who cannot say what they truly think, and they grow up -- and this is the worst thing we did to girls -- they grow up to be women who have turned pretense into an art form.

17:49 (Applause)

17:55 I know a woman who hates domestic work, she just hates it, but she pretends that she likes it, because she's been taught that to be "good wife material" she has to be -- to use that Nigerian word -- very "homely." And then she got married, and after a while her husband's family began to complain that she had changed.

18:18 (Laughter)

18:19 Actually, she had not changed, she just got tired of pretending.

18:24 The problem with gender, is that it prescribes how we should be rather than recognizing how we are.

18:32 Now imagine how much happier we would be, how much freer to be our true individual selves, if we didn't have the weight of gender expectations. Boys and girls are undeniably different biologically, but socialization exaggerates the differences and then it becomes a self-fulfilling process. Now, take cooking for example. Today women in general are more likely to do the housework than men, the cooking and cleaning. But why is that? Is it because women are born with a cooking gene?

19:05 (Laughter)

19:06 Or because over years they have been socialized to see cooking as their role? Actually, I was going to say that maybe women are born with a cooking gene, until I remember that the majority of the famous cooks in the world, whom we give the fancy title of "chefs," are men.

19:22 I used to look up to my grandmother who was a brilliant, brilliant woman, and wonder how she would have been if she had the same opportunities as men when she was growing up.

19:32 Now today, there are many more opportunities for women than there were during my grandmother's time because of changes in policy, changes in law, all of which are very important. But what matters even more is our attitude, our mind-

set, what we believe and what we value about gender. What if in raising children we focus on ability instead of gender? What if in raising children we focus on interest instead of gender?

20:00 I know a family who have a son and a daughter, both of whom are brilliant at school, who are wonderful, lovely children. When the boy is hungry, the parents say to the girl, “Go and cook Indomie noodles for your brother.”

20:11 (Laughter)

20:12 Now, the daughter doesn’t particularly like to cook Indomie noodles, but she’s a girl, and so she has to. Now, what if the parents, from the beginning, taught both the boy and the girl to cook Indomie? Cooking, by the way, is a very useful skill for boys to have. I’ve never thought it made sense to leave such a crucial thing, the ability to nourish oneself --

20:37 (Laughter)

20:38 in the hands of others.

20:40 (Applause)

20:45 I know a woman who has the same degree and the same job as her husband. When they get back from work, she does most of the housework, which I think is true for many marriages. But what struck me about them was that whenever her husband changed the baby’s diaper, she said “thank you” to him. Now, what if she saw this as perfectly normal and natural that he should, in fact, care for his child?

21:10 (Laughter)

21:13 I’m trying to unlearn many of the lessons of gender that I internalized when I was growing up. But I sometimes still feel very vulnerable in the face of gender expectations. The first time I taught a writing class in graduate school, I was worried. I wasn’t worried about the material I would teach because I was well-prepared, and I was going to teach what I enjoy teaching. Instead, I was worried about what to wear. I wanted to be taken seriously. I knew that because I was female I will automatically have to prove my worth. And I was worried that if I looked too feminine, I would not be taken seriously. I really wanted to wear my shiny lip gloss and my girly skirt, but I decided not to. Instead, I wore a very serious, very manly and very ugly suit.

22:02 (Laughter)

22:03 Because the sad truth is that when it comes to appearance we start off with men as the standard, as the norm. If a man is getting ready for a business meeting, he doesn’t worry about looking too masculine and therefore not being taken for granted. If a woman has to get ready for business meeting, she has to worry about looking too feminine and what it says and whether or not she will be taken seriously.

22:27 I wish I had not worn that ugly suit that day. I’ve actually banished it from my closet, by the way. Had I then the confidence that I have now to be myself, my students would have benefited even more from my teaching, because I would have been more comfortable and more fully and more truly myself. I have chosen to no

longer be apologetic for my femaleness and for my femininity.

22:53 (Applause)

22:59 And I want to be respected in all of my femaleness because I deserve to be. Gender is not an easy conversation to have. For both men and women, to bring up gender is sometimes to encounter almost immediate resistance. I can imagine some people here are actually thinking, “Women too do sef.” Some of the men here might be thinking, “OK, all of this is interesting, but I don’t think like that.” And that is part of the problem.

23:29 That many men do not actively think about gender or notice gender is part of the problem of gender. That many men, say, like my friend Louis, that everything is fine now. And that many men do nothing to change it. If you are a man and you walk into a restaurant with a woman and the waiter greets only you, does it occur to you to ask the waiter, “Why haven’t you greeted her?” Because gender can be --

23:58 (Laughter)

24:08 Actually, we may repose part of a longer version of this talk. So, because gender can be a very uncomfortable conversation to have, there are very easy ways to close it, to close the conversation. So some people will bring up evolutionary biology and apes, how, you know, female apes bow down to male apes and that sort of thing. But the point is we’re not apes.

24:31 (Laughter)

24:32 (Applause)

24:37 Apes also live on trees and have earthworms for breakfast, and we don’t. Some people will say, “Well, poor men also have a hard time.” And this is true. But that is not what this --

24:52 (Laughter)

24:53 But this is not what this conversation is about. Gender and class are different forms of oppression. I actually learned quite a bit about systems of oppression and how they can be blind to one another by talking to black men.

25:10 I was once talking to a black man about gender and he said to me, “Why do you have to say ‘my experience as a woman’? Why can’t it be ‘your experience as a human being’?” Now, this was the same man who would often talk about his experience as a black man.

25:30 Gender matters. Men and women experience the world differently. Gender colors the way we experience the world. But we can change that.

25:40 Some people will say, “Oh, but women have the real power, bottom power.” And for non-Nigerians, bottom power is an expression which I suppose means something like a woman who uses her sexuality to get favors from men. But bottom power is not power at all. Bottom power means that a woman simply has a good root to tap into, from time to time -- somebody else’s power. And then, of course, we have to wonder what happens when that somebody else is in a bad mood, or sick or impotent.

26:15 (Laughter)

26:19 Some people will say that a woman being subordinate to a man is our culture. But culture is constantly changing. I have beautiful twin nieces who are fifteen and live in Lagos. If they had been born a hundred years ago they would have been taken away and killed. Because it was our culture, it was our culture to kill twins.

26:42 So what is the point of culture? I mean there's the decorative, the dancing ... but also, culture really is about preservation and continuity of a people. In my family, I am the child who is most interested in the story of who we are, in our traditions, in the knowledge about ancestral lands. My brothers are not as interested as I am. But I cannot participate, I cannot go to umunna meetings, I cannot have a say. Because I'm female. Culture does not make people, people make culture. So if it is in fact true --

27:18 (Applause)

27:21 So if it is in fact true that the full humanity of women is not our culture, then we must make it our culture.

27:29 I think very often of my dear friend, Okoloma Maduewesi. May he and all the others who passed away in that Sosoliso crash continue to rest in peace. He will always be remembered by those of us who loved him. And he was right that day many years ago when he called me a feminist.

27:50 I am a feminist. And when I looked up the word in the dictionary that day, this is what it said: "Feminist: a person who believes in the social, political and economic equality of the sexes." My great grandmother, from the stories I've heard, was a feminist. She ran away from the house of the man she did not want to marry and ended up marrying the man of her choice. She refused, she protested, she spoke up whenever she felt she was being deprived of access, of land, that sort of thing.

28:22 My great grandmother did not know that word "feminist," but it doesn't mean that she wasn't one. More of us should reclaim that word. My own definition of feminist is: "A feminist is a man or a woman who says --

28:40 (Laughter)

28:44 (Applause)

28:50 A feminist is a man or a woman who says, "Yes, there's a problem with gender as it is today, and we must fix it. We must do better." The best feminist I know is my brother Kene. He's also a kind, good-looking, lovely man, and he's very masculine.

29:12 Thank you.

29:14 (Applause)

## Em português

00:04 Gostaria de começar a falar de um dos meus maiores amigos, Okoloma Maduewesi. Okoloma morava na minha rua e cuidava de mim como um irmão mais velho. Se eu gostava de um rapaz, pedia sempre a opinião a Okoloma. Okoloma morreu na queda do avião em Sosoliso, na Nigéria, em dezembro de 2005. Quase há sete anos exatamente. Okoloma era uma pessoa com quem eu discutia, ria e falava a sério. Foi a primeira pessoa a chamar-me feminista.

00:39 Eu tinha os meus 14 anos, estávamos em casa dele, a discutir. Ambos casmurros com os poucos conhecimentos dos livros que tínhamos lido. Não me lembro sobre o que era essa discussão, mas lembro-me que, enquanto eu argumentava. Okoloma olhou para mim e disse: “Sabes uma coisa? És uma feminista”. Não era um elogio.

00:59 (Risos)

01:00 Percebi, pelo tom de voz, o mesmo tom que ele usaria para dizer algo como: “Tu defendes o terrorismo.”

01:06 (Risos)

01:08 Eu não sabia exatamente o que significava “feminista”, mas não queria que Okoloma soubesse que eu não sabia. Então, deixei passar e continuei a discussão. E pensei que, logo que chegasse a casa, ia procurar a palavra “feminista.”

01:23 Agora passando rapidamente para alguns anos mais tarde, escrevi um livro sobre um homem que, entre outras coisas, batia na mulher, cuja história não acaba muito bem. Enquanto eu promovia o romance na Nigéria, um jornalista, simpático e bem-intencionado disse-me que queria aconselhar-me. Se há aqui nigerianos, de certeza que estão familiarizados com a facilidade com que o nosso povo dá conselhos sem serem pedidos. Ele disse-me que as pessoas diziam que o meu livro era feminista e aconselhava-me — e sacudia a cabeça tristemente, enquanto falava — a que nunca me intitulasse feminista porque as feministas são mulheres infelizes porque não conseguem arranjar um marido.

02:08 (Risos)

02:12 Então, decidi intitular-me “uma feminista feliz.” Então, uma académica nigeriana disse-me que o feminismo não era a nossa cultura, que o feminismo não era africano, e que eu intitulava-me feminista porque tinha sido corrompida por “livros ocidentais.” Achei aquilo engraçado, porque as minhas primeiras leituras não tinham nada de feministas. Devo ter lido todos os romances publicados da Mills & Boon, antes dos 16 anos. E sempre que tentava ler os livros chamados “os clássicos feministas,” ficava aborrecida, tinha dificuldade em acabá-los. Mas como o feminismo era não africano, decidi que passaria a chamar-me “uma feminista africana feliz.” Eu era uma feminista africana feliz que não odeia os homens e que gosta de batom, que usa saltos altos, porque gosta, e não é para os homens.

03:00 (Risos)

03:01 Claro que muitas destas coisas eram irónicas, mas esta palavra feminista é muito pesada, tem um peso negativo. Elas odeiam os homens, odeiam o soutien, odeiam a cultura africana, essas coisas todas.

03:13 Esta é uma história da minha infância. Quando eu andava na escola primária, a minha professora disse, no início do ano, que ia fazer um teste à turma e quem tirasse a nota mais alta seria monitor da turma. Ser monitor era uma grande coisa. Quem fosse monitor anotava os nomes dos barulhentos...

03:33 (Risos)

03:34 ... o que era ter muito poder. A minha professora também lhe dava um ponteiro para a mão, enquanto o monitor vigiava os barulhentos. Claro que não era permitido usar o ponteiro, mas era uma hipótese excitante para mim, aos 9 anos. Eu queria muito ser monitora. E tirei a nota mais alta no teste. Mas, para minha surpresa, a professora disse que o monitor tinha de ser um rapaz. Ela esquecera-se de esclarecer isso antes porque achara que fosse óbvio.

04:07 (Risos)

04:09 Fora um rapaz que tivera a segunda nota mais alta e seria ele o monitor. O mais interessante em tudo isto é que o rapaz era uma alma doce e gentil e não estava interessado em vigiar a sala, de ponteiro na mão. enquanto eu estava cheia de ambição. Mas eu era rapariga e ele era rapaz, por isso foi ele o monitor da turma. Eu nunca me esqueci deste incidente.

04:37 Com frequência, penso erradamente que o que é óbvio para mim é óbvio para toda a gente. Reparem no meu amigo Louis, por exemplo. Louis é um homem brilhante e progressista. Conversávamos e ele dizia-me:

04:50 “Não te percebo quando falas de coisas “diferentes ou mais difíceis para as mulheres. “Talvez no passado, mas agora não”. E eu não percebia como Louis não via o que, para mim, era óbvio. Uma noite em Lagos, Louis e eu saímos com amigos. Para quem não conhece Lagos, há uma maravilhosa prática em Lagos. Homens enérgicos dispersos juntos dos estabelecimentos que, muito teatralmente, “ajudam-nos” a estacionar o carro. Fiquei impressionada com a teatralidade especial do homem que nos arranjou um local para estacionar, naquela noite. Quando saímos, dei-lhe uma gorjeta. Abri a bolsa, meti a mão dentro da bolsa, tirei o dinheiro que tinha ganho com o meu trabalho e dei-o ao homem. Aquele homem, muito feliz e agradecido, agarrou no dinheiro, olhou para o Louis e disse: “Obrigado, senhor.”

05:49 (Risos)

05:54 Louis olhou pra mim, surpreendido, e perguntou: “Porque é que ele me agradeceu? Não fui eu quem lhe deu o dinheiro”. Então, vi no rosto do Louis que ele tinha percebido. O homem achava que qualquer dinheiro que eu tivesse teria vindo do Louis. Porque o Louis é um homem.

06:16 Homens e mulheres são diferentes. Temos hormonas diferentes, temos órgãos sexuais diferentes. temos capacidades biológicas diferentes. As mulheres podem ter filhos, os homens não. Pelo menos, por enquanto.

06:27 (Risos)

06:29 Os homens têm testosterona e, em geral, são fisicamente mais fortes que as mulheres. No mundo, há um pouco mais de mulheres do que homens. cerca de 52% da população mundial são mulheres. Mas as posições de poder e de prestí-

gio são sobretudo ocupadas pelos homens. A falecida queniana, prêmio Nobel da Paz, Wangari Maathai, disse-o de modo simples mas bem: “Quanto mais altos formos, menos mulheres encontramos”. Nas últimas eleições dos EUA, fartámo-nos de ouvir falar da lei Lilly Ledbetter, e, se formos mais além do nome repetitivo dessa lei, trata-se, na verdade, de um homem e uma mulher que fazem o mesmo trabalho, são igualmente qualificados, mas o homem é mais bem pago porque é um homem.

07:11 No sentido literal, os homens governam o mundo. isto fazia sentido há mil anos porque os seres humanos nessa época, viviam num mundo, em que a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência. As pessoas fisicamente mais fortes eram as que lideravam e os homens, geralmente, são fisicamente mais fortes. Claro que há muitas exceções.

07:35 (Risos)

07:36 Mas hoje vivemos num mundo muito diferente. A pessoa que lidera não é a fisicamente mais forte, é a pessoa mais criativa, a pessoa mais inteligente, a pessoa mais inovadora, e não há hormonas para esses atributos. Um homem é tão inteligente quanto uma mulher, tão criativo e inovador. Nós evoluímos, mas parece que as nossas ideias sobre os sexos não evoluíram.

08:05 Aqui há semanas, entrei num dos melhores hotéis da Nigéria. Pensei em dizer o nome do hotel, mas achei que era melhor não. Um guarda à entrada, de-teve-me e fez-me perguntas incômodas, porque o seu pensamento automático é que uma nigeriana a entrar num hotel sozinha é uma prostituta. E, a propósito, porque é que esses hotéis se concentram na oferta ostensiva em vez da procura de prostitutas? Em Lagos não posso ir sozinha a muitos bares e clubes “de respeito”. Não deixam entrar uma mulher sozinha, tem que estar acompanhada por um homem. Sempre que vou com um homem, a um restaurante nigeriano o criado cumprimenta o homem e ignora-me. Os criados são produto...

08:51 (Risos)

08:52 Há mulheres que pensam: “Sim! Pensei isso!” Os criados são produto duma sociedade que lhes ensina que os homens são mais importantes que as mulheres. Eu sei que os criados não têm intenção de ofender. Mas uma coisa é saber isso intelectualmente, outra coisa é senti-lo emotivamente. Sempre que me ignoram, sinto-me invisível, fico aborrecida. Apetece-me dizer-lhes que sou tão humana quanto o homem, mereço igualmente ser reconhecida. São pequenas coisas, mas, por vezes, são essas pequenas coisas que mais ferem.

09:24 Há pouco tempo, escrevi um artigo sobre o que significa ser jovem e mulher em Lagos. Os impressores disseram-me: “Aquele texto estava cheio de fúria.” Claro que estava cheio de fúria!

09:36 (Risos)

09:40 Eu estou furiosa. A forma como os sexos funcionam hoje é uma grande injustiça. Todos devíamos estar furiosos. A fúria tem uma longa história de trazer uma mudança positiva. Mas, para além de estar furiosa também tenho esperança. Porque acredito profundamente na capacidade dos seres humanos em se reinventarem para melhor.

10:00 As questões de sexo são importantes em todo mundo mas quero focar-me

na Nigéria e em África em geral, porque é o que eu conheço e onde está o meu coração. Gostaria de pedir que comecemos a sonhar com um plano para um mundo diferente e mais justo, um mundo de homens e mulheres mais felizes que sejam mais verdadeiros consigo mesmos. E é assim que temos de começar: temos que criar as nossas filhas de modo diferente. Temos que criar os nossos filhos de modo diferente. Prestamos um mau serviço aos rapazes com a forma como os educamos, reprimimos a humanidade dos rapazes. Definimos masculinidade de forma muito limitada. A masculinidade torna-se uma gaiola rígida e pequena. Colocamos os rapazes dentro dessa gaiola. Ensinamos aos rapazes a terem medo do medo. Ensinamos aos rapazes a terem medo da fraqueza, da vulnerabilidade. Ensinamos-lhes a mascarar quem eles são, porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria: “Homens rijos!” No liceu, um rapaz e uma rapariga, ambos adolescentes, com a mesma quantia de dinheiro no bolso, saem e espera-se sempre que seja o rapaz a pagar, para provar a sua masculinidade. Depois, perguntamos porque é que são sobretudo os rapazes que roubam dinheiro aos pais.

11:20 E se tanto rapazes como raparigas fossem educados para não relacionar-se a masculinidade com o dinheiro? E se a atitude não fosse “o rapaz tem que pagar” mas “quem tiver mais é que paga”? Claro que por causa desta vantagem histórica, a maioria de quem tem mais, são os homens, mas, se educarmos as crianças de modo diferente, dentro de 50, dentro de 100 anos, os rapazes já não terão a pressão de ter que provar esta masculinidade. A pior coisa que fazemos com os rapazes, fazendo-os sentir que eles têm que ser rijos, é que os deixamos com um ego muito frágil. Quanto mais “homem rijo” o homem se sente obrigado a ser, mais fraco é o seu ego. Depois, fazemos muito pior com as raparigas, porque educamo-las para alimentarem os egos frágeis dos homens. Ensinamos as raparigas a retraírem-se, a diminuírem-se. Dizemos às raparigas: “Podes ter ambição, mas não em demasia.”

12:21 (Risos)

12:22 “Podes querer ter êxito, mas não em demasia, “caso contrário, ameaças o homem.” Se somos o ganha-pão na relação com um homem, temos que fingir que não somos, especialmente em público, caso contrário, vamos castrá-lo.

12:38 E se questionarmos esta premissa? Porque é que o êxito duma mulher é uma ameaça para um homem? E se decidirmos eliminar essa palavra? Acho que não há palavra que mais detesto do que “castração”. Uma nigeriana minha conhecida perguntou-me se eu me preocupava por os homens se sentirem intimidados por mim. Eu não estava nada preocupada. Nunca me lembraria sentir-me preocupada porque um homem que fica intimidado comigo é o tipo de homem que não me interessa nada.

13:09 (Risos)

13:10 (Aplausos)

13:17 No entanto, fiquei a pensar nisso. Como sou mulher, pensa-se que eu quero casar. Esperam que eu faça as minhas escolhas sempre a pensar no casamento como uma prioridade. Um casamento pode ser uma coisa boa; pode ser uma fonte de alegria, de amor e de ajuda mútua. Mas porque é que ensinamos às raparigas que aspirem casar-se e não ensinamos o mesmo aos rapazes?

13:44 Conheço uma mulher que decidiu vender a sua casa para não intimidar um homem que casasse com ela. Conheço uma mulher solteira na Nigéria que

usa uma aliança, quando vai a conferências porque, segundo ela, ela quer que os outros participantes da conferência “a respeitem”. Conheço raparigas que estão sob tanta pressão da família, de amigos, até do trabalho para se casarem, que acabam por fazer péssimas escolhas. Uma mulher de certa idade, ainda solteira, é considerada pela sociedade como uma fracassada. Um homem de certa idade, ainda solteiro, é encarado como ainda não tendo feito a sua escolha.

14:26 (Risos)

14:27 É fácil dizermos: “As mulheres podem dizer não a isso tudo.” Mas a realidade é mais difícil e mais complexa. Somos todos seres sociais. Interiorizamos as ideias da nossa socialização. Até a linguagem que usamos ao falar do casamento e das relações ilustra isso. A linguagem do casamento é frequentemente a linguagem de posse em vez da linguagem de companheirismo. Usamos a palavra “respeito” como algo que uma mulher demonstra ao homem, mas não como algo que um homem demonstre a uma mulher.

14:59 Na Nigéria, homens e mulheres dirão: — esta é uma expressão que me diverte imenso — “Fiz isso para ter paz no meu casamento.” Quando os homens dizem isso, em geral é sobre algo que não deviam ter feito.

15:12 (Risos)

15:14 Às vezes, dizem-no aos amigos, é algo que se diz aos amigos de modo carinhoso, mas exasperado, como algo que prova a sua forte masculinidade, até que ponto necessitam dele e o amam. “A minha mulher não quer que eu saia todas as noites, “e eu, para ter paz no casamento, só saio ao fim-de-semana.”

15:31 (Risos)

15:33 Quando a mulher diz: “Fi-lo para ter paz no casamento” geralmente fala de ter desistido do trabalho, de um sonho, duma carreira. Ensinamos as raparigas que, numa relação, a mulher é quem faz um compromisso. Educamos as raparigas a competir umas com as outras, não por um emprego ou ações — o que acho ser uma coisa boa — mas pela atenção dos homens. Ensinamos às raparigas que não podem ser sexuais do mesmo modo que os rapazes são. Se temos filhos, não nos incomodamos com as namoradas deles. Mas quanto aos namorados das nossas filhas? Deus me livre!

16:10 (Risos)

16:12 Claro que, quando chega a hora, esperamos que as raparigas nos apresentem o homem perfeito que será o seu marido. Vigiamos as raparigas elogiamos as raparigas pela virgindade, mas não elogiamos os rapazes pela virgindade. Sempre me fez confusão como é que isso funciona, porque...

16:27 (Risos)

16:29 (Aplausos)

16:37 A perda da virgindade geralmente envolve um processo...

16:42 Recentemente, uma rapariga foi violada por um grupo numa universidade da Nigéria. Talvez tenham conhecimento disso. A reação de muitos jovens nigerianos, tanto rapazes como raparigas, foi mais ou menos assim: “Sim, a violação

é uma coisa errada. “Mas o que é que uma rapariga estava a fazer numa sala com quatro rapazes?” Pondo de lado a desumanidade terrível desta reação, estes nigerianos foram educados para pensar nas mulheres como inerentemente culpadas foram educados para esperar tão pouco dos homens que a ideia de homens como seres selvagens, sem qualquer controlo é, de certa forma, aceitável. Ensinamos a vergonha às raparigas. “Fecha as pernas!” “Tapa-te!” Fazemos com que elas sintam, só por terem nascido mulheres, que já são culpadas de qualquer coisa. Depois, as raparigas crescem e tornam-se mulheres que não veem que têm desejos. Tornam-se mulheres que se calam. Mulheres que não podem dizer o que pensam, e crescem — e essa é a pior coisa que fizemos às raparigas — crescem e transformam o fingimento numa forma de arte.

17:50 (Aplausos)

17:56 Conheço uma mulher que odeia o trabalho doméstico, odeia-o realmente, mas finge que gosta, porque foi ensinada que, para ser “boa esposa”, tem que ser — como se diz na Nigéria — muito “doméstica.” Depois, ela casou-se e, ao fim de um tempo, a família do marido começou a queixar-se de que ela tinha mudado.

18:18 (Risos)

18:19 Ela não tinha mudado, ela só ficou cansada de fingir.

18:24 O problema com os sexos, é que prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos.

18:32 Imaginem como seríamos muito mais felizes, muito mais livres para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas em relação aos sexos. Rapazes e raparigas têm inegavelmente uma biologia diferente, mas a sociedade exagera as diferenças e isso torna-se um processo de autocumprimento. Agora, vejamos a cozinha, por exemplo. As mulheres hoje, fazem mais trabalho doméstico do que os homens, cozinham e fazem as limpezas. Porquê? Porque as mulheres nasceram com um gene da cozinha?

19:05 (Risos)

19:06 Ou porque, ao longo dos anos, foram ensinadas para achar que é o papel delas? Eu diria que as mulheres talvez tenham nascido com um gene da cozinha, até me lembrar que a maioria dos cozinheiros mais famosos do mundo a quem damos o elegante título de “chefs” são homens.

19:22 Eu olhava para a minha avó, que era uma mulher muito brilhante, e pensava como ela teria sido se tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens, quando era criança.

19:32 Hoje, há muito mais oportunidades para as mulheres do que havia no tempo da minha avó por causa das mudanças na política e na lei, todas muito importantes. Mas o mais importante é a nossa atitude, a nossa mentalidade, aquilo em que acreditamos e que valorizamos quanto aos sexos. E se, na educação dos filhos, nos concentrássemos nas capacidades em vez de nos sexos? E se nos concentrássemos nos interesses em vez de nos sexos?

20:00 Conheço uma família que tem um filho e uma filha. São ambos brilhantes na escola, são crianças maravilhosas e adoráveis. Quando o rapaz está com fome, os pais dizem à rapariga: “Vai preparar um prato de massa para o teu irmão”.

20:12 A filha não gosta de cozinhar, especialmente um prato de massa, mas é uma rapariga, tem que o fazer. E se os pais, logo de início, ensinassem os dois a cozinhar? Cozinhar é uma capacidade muito útil para os rapazes. Sempre achei que não fazia sentido deixar uma coisa tão importante como a capacidade de se alimentar...

20:37 (Risos)

20:38 nas mãos de outras pessoas.

20:41 (Aplausos)

20:45 Conheço uma mulher que tem a mesma formação e o mesmo trabalho que o marido. Quando chegam a casa, ela faz quase todo o trabalho doméstico, como acontece em muitos casamentos. Mas o que me chocou neles, é que sempre que o marido mudava a fralda do bebé, ela dizia-lhe “obrigada”. E se ela visse como algo normal e natural ele cuidar do filho?

21:10 (Risos)

21:13 Estou a tentar desaprender muitas lições sobre sexos que interiorizei quando estava a crescer. Mas, às vezes, ainda me sinto vulnerável perante as expectativas dos sexos. A primeira vez que dei aulas na faculdade, andei preocupada. Não estava preocupada com a matéria que ia ensinar porque estava bem preparada, e ia ensinar o que gosto de ensinar. Estava preocupada com o que vestir. Queria ser levada a sério. Sabia que, por ser mulher, eu teria que provar o meu valor. E tinha medo de parecer muito feminina, e por isso não ser levada a sério. Eu queria usar batom e a minha saia mais feminina mas decidi não usar. Em vez disso, vesti uma roupa séria, um fato muito masculino e feio.

22:02 (Risos)

22:03 A triste verdade é que, quando se trata da aparência, temos o masculino como padrão, como a norma. Se um homem está a arranjar-se para uma reunião de negócios, ele não se preocupa em ser demasiado masculino e não ser valorizado. Se uma mulher se arranja para uma reunião de negócios, tem que se preocupar em não parecer demasiado feminina ou se vai ser levada a sério ou não.

22:27 Quem me dera não ter usado aquele horrível fato, naquele dia. Na verdade, retirei-o do armário. Se eu tivesse a confiança em mim que tenho hoje, os meus alunos teriam beneficiado ainda mais dos meus ensinamentos, porque eu estaria mais confortável e teria sido mais eu, mais verdadeiramente eu. Decidi nunca mais me desculpar por ser feminina e pela minha feminilidade.

22:53 (Aplausos)

22:59 Quero ser respeitada em toda a minha feminilidade porque eu mereço isso. A conversa sobre sexos não é uma conversa fácil. Tanto para homens como para mulheres, falar sobre sexos é encontrar uma resistência quase imediata. Posso imaginar pessoas aqui a pensar: “As mulheres também...” (Risos) Alguns homens podem estar a pensar: “Ok, tudo isso é interessante, “mas eu não penso assim.” Isso faz parte do problema.

23:29 O facto de muitos homens não pensarem na desigualdade de sexos ou não repararem na desigualdade de sexos faz parte do problema de sexos. O facto

de muitos homens dizerem, como o meu amigo Louis, que agora está tudo bem e que muitos homens não fazem nada para mudar as coisas. Se um homem vai a um restaurante com uma mulher e o criado só o cumprimenta a ele, será que o homem pensa em perguntar ao criado: “Porque não cumprimentou a senhora?” Porque o sexo pode ser...

23:59 (Risos)

24:08 É possível pôr de parte uma versão mais longa desta conversa. Como a conversa sobre sexos pode ser muito desconfortável há maneiras muito fáceis de acabar, de encerrar a conversa. Algumas pessoas vão falar da biologia evolutiva e dos macacos, como as macacas reverenciam os machos e esse tipo de coisa. Mas o facto é que nós não somos macacos.

24:31 (Risos)

24:33 (Aplausos)

24:37 Os macacos vivem em árvores e comem minhocas ao pequeno-almoço, nós não. Algumas pessoas dirão: “Os pobres homens também têm uma vida difícil”. É verdade. Mas não é disso...

24:52 (Risos)

24:53 Mas não é disso que estamos a falar. Sexo e classe são formas diferentes de opressão. Aprendi bastante sobre sistemas de opressão e como eles podem ser cegos uns para os outros, conversando com homens negros.

25:10 Uma vez estava a conversar com um negro, sobre sexos, e ele disse-me: “Porque é que você tem que dizer “a minha experiência enquanto mulher?” Porque é que não diz: “a sua experiência enquanto ser humano?” Esse foi o mesmo homem que falaria muitas vezes da sua experiência enquanto negro.

25:30 O sexo é importante. Os homens e as mulheres experimentam o mundo de forma diferente. O sexo influencia a forma como vemos o mundo. Mas podemos mudar isso.

25:39 Há pessoas que dirão: “Oh, mas as mulheres têm um poder real, “têm ‘bottom power.’” Para os não nigerianos, “bottom power” é uma expressão que suponho que significa algo como uma mulher que usa a sexualidade para obter favores de um homem. Mas “bottom power” não é poder nenhum. “Bottom power” significa que uma mulher tem boas raízes para ter acesso, de vez em quando, ao poder de outra pessoa. Assim, temos que nos interrogar

26:10 sobre o que acontece quando esse alguém está de mau humor ou doente ou impotente.

26:15 (Risos)

26:20 Há quem diga que a nossa cultura é uma mulher ser subordinada a um homem. Mas a cultura está sempre a mudar. Tenho duas lindas sobrinhas gémeas com 15 anos que vivem em Lagos. Se tivessem nascido há 100 anos, teriam sido levadas e mortas, porque na nossa cultura matavam-se os gémeos.

26:42 Então, para que serve a cultura? Há a parte decorativa, a dança... etc.,

mas a cultura também é a preservação e a continuidade de um povo. Na minha família, sou a filha que está mais interessada na história de quem somos, nas nossas tradições, no conhecimento das nossas terras ancestrais. Os meus irmãos não são tão interessados como eu. Mas eu não posso participar, não posso ir às reuniões “umunna”, não posso ter a palavra. Porque sou mulher. A cultura não faz as pessoas, as pessoas é que fazem a cultura. Então, se isso é verdade...

27:18 (Aplausos )

27:21 Então, se é verdade que a humanidade das mulheres não é a nossa cultura, temos que fazer com que passe a ser a nossa cultura.

27:30 Penso muito no meu querido amigo Okoloma Maduevesi. Que ele e todos os que morreram naquele acidente em Sosoliso descansem em paz. Ele será sempre lembrado por aqueles que o amaram. Tinha razão quando, há muitos anos, me chamou feminista.

27:50 Eu sou feminista. Quando olhei para esta palavra no dicionário, aquele dia, era isto que dizia: “Feminista: pessoa que acredita na igualdade social, política e económica dos sexos”. A minha bisavó, pelas histórias que eu ouvi, era feminista. Ela fugiu da casa de um homem com quem não queria casar-se e casou-se com o homem que escolheu. Recusou-se, protestou e falou alto, sempre que se sentia privada de acesso, de terras, dessas coisas.

28:23 A minha bisavó não conhecia esta palavra “feminista”. mas isso não significa que ela não fosse feminista. Devíamos recuperar esta palavra. A minha definição de feminista é: “Feminista é o homem ou a mulher “que diz...

28:40 (Risos)

28:43 (Aplausos)

28:50 Feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, há um problema com os sexos, “e temos que consertar isso. “Temos que fazer melhor.” O melhor feminista que conheço é o meu irmão Kene. Ele também é um homem gentil, lindo e amável, e é muito masculino.

29:12 Obrigada.

29:14 (Aplausos )

## Entrevistas

### Feminism & Identity

Name: Cláudia Ferreira

Age: 47

Occupation: Superior Technician and Reseracher

Artistic Currents and Intelctual Movements

Coimbra, Portugal

(This interview was made in portuguese and later translated. Here are shown only some excerpts from it)

Interview date: 22/02/2020

**Q: Women are portraying themselves as main theme in visual communication. How do you think graphic design can help spread the message?**

(...) Adrienne Rich says: “for many women I met, the need to start with the woman’s body—our own body—was seen [...] as the location of the territory of which one can speak with authority as a woman. Not by transcending this body, but by claiming it.” Taking into account that the feminine “image” was secular and fantastically produced, although forged by essentially male hands, it is natural, it seems to me, that women have an absolute need to position themselves bodily, unfolding in symbolic terms.

Beyond that reality, more constructivist, the woman’s body looms as a privileged place of/ from nature, and, therefore, as a more volcanic entity, I would say. The connotation of the feminine with Nature is not a peaceful assertion, although it undoubtedly stands out as a very precise heritage; without leaning towards an essentialist posture, but based on sexual difference, maintaining the more plastic and metamorphic criteria of the female body.

As to how graphic design can help, reinforcing, a message of collective resistance, or a collective cry, I reply that this is a discovery that should be made by each graphic designer in his particularity. In other words, there are no prescriptions, or at least I believe that there should not be, but convictions.

**Q: What are your hopes for the future?**

Hopes... my most daring hope is that hope itself will be, tirelessly, the future.

### Feminism and Activism

Name: Juliana Bosch

Age: 28

Occupation: Project supervisor in supply chain and operations and activist

Eindhoven, The Netherlands

(Juliana used the term “womxn”, during this interview. The term is an alternative spelling of the English word “woman”. It is used, particularly by intersectional feminists, to avoid perceived sexism in the standard spelling—which contains and derives from the word “man”—and to explicitly include or foreground transgender and nonbinary women. Womxn was first used after 2010 and has since been



Fig. 000  
Fotografia fornecida por Juliana Bosch

adopted by various organizations, including university groups in the US and UK. The term has been praised as being more inclusive than women and other terms, such as “womyn”.

Interview date: 06/10/2020

**Q: Why are you a feminist?**

We all have live our lives thinking that everything that happens to you is normal, that is normal to have an aggressive boyfriend, to be harassed, to have less voice in a classroom, to have different opportunities at work, to have a constant pressure from society to look in a certain way or to not be able to decide over your body. I lived all that in my life, just feeling annoyed about why things are like this. Why isn't our world equal when everyone says it is. And everyone keep answering me that my life was based in my decisions. I was 19. Always into politics and always with a beautiful anger inside, anger that made me curious. To be able to deconstruct my life and understand that things shouldn't be the way they are. I consider that all that adding to my constant activism to fight against patriarchy makes me a feminist.

**Q: How did you became a feminist? (Through family, or friends influence, through a group, after reading a book, etc)**

I started calling myself a feminist when I was living and studying my Economy degree in Bueno Aires, Argentina. I first joined the amazing students movement inside Economy University to help fighting for students' rights and defend the public university system.



Fig. 000  
The Wave Eindhoven logótipo.  
@thewave.eindhoven

Afterwards that guided me to a feminist group that invited me to present the march “Ni Una Menos” (not one less). (Ni Una Menos) is a movement against street harassment and femicides in the country. Back then 1 womxn was murdered every 18 hours and that coming to light made all womxn take to the streets, uniting forces for a change.

I can't help including the influence from participating in manifestations for the legalization of abortion. And attending an encounter where 60,000 womxn gathered from all across the country.

**Q: Are you in any feminist group/movement? If yes, what is your role in it?**

Yes, I am the founder of a feminist group called “The Wave”, in a city from the south of the Netherlands named Eindhoven. I created it because when I moved I realized that there were no feminists groups in the city and several womxn were searching for one.

**Q: What type of participants do you have in that group? (participants' backgrounds)**

It's a very diverse group. First of all, we are all from different countries: Spain, France, Netherlands, Argentina, Iran, Mexico, United States of America, Brazil, Venezuela, Turkey, Italy, etc. Our professions are also very different, from several engineers (mechanical, environmental, business), to designers, musicians and more. We are very happy that our group was formed in this big diversity (...) We are constantly learning with eachother and we can create events in very disctinct areas.

**Q: Women are portraying themselves as main theme in visual communication. How do you think graphic design can help spreading the message?**

I believe that womxn are portraying themselves as real womxn in the world. Real womxn that have all kinds of professions, skin colours and forms. Free womxn that choose their paths and empower the womxn next to them. That helps breaking our stereotypes. Stereotypes are the base of patriarchy because lead to unconsciousness of what are the roles of each gender in our world and guide people to where is convenient to the system. We, feminists, need to

work on breaking gender stereotypes.

**Q: Finally, what are your hopes for the future?**

My hope for the future is to speed up to equality. We are giving steps forward however to achieve equality we are still far. My hopes are that everyone will open their eyes and speak up, break taboos and open a real and truly free life for everyone.



**Fig. 000**  
Fotografia fornecida por  
Inês Mourão

**Feminism & Graphic Design**

Name: Inês Mourão

Age: 24

Occupation: Activist/ Graphic Designer/ Art Director/  
Rapper

Lisbon, Portugal

Interview date: 01/10/2020

**Q: Why are you a feminist?**

How could I not be? Feminism is essential.

**Q: How did you become a feminist? (Through family, or friends influence, through a group, after reading a book, etc)**

When I look back, I think it was a gradual process, it grew in me with time and experiences. At a very young age I decided to start making music—hip hop, specifically. There was an accentuated “boys club” environment that constantly insisted that I either crush my femininity or

sexualize it, and disregard most of my inputs. I didn't know exactly why, but there were very few females around (that circle) that I could discuss that situation with. Luckily, I found a few who empowered me to fight these social constructs, a feeling I already had inside but wasn't quite sure I was “allowed” to unleash. As time went by, I started to research these new concepts I was introduced to: activism, feminism, misogyny, patriarchy, etc. I started to feel the power of female energy and felt the urge to share it and run a platform to support others who might have felt like me—and that's when the Nasty Women Movement came up.

**Q: Are you in any feminist group/movement? If yes, what is your role in it?**

I am the founder and curator of Nasty Women Portugal, a global art and activist movement that serves to demonstrate solidarity among artists who identify with being a Nasty Woman in the face of threats to roll back women's rights, individual rights, and abortion rights.

A big part of my role, I'd say, is research. I need to pay close attention to what is happening in the world, to what the different communities and cultures are experiencing, and what are their needs. Afterwards, my job is to come up with different ways Nasty Women Portugal can help.

Because I'm running an activist art movement, I also look for upcoming artists and try to bring them to the center stage of our platform, you know, give them space to express themselves and promote their work. I try to make this selection as inclusive as possible. In 2020, with the current pandemic, it was not possible to host our yearly exhibition, however, in the previous years, my role would also include graphic design, packaging and courier, wall-installation, street-advertising, team leading, video-editing, and all the roles you need to set up an exhibition and promote it online! (laughs)

**Q: What type of participants do you have in that group? (participants' backgrounds)**

I had a wonderful team of volunteers for the first time in 2019. Each one of them had a

different personal and professional background which was very important to the exhibition's success. I said it once, and I stick with it today: mixing cultures, expertise, perceptions and experiences is key to broaden your own constructs, to broaden the meanings you attribute to the several concepts you learn. It also allows you to put yourself in each others' shoes. Our team included both national and international, men and women, of multiple ethnicities and belief systems.

Q: Women are portraying themselves as main theme in visual communication. How do you think graphic design can help spreading the message?

Graphic design goes hand-in-hand with the marketing departments. In agencies, they are the ones telling the story, and we have to gather the tools to make it appealing and to fit the purpose. So I think we should start by re-thinking the purposes of certain projects, and what exactly we want to appeal to, as well as the effect it will have on our society in a long-term basis. Then, designers can help shape new ways to communicate these stories—more inclusive and responsible ways. We must be committed to find the most effective path to deliver a message which, for some, might be hard to understand, and committed to do it in a way that provokes self-awareness in the viewers, and subsequently generates positive action within the community. We can commit to defy the consumers habits simply by adapting the imagery use to promote certain products, for example. I truly believe we can become visual activists. Step by step, we're educating people, and we're also challenging our own beliefs.

Q: What are your hopes for the future?

There are so many things I could address, and many things that I hope for. One of those things is that we can put more women in powerful positions, but I also hope we can be inclusive in those appointments. We need to trust black women, indigenous women, trans women and so on. If we get there, I truly believe that other communities will be included in the decision-making. I hope we can choose humanity over greed, and we can learn to co-exist in a respectful, dignified and prosperous way.

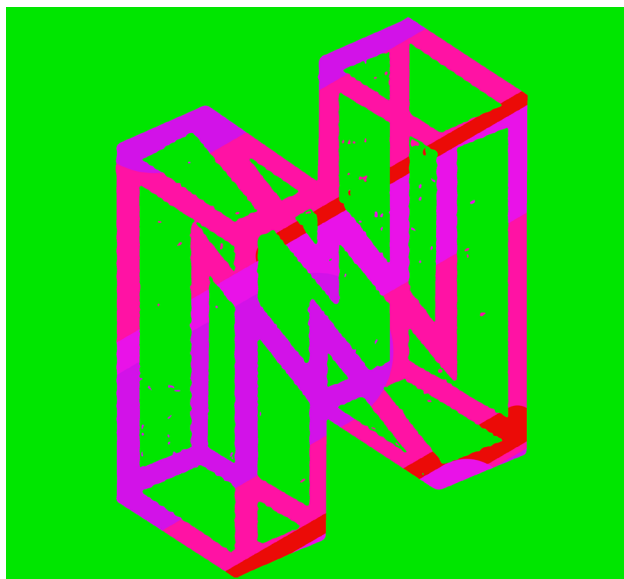


Fig. 000  
Nasty Women logótipo.  
<http://nastywomenexhibition.org>



## Cólofon

Este relatório foi escrito utilizando duas fontes tipográficas.

Nos títulos, subtítulos e notas

Fonte: Montserrat

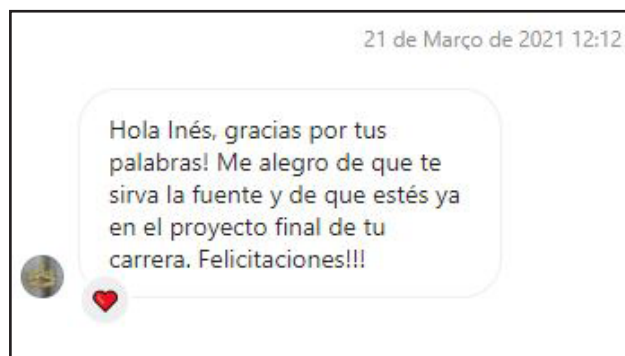
Tipologia: Sem serifa

Criada por: Julieta Ulnavosky

Data: 2011

Licença: Open Font License (Livre)

A inspiração desta fonte veio de cartazes e sinais tradicionais antigos encontrados no bairro histórico de Montserrat em Buenos Aires, onde vive Julieta Ulnavosky. Fiz questão de utilizar este tipo de letra por razões estéticas, já que é uma fonte que consegue ser neutra e intemporal, adequando-se ao vasto público que poderá ter acesso ao projecto. Numa motivação pessoal, teve-se em atenção em utilizar uma letra desenhada por uma mulher, para cumprir a promessa pessoal de conhecer o trabalho de mulheres notáveis em várias áreas.



Embora a fonte seja livre para uso pessoal e comercial, entrei em contacto com a Julieta Ulnavosky. Esta foi a resposta! :)

No texto corrente

Fonte: Nimbus Roman No9 L

Tipologia: Com serifa

Criada por: Estúdio URW((Stanley Morison e Victor Lardent)

Data: 1982

Licença: Open Font License (Livre)

Embora os caracteres não sejam exatamente iguais, Nimbus Roman No 9 L tem métricas quase idênticas a Times e Times New Roman. É uma das fontes Ghostscript, uma alternativa gratuita a 35 fontes PostScript básicas.

Numa nota menos romântica e mais realista, escolheu-se fontes livres, por motivações económicas, mas, felizmente, a oferta existente é muito satisfatória e serviu na perfeição para este relatório e para o projecto.



**A feminist (...) says, “Yes, there’s a problem with gender as it is today, and we must fix it. We must do better.”**

**Chimamanda Ngozi Adichie**